



ISABEL LOUREIRO (ORG.)

ROSA LUXEMBURGO  
*textos escolhidos*







ISABEL LOUREIRO (ORG.)

ROSA LUXEMBURGO  
*textos escolhidos*

Tradução e apresentação: Isabel Loureiro

1ª edição

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

São Paulo - 2009





Copyright © 2009, by Editora Expressão Popular

Revisão: *Geraldo Martins de Azevedo Filho e Ricardo Nascimento Barreiros*

Projeto gráfico diagramação e capa: *ZAP Design*.

Foto da capa: *Acervo Instituto Rosa-Luxemburg-Stiftung*

Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R788 Rosa Luxemburgo textos escolhidos / Isabel Loureiro  
(org.); , tradução e apresentação de Isabel Loureiro  
--1.ed.-- São Paulo : Expressão Popular :  
2009.  
152p.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>.  
ISBN 978-85-7743-129-8

1. Luxemburgo, Rosa, 1870-1919. 2. Rosa Luxemburgo –  
Textos escolhidos. I. Loureiro, Isabel, 1952-. II. Título.

CDD 320.5315  
320.531092

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2009

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 197 - Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo-SP

Fone/Fax: (11) 3105-9500

[vendas@expressaopopular.com.br](mailto:vendas@expressaopopular.com.br)

[www.expressaopopular.com.br](http://www.expressaopopular.com.br)





## Sumário

Apresentação .....	7
Reforma social ou revolução? (1899) .....	11
Questões de organização da social-democracia russa (1904).....	37
Greve de massas, partido e sindicatos (1906) .....	47
A acumulação do capital (1913) .....	67
A crise da social-democracia (brochura de Junius) (1916).....	77
A Revolução Russa (1918).....	101
O que quer a Liga Spartakus? (1918).....	119
Nosso programa e a situação política (31 de dezembro de 1918) .....	131







## APRESENTAÇÃO

Rosa Luxemburgo nasce em 5 de março de 1871, em Zamość, pequena cidade da Polônia ocupada pela Rússia, quinta filha de uma família judia emancipada e culta. Em Varsóvia frequenta o liceu russo para moças onde começa a participar do movimento operário polonês, ilegal. Para escapar à perseguição política, com 18 anos incompletos, refugia-se na Suíça. Na universidade de Zurique estuda Ciências Naturais, Matemática, Direito e Economia Política. Com 22 anos, funda, com Leo Jogiches, Julian Marchlewski e Adolf Warski, a Social-Democracia do Reino da Polônia (SDKP), rebatizada em 1900 de Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia (SDKPiL). Os dirigentes do pequeno partido decidem editar em Paris um jornal polonês, *A Causa Operária*. Rosa, encarregada praticamente sozinha da redação do jornal, passará longos períodos na cidade de 1894 a 1896. Em 1897, aos 26 anos, defende o doutorado sobre o desenvolvimento industrial da Polônia, logo publicado por uma grande editora de Leipzig. Um ano depois vai para Berlim militar na social-democracia alemã (SPD), onde se torna conhecida com o escrito contra Eduard Bernstein, *Reforma social ou revolução?* (1899).

Durante dez anos (1904-1914) Rosa Luxemburgo representou o SDKPiL no *Bureau* socialista internacional em Bruxelas. De volta do Congresso da Segunda Internacional em Amsterdã (agosto de 1904), é encarcerada durante dois meses, acusada de ter ofendido o imperador Guilherme II em um de seus artigos. No início de 1906 viaja ilegalmente para Varsóvia, a fim de tomar parte na revolução russa que havia começado um ano antes. Detida junto com Leo Jogiches, passa quatro meses na prisão em Varsóvia. Li-





bertada depois de pagamento de fiança pelo SPD, retorna a Berlim e começa a defender ardorosamente a greve de massas, como nova tática revolucionária. De 1907 a 1914 leciona na escola de quadros do partido. Desse trabalho como professora saem suas obras de economia política, *A acumulação do capital* (1913) e *Introdução à Economia Política* (1925). Com outros seis companheiros de partido, entre eles Karl Liebknecht, Clara Zetkin e Franz Mehring, funda, em 1914, em protesto contra a aprovação dos créditos de guerra pela social-democracia alemã, o Grupo Internacional, que em novembro de 1918 passará a chamar-se Liga Spartakus.

Preso durante um ano (fevereiro de 1915 a fevereiro de 1916), acusada de agitação antimilitarista, ela escreve *A crise da social-democracia*, publicada em abril de 1916, sob o pseudônimo de Junius. Algum tempo depois de ser libertada, participa da manifestação de 1º de maio de 1916, convocada pelos espartakistas. Devido à militância contra a guerra é novamente encarcerada em julho desse ano (“prisão preventiva”). Na prisão, escreve a brochura que ficou conhecida como *A revolução russa*, além de cartas aos amigos, publicadas postumamente. É libertada em 8 de novembro de 1918, no início da revolução alemã. Nessa época dirige o jornal *Die Rote Fahne* [A Bandeira Vermelha], escrevendo artigos ácidos contra o governo social-democrata de Ebert/Scheidemann, acusando-o de sufocar o processo revolucionário. No fim de dezembro de 1918/início de janeiro de 1919 participa da fundação do Partido Comunista Alemão (KPD). É preso junto com Karl Liebknecht, durante o que ficou conhecido como “insurreição de janeiro”. Ambos são brutalmente assassinados no dia 15 de janeiro de 1919 por tropas do governo. Rosa tinha 48 anos. Os assassinos não foram condenados.

A obra de Rosa Luxemburgo pode ser dividida em dois grandes períodos:<sup>1</sup> o primeiro, englobando os 23 anos que vão de 1891 a

<sup>1</sup> Cf. Georges Haupt, “Apresentação a Rosa Luxemburgo”, *Vive la lutte! Correspondance 1891-1914*, Paris, Maspero, 1976.





1914, muito ricos em termos teóricos, tem como fio condutor a criação, o apogeu e o desmoronamento da Segunda Internacional. O segundo grande período de sua vida e obra, que vai de 1914 a 1919, é dominado num primeiro momento pela Primeira Guerra Mundial e, em seguida, pelas revoluções russa e alemã.

\*\*\*

Nesta coletânea, publicamos, em ordem cronológica, trechos dos escritos mais importantes de Rosa Luxemburgo, de modo a dar uma visão sucinta e coerente das ideias políticas de uma das maiores revolucionárias marxistas do século 20. Uma parte desses escritos já havia sido publicada no Brasil em traduções precárias e/ou envelhecidas, raramente feitas a partir do original alemão. Com o objetivo de apresentar uma publicação confiável do ponto de vista acadêmico, essas traduções foram revistas e melhoradas, com base na edição alemã das *Obras completas* de Rosa Luxemburgo, publicada pela editora Dietz de Berlim, entre 1970 e 1975.

A iniciativa de divulgar num só volume o essencial da obra de Rosa Luxemburgo, esparso em publicações quase sempre esgotadas, tem uma clara intenção didática: introduzir os militantes dos movimentos sociais a um dos pensamentos políticos mais criativos do século 20. Com esse intuito, antes de cada um dos textos há um breve comentário contextualizando cada um deles. Esperamos, com isso, despertar o interesse dos que se situam no campo socialista para que continuem e aprofundem o estudo de ideias que, durante a maior parte do século passado, foram incompreendidas e estigmatizadas pela corrente vencedora da esquerda, o chamado marxismo-leninismo, cuja principal missão consistia em legitimar o poder da burocracia comunista.

Se existe alguma ideia consensual para a esquerda contemporânea é que ela precisa urgentemente se reinventar, no Brasil e no mundo. Rosa Luxemburgo, com sua confiança na criatividade da





ação autônoma das massas populares, sua fidelidade à democracia de base, sua defesa enérgica do espaço público como antídoto contra a burocracia, sua obsessão pela liberdade coletiva e individual, sua aposta no socialismo democrático como única alternativa à barbárie capitalista, pode contribuir para essa reinvenção.





## REFORMA SOCIAL OU REVOLUÇÃO? (1899)

Em 1896-1898, o eminente teórico socialista Eduard Bernstein, amigo de Engels e executor testamentário de Marx, publica uma série de artigos na revista teórica da social-democracia alemã, *Die Neue Zeit* [O novo tempo] e em seguida no livro *As premissas do socialismo e as tarefas da social-democracia* (1899), em que se propõe a revisar alguns pontos da teoria marxista que julga ultrapassados.

A partir de uma série de dados empíricos conjunturais, Bernstein defende a tese de que o capitalismo vinha desenvolvendo mecanismos de adaptação que impediriam crises no futuro, tornando sua evolução contínua e pacífica. Nessa medida, o Partido Social-Democrata Alemão deveria deixar de lado a retórica revolucionária e investir todas as energias na luta parlamentar por reformas, pois isso fortaleceria o proletariado e o faria chegar ao poder por meios eleitorais e, portanto, pacíficos. Era necessário rever a teoria de Marx (daí o nome de revisionismo dado às suas ideias), cujo pecado central consistia no apego à dialética hegeliana, que o tinha levado a uma série de prognósticos equivocados: fim das pequenas empresas, proletarização da classe média e dos camponeses, agravamento





das crises etc. Ele concluía que a propaganda socialista não devia enfatizar o fim socialista do futuro, mas as pequenas conquistas cotidianas que melhoravam as condições de vida da classe operária.

Rosa Luxemburgo responde a Bernstein numa série de artigos no jornal *Leipziger Volkszeitung* (21 a 28/9/1898; 4 a 8/4/1899), que serão reunidos numa brochura intitulada *Reforma social ou revolução?*, publicada em Leipzig, em abril de 1899. Num tom fortemente polêmico, defende a ideia de que reforma e revolução não se opõem, mas que a luta por reformas é a maneira de educar politicamente o proletariado, de levá-lo a adquirir consciência de classe. No entanto, as reformas não alteram o caráter básico do capitalismo, nem resolvem suas contradições. Crises e guerras eram o resultado dessas contradições, e com elas o proletariado perdia novamente direitos que já havia conquistado.

Hoje é mais fácil do que nunca constatar que Rosa teve razão contra Bernstein: o capitalismo não foi capaz de se estabilizar, como provam as crises de 1929, de 2008, as duas Guerras Mundiais, a Guerra Fria, as guerras locais ao redor do mundo, só para mencionar uma pequena lista. Contudo, sua previsão quanto à inelutabilidade da revolução socialista - em várias passagens deste e de outros escritos, exposta num tom dogmático, bastante característico da época de certezas anterior à Primeira Guerra Mundial -, como resultado do colapso do capitalismo, tampouco se verificou.





Esta brochura foi um marco na carreira de Rosa Luxemburgo. Ela alcançou um sucesso extraordinário na social-democracia alemã e internacional, fazendo com que a jovem polonesa de 28 anos passasse a ser admirada por seu talento polêmico e respeitada pelo conhecimento que demonstrava da teoria marxista.

### Prefácio

À primeira vista o título desta obra pode surpreender. *Reforma social ou revolução?* Pode então a social-democracia ser *contra* as reformas sociais? Ou pode ela *opor* a revolução social, a transformação da ordem existente, que constitui a sua finalidade, às reformas sociais? Certamente que não. A luta cotidiana prática por reformas sociais, pela melhoria da situação do povo trabalhador no próprio quadro do regime existente, pelas instituições democráticas, constitui, mesmo para a social-democracia, o único meio de travar a luta de classe proletária e de trabalhar no sentido de atingir o objetivo final: a conquista do poder político e a abolição do sistema de assalariamento. Para a social-democracia existe uma conexão indissolúvel entre as reformas sociais e a revolução: a luta pelas reformas sociais constitui o *meio*, mas a revolução social constitui o *fim*.

É na teoria de Eduard Bernstein, tal como ele a expôs em seus artigos sobre os “Problemas do socialismo”, publicados na *Neue Zeit* em 1896-1897, e principalmente no seu livro intitulado *As premissas do socialismo e as tarefas da social-democracia* que encontramos pela primeira vez essa oposição dos dois fatores do movimento operário. Praticamente toda essa teoria só tende a aconselhar a renúncia à transformação social, objetivo final da social-democracia, e a fazer, ao contrário, da reforma social – simples *meio* na luta de classes – o seu *fim*. É o próprio Bernstein





que formula de modo mais claro e mais característico o seu ponto de vista, quando escreve: “Para mim, o objetivo final, qualquer que seja ele, não é nada; o movimento é tudo”.

Mas, como o objetivo final do socialismo é o único fator decisivo que distingue o movimento social-democrata da democracia burguesa e do radicalismo burguês, o único fator que transforma todo o movimento operário, de um inútil trabalho de remendão para salvar a ordem capitalista, numa luta de classe contra essa ordem, pela sua abolição, a questão “reforma ou revolução?”, tal como a põe Bernstein, equivale para a social-democracia à questão “ser ou não ser”. Na controvérsia com Bernstein e seus partidários, todos no partido devem compreender claramente que não se trata deste ou daquele método de luta, do emprego desta ou daquela *tática*, mas da própria *existência* do movimento socialista.

[Não se poderia insultar mais grosseiramente, desprezar mais completamente a classe trabalhadora do que afirmar que as discussões teóricas são somente coisa de “acadêmicos”. Lassalle disse uma vez: só quando a ciência e o trabalhador, esses dois polos opostos da sociedade, se unirem, é que eles afastarão, com seus braços poderosos, todos os obstáculos no caminho da civilização. Todo o poder do movimento operário moderno repousa sobre o conhecimento teórico.]<sup>2</sup>

Mas, no caso em questão, é duplamente importante para os operários o conhecimento desse fato, porque é precisamente deles e de sua influência no movimento operário que se trata aqui, porque é sua própria pele que é levada ao mercado. A corrente oportunista, cuja teoria foi formulada por Bernstein, nada mais é que uma tentativa inconsciente de garantir no partido o predomínio dos elementos pequeno-burgueses que a ele aderiram, e de remodelar a política e os fins do partido de acordo com a sua concepção. Vista

<sup>2</sup> Este parágrafo não consta da segunda edição, de 1908, revista por Rosa Luxemburgo, base da presente tradução.





de outra perspectiva, a questão da reforma social e da revolução, do objetivo final e do movimento, é a questão do *caráter pequeno-burguês ou proletário do movimento operário*.

Berlim, 18 de abril de 1899

Rosa Luxemburgo

### PRIMEIRA PARTE<sup>3</sup>

#### O método oportunista

Se as teorias não passam de imagens dos fenômenos do mundo exterior na consciência humana, é preciso acrescentar, em todo o caso, no que concerne à teoria de Eduard Bernstein, que às vezes são imagens invertidas. Uma teoria da instituição do socialismo pelas reformas sociais – depois da completa estagnação do movimento pelas reformas sociais na Alemanha; do controle da produção pelos sindicatos – depois da derrota dos metalúrgicos ingleses; da conquista da maioria no Parlamento – depois da revisão da Constituição saxônica e dos atentados contra o sufrágio universal! Mas o pivô da teoria de Bernstein não está, a nosso ver, em sua concepção das tarefas práticas da social-democracia, mas sim no que diz ele do curso do desenvolvimento objetivo da sociedade capitalista, e que aliás se relaciona estreitamente com a sua concepção das tarefas práticas da social-democracia.

Segundo Bernstein, um colapso geral do capitalismo aparece como cada vez mais improvável, de um lado, porque o sistema capitalista manifesta uma capacidade de adaptação cada vez maior e, de outro, porque a produção se diferencia cada vez mais. A capacidade de adaptação do capitalismo manifesta-se, segundo

<sup>3</sup> Crítica dos artigos de Bernstein publicados na *Neue Zeit* 1896-1897, com o título de “Problemas do socialismo”.





Bernstein, em primeiro lugar no desaparecimento das *crises* gerais, graças ao desenvolvimento do sistema de crédito e das organizações patronais, das comunicações e do serviço de informações; segundo, na permanência tenaz das classes médias, como consequência da diferenciação crescente dos ramos de produção, e da elevação de grandes camadas do proletariado ao nível da classe média; em terceiro lugar, enfim, na melhoria da situação econômica e política do proletariado, como resultado da luta sindical.

Para a sua luta prática, decorre, do que ficou dito, a conclusão geral de que não deve a social-democracia dirigir a sua atividade no sentido da conquista do poder político, mas da melhoria da situação da classe operária, e da instituição do socialismo, não como consequência de uma crise social e política, mas por meio da extensão progressiva do controle social e da aplicação gradual do princípio das cooperativas.

O próprio Bernstein nada vê de novo na sua teoria. Ao contrário, julga-a de conformidade tanto com certas declarações de Marx e Engels, quanto com a política geral da social-democracia. Contudo, parece-nos difícil negar que as concepções de Bernstein estejam, de fato, em contradição absoluta com as concepções do socialismo científico.

Se o revisionismo de Bernstein consistisse apenas em afirmar que a marcha do desenvolvimento capitalista é muito mais lenta do que se pensa em geral, isso, de fato, não teria outra consequência que o adiamento da conquista do poder pelo proletariado, com a qual, até agora, todos concordavam; resultaria, no máximo, numa diminuição do ritmo da luta.

Mas não é esse o caso. Não é a rapidez do desenvolvimento da sociedade capitalista que Bernstein põe em causa, mas a marcha desse desenvolvimento mesmo, e por conseguinte da passagem ao regime socialista.

Se a teoria socialista afirmava até agora que o ponto de partida da transformação socialista seria uma crise geral e catastrófica,





é preciso, a nosso ver, distinguir, a respeito, duas coisas: a ideia fundamental que essa teoria contém e sua forma exterior.

A ideia consiste na afirmação de que o regime capitalista, devido às suas próprias contradições internas, prepara por si mesmo o momento em que tem de ser desmantelado, em que se tornará simplesmente impossível. Que se tenha considerado esse momento sob a forma de uma crise comercial geral e catastrófica, não deixa de ser de importância inteiramente secundária para a ideia fundamental, embora houvesse para isso muito boas razões.

Baseia-se o fundamento científico do socialismo, como é sabido, em *três* resultados principais do desenvolvimento capitalista: primeiro, na *anarquia* crescente da economia capitalista, a qual conduz à sua ruína inevitável; segundo, na *socialização* crescente do processo de produção, que cria os germes do regime social futuro, e terceiro, no poder crescente da *organização e da consciência de classe* do proletariado, que constitui o fator ativo da próxima revolução.

É o *primeiro* desses três pilares fundamentais do socialismo científico que Bernstein suprime, pretendendo que o desenvolvimento capitalista não se encaminha para um *crack* econômico geral.

Mas, com isso, não é apenas uma determinada *forma* do desmoronamento do regime capitalista que ele rejeita, é o próprio desmoronamento. Diz textualmente:

Poder-se-ia objetar que, quando se fala do colapso da sociedade atual, se tem em vista outra coisa que uma crise comercial geral e mais forte que as outras, isto é, um colapso completo do sistema capitalista, que seria consequência de suas próprias contradições. – E a isso responde ele – Com o desenvolvimento progressivo da sociedade, um colapso completo e mais ou menos simultâneo do sistema de produção atual se torna cada vez mais improvável, porque, com ele, aumenta, de um lado, a capacidade de adaptação e, do outro – ou por isso mesmo –, a diversificação da indústria.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> *Neue Zeit*, 1897/1998, v.18, p. 555.





Mas então se põe a questão capital: nesse caso, como e por que havemos de chegar, em geral, à finalidade de nossas aspirações? Do ponto de vista do socialismo científico, a necessidade histórica da revolução socialista manifesta-se antes de tudo na anarquia crescente do sistema capitalista, anarquia essa que o leva a um impasse. Mas se admitirmos com Bernstein que o desenvolvimento capitalista não conduz à sua própria ruína, então o socialismo deixa de *ser objetivamente necessário*. Dos alicerces da explicação científica do socialismo só restam, então, os outros dois resultados do regime capitalista, isto é: a socialização do processo de produção e a consciência de classe do proletariado. É também o que Bernstein tem em vista quando diz:

O ideário socialista, com isso (com a supressão da teoria do colapso – RL), nada perde de sua força persuasiva. Porque, se os examinarmos atentamente, que são os fatores todos por nós enumerados, de supressão ou modificação das crises antigas? Na verdade, nada mais que condições, e até mesmo, em parte, germes de socialização da produção e da troca.<sup>5</sup>

Basta contudo um pouco de atenção para que se compreenda que essa conclusão é igualmente falsa. Em que consiste a importância dos fenômenos caracterizados por Bernstein como meios de adaptação capitalista, isto é, dos cartéis, sistema de crédito, desenvolvimento dos meios de comunicação, melhoria da situação da classe operária etc.? Manifestamente, em que eles suprimem, ou pelo menos atenuam, as contradições internas da economia capitalista e impedem o desenvolvimento e o agravamento destas. Assim, a supressão das crises significa supressão do antagonismo entre a produção e a troca na base capitalista, a melhoria da situação da classe operária, quer como classe operária, quer na medida em que algumas de suas frações penetram na classe média, significa atenuação do antagonismo entre capital e trabalho. Mas se os cartéis, o sistema de crédito, os sindicatos etc., suprimem assim as

<sup>5</sup> *Idem*, p. 554.





contradições capitalistas e se, por conseguinte, salvam da ruína o sistema capitalista, se permitem ao capitalismo conservar-se em vida – é por isso que Bernstein os chama de “meios de adaptação” –, como podem eles, ao mesmo tempo, ser “condições e mesmo, em parte, germes” do socialismo? Manifestamente, só no sentido de exprimirem eles, com maior clareza, o caráter social da produção. Mas, conservando-a na sua *forma* capitalista, tornam supérflua, inversamente, nessa mesma medida, a transformação dessa produção socializada em produção socialista. Eis porque só podem ser germes ou condições do regime socialista em sentido teórico, e não em sentido histórico, isto é, são fenômenos que, nós o *sabemos* em virtude de nossa concepção do socialismo, lhe são afins mas, de fato, não só não conduzem à revolução socialista, como a tornam, ao contrário, supérflua. Portanto, resta apenas a consciência de classe do proletariado como fator do socialismo. Mas nesse caso esta também não é o simples reflexo intelectual das contradições crescentes do capitalismo e de sua derrocada próxima, uma vez que os meios de adaptação a impedem, mas um simples ideal, repousando sua força de persuasão unicamente nas perfeições que lhe são atribuídas.

Em suma, chegamos assim a uma explicação do programa socialista por intermédio da “razão pura”, o que quer dizer, em linguagem mais simples, uma explicação idealista, ao passo que desaparece a necessidade objetiva do socialismo, isto é, a fundamentação do socialismo por meio da marcha do desenvolvimento material da sociedade. A teoria revisionista está diante de um dilema: ou a transformação socialista é, como em geral se admitia até agora, consequência das contradições internas da ordem capitalista, e então, ao mesmo tempo que ela, se desenvolvem igualmente as suas contradições, resultando daí que o seu colapso de uma forma ou outra, é inevitável, num momento dado, e nesse caso os “meios de adaptação” são ineficazes e a teoria do colapso é justa. Ou então os “meios de adaptação” são realmente de natureza a impedir um





colapso do sistema capitalista e, por conseguinte, tornar o capitalismo capaz de se conservar com vida, portanto de suprimir as suas contradições; mas, nesse último caso, o *socialismo* deixa de ser uma necessidade histórica, e será então o que se queira, menos o resultado do desenvolvimento material da sociedade.

Esse dilema leva a outro: ou o revisionismo tem razão no que diz respeito à marcha do desenvolvimento capitalista, e a transformação socialista da sociedade não passa de utopia, ou, então, o socialismo não é utopia, e logo a teoria dos “meios de adaptação” é errada. *That is the question*, essa é a questão.

## SEGUNDA PARTE<sup>6</sup>

### **Desenvolvimento econômico e socialismo**

[...] No tocante a esta questão decisiva – a anarquia na economia capitalista –, o próprio Bernstein não nega as crises parciais e nacionais, mas só as grandes crises gerais. Nega com isso muito da anarquia, reconhecendo apenas um pouquinho dela. Segundo Bernstein, na economia capitalista – para falar como Marx – dá-se o mesmo que com aquela virgem tonta e seu filho “que era muito pequenininho”. Mas a infelicidade, nesse caso, é que para coisas tais como a anarquia, o pouco e o muito são igualmente ruins. Se Bernstein reconhece a existência de um pouco de anarquia, o próprio mecanismo da economia mercantil providencia o aumento colossal desta anarquia – até o colapso. Mas se, mantendo-se o regime da produção de mercadorias, Bernstein espera transformar gradualmente em harmonia e ordem esse pouco de anarquia, mais uma vez vem ele cair num dos erros mais fundamentais da economia burguesa vulgar, que considera o modo de troca independente do modo de produção.

<sup>6</sup> Crítica do livro de Bernstein *As premissas do socialismo e as tarefas da social-democracia*.





Não vem ao caso mostrar aqui em toda a sua amplitude a surpreendente confusão de que Bernstein dá prova em todo o seu livro, no que concerne aos princípios mais elementares da economia política. Mas há um ponto a que somos levados pela questão fundamental da anarquia capitalista, e que é preciso esclarecer em poucas palavras.

Bernstein declara uma simples abstração a *lei do valor-trabalho* de Marx, o que constitui evidentemente uma injúria em economia política. Mas se o valor-trabalho é uma simples abstração, “uma construção do espírito”, todo cidadão normal que fez o serviço militar e paga regularmente os impostos tem o mesmo direito que Karl Marx de fazer de qualquer disparate uma “construção do espírito”, tal como a lei do valor.

Marx tem o mesmo direito de desprezar as qualidades das mercadorias até se tornarem elas puras encarnações de qualidades de simples trabalho humano, como têm os economistas da escola Boehm-Jevons de fazer abstração de todas as qualidades das mercadorias exceto a utilidade delas (pp. 41-42).

Por conseguinte, o trabalho social de Marx e a utilidade abstrata de Menger são exatamente a mesma coisa para Bernstein: uma pura abstração. Esquece-se completamente, entretanto, de que a abstração de Marx não é uma invenção, e sim uma descoberta, que não existe na cabeça de Marx e sim na economia mercantil, que não tem existência imaginária, e sim existência social real, tão real que pode ser cortada e martelada, pesada e cunhada. Sob sua forma desenvolvida, não é o trabalho abstrato, humano, descoberto por Marx, outra coisa senão o *dinheiro*. E é esta precisamente uma das mais geniais descobertas econômicas de Marx, ao passo que, para toda a economia política burguesa, do primeiro mercantilista ao último dos clássicos, a essência mística do dinheiro permaneceu um enigma insolúvel.

Ao contrário, a utilidade abstrata de Boehm-Jevons não é efetivamente mais do que uma construção do espírito, ou melhor,





uma representação do vazio intelectual, um disparate individual, pelo qual não pode ser responsabilizada nem a sociedade capitalista e nem qualquer outra sociedade humana, mas exclusivamente a própria economia vulgar burguesa. Com essa “construção do espírito”, podem Bernstein, Boehm e Jevons, com toda a comunidade subjetivista, continuar ainda por 20 anos, em face do mistério do dinheiro, sem chegar a outra solução senão a já encontrada, sem eles, por qualquer sapateiro, isto é, que o dinheiro também é coisa “útil”.

Com isso, Bernstein perdeu completamente qualquer compreensão da lei do valor de Marx. Para alguém que esteja familiarizado, por pouco que seja, com a doutrina econômica de Marx, é absolutamente evidente que, sem a lei do valor, toda a doutrina permanece inteiramente incompreensível, ou, mais concretamente falando, se não se compreende a essência da mercadoria e de sua troca, toda a economia capitalista, com todos os seus encadeamentos, deve necessariamente permanecer um enigma insolúvel.

Mas qual a chave mágica que permitiu precisamente a Marx penetrar os segredos mais íntimos de todos os fenômenos capitalistas, resolver, como que brincando, problemas que os maiores espíritos da economia burguesa clássica, tais como Smith e Ricardo, nem mesmo vislumbravam? Nada mais, nada menos que a concepção de toda a economia capitalista como *fenômeno histórico*, não só como a compreendeu, no melhor dos casos, a economia clássica – quanto ao passado da economia feudal –, mas também quanto ao *futuro socialista*. O segredo da teoria do valor de Marx, de sua análise do dinheiro, de sua teoria do capital, da taxa de lucro e, por conseguinte, de todo o sistema econômico atual, está no caráter transitório da economia capitalista, no seu colapso, e, por conseguinte – este é apenas o outro aspecto –, no *objetivo final socialista*. É precisa e unicamente porque Marx considerava em primeiro lugar como socialista, isto é, de um *ponto de vista histórico*, a economia capitalista, que pôde decifrar os seus hieróglifos, e é porque fez





do ponto de vista socialista o *ponto de partida* da análise científica da sociedade burguesa que pôde, por sua vez, dar ao socialismo uma base científica.

É por este padrão que se devem medir as observações feitas por Bernstein no fim de seu livro, em que se queixa do “dualismo” “que se pode acompanhar através de toda a obra monumental de Marx”,

dualismo esse que consiste em querer a obra ser um estudo científico e ao mesmo tempo provar uma tese completamente elaborada muito antes de sua redação, em ter por base um esquema que continha de antemão o resultado a que se queria chegar. A volta ao *Manifesto comunista* (isto é, ao objetivo final socialista! – RL) mostra aqui que há um resto de utopismo no sistema de Marx (p. 177).

Mas o “dualismo de Marx” nada mais é que o dualismo do futuro socialista e do presente capitalista, do capital e do trabalho, da burguesia e do proletariado, o monumental reflexo científico do *dualismo que existe na sociedade burguesa, das oposições burguesas de classe*.

E se Bernstein vê nesse dualismo teórico de Marx “um resto de utopismo”, só faz com isso confessar ingenuamente que nega o dualismo histórico da sociedade burguesa, os antagonismos de classe capitalistas, e que o próprio socialismo é hoje para ele “uma sobrevivência do utopismo”. O “monismo”, isto é, a unidade de Bernstein, é a unidade da ordem capitalista eterna, a unidade do socialista que renunciou ao seu objetivo final, para ver na sociedade burguesa una e imutável o fim do desenvolvimento humano.

Mas se Bernstein não vê na própria estrutura econômica do capitalismo a divisão, o desenvolvimento em direção ao socialismo, então ele se vê forçado, para salvar pelo menos em aparência o programa socialista, a recorrer a uma construção idealista, exterior ao desenvolvimento econômico, e a transformar o próprio socialismo, de determinada fase histórica do desenvolvimento social que é, em um “princípio” abstrato.





Eis porque o “princípio do cooperativismo”, fraca decantação da finalidade socialista, com que Bernstein quer enfeitar a economia capitalista, aparece como concessão de sua teoria burguesa, feita, não ao futuro socialista da sociedade, mas ao passado socialista do próprio Bernstein.

### **Sindicatos, cooperativas e democracia política**

[...] Assim como os sindicatos e cooperativas são pontos de apoio econômicos, assim também é um desenvolvimento progressivo da *democracia* a principal condição *política* da teoria revisionista. Para o revisionismo, as atuais manifestações da reação não passam de “sobressaltos” que ele considera fortuitos e momentâneos, e que não leva em conta na elaboração das diretrizes gerais da luta operária.

Segundo Bernstein, a democracia é etapa inevitável do desenvolvimento da sociedade moderna, que se lhe afigura, como aos teóricos burgueses do liberalismo, ser a grande lei fundamental do desenvolvimento histórico, devendo todas as forças ativas da vida política servir para a sua realização. Mas, sob essa forma absoluta, tal conclusão é completamente errônea, não passando de uma vulgarização superficial, pequeno-burguesa, dos resultados de uma curta fase do desenvolvimento burguês, dos últimos 25 a 30 anos. Se examinarmos de perto o desenvolvimento da democracia na história e, ao mesmo tempo, a história política do capitalismo, chegaremos a conclusões totalmente diversas.

Quanto ao primeiro ponto, encontramos a democracia nas mais diversas formações sociais: nas sociedades comunistas primitivas, nos Estados escravagistas da antiguidade, nas comunas medievais. Assim, também encontramos o absolutismo e a monarquia constitucional nos mais diversos regimes econômicos. Por outro lado, o capitalismo nascente, como produção de mercadorias, dá origem a constituições democráticas nas comunas urbanas da Idade Média; mais tarde, em sua forma mais desenvolvida, como produção ma-





nufatureira, encontra na monarquia absoluta a forma política que lhe corresponde. Por fim, como economia industrial desenvolvida, produz sucessivamente na França a república democrática (1793), a monarquia absoluta de Napoleão I, a monarquia nobiliária do tempo da Restauração (1815-1830), a monarquia constitucional burguesa de Luís Felipe, e depois, de novo, a república democrática, e em seguida, mais uma vez, a monarquia de Napoleão III, e enfim, pela terceira vez, a república. Na Alemanha, a única instituição verdadeiramente democrática, que é o sufrágio universal, não é conquista do liberalismo burguês, e sim um instrumento para a fusão dos pequenos Estados, e, por conseguinte, só nesse sentido tem importância para o desenvolvimento da burguesia alemã, que em tudo mais se contenta com uma monarquia constitucional semifeudal. Na Rússia, longos anos prosperou o capitalismo sob o regime do absolutismo oriental, sem que tivesse a burguesia manifestado o mínimo desejo de ver introduzida a democracia. Na Áustria, o sufrágio universal apareceu principalmente como tábua de salvação para a monarquia em vias de decomposição. E por fim, na Bélgica, a conquista democrática do movimento operário – o sufrágio universal – ocorre em incontestável conexão com a fraqueza do militarismo, por conseguinte, com a situação geográfico-política particular da Bélgica; sobretudo, o “pouco de democracia” foi conquistado, não pela burguesia, mas *contra* ela.

O progresso ininterrupto da democracia, que, para o nosso revisionismo como para o liberalismo burguês, se apresenta como a grande lei fundamental da história humana, ou pelo menos da história moderna, é, por conseguinte, se o examinarmos atentamente, uma invenção. Não se pode estabelecer, entre o desenvolvimento capitalista e a democracia, qualquer conexão geral absoluta. A forma política resulta sempre do conjunto dos fatores políticos – internos e externos – e dentro de seus limites cabem todos os graus da escala, desde a monarquia absoluta até a república democrática.





Portanto, se temos de renunciar a estabelecer uma lei histórica geral do desenvolvimento da democracia, mesmo nos quadros da sociedade moderna, voltando-nos apenas para a fase atual da história burguesa, ainda aqui constataremos, na situação política, fatores que não conduzem à realização do esquema bernsteiniano, mas, ao contrário, ao abandono, pela sociedade burguesa, das conquistas até aqui realizadas.

Por um lado, as instituições democráticas esgotaram completamente o seu papel no desenvolvimento da sociedade burguesa, o que é da maior importância. Na medida em que foram necessárias à fusão dos pequenos Estados e à criação dos grandes Estados modernos (Alemanha, Itália), atualmente já não são mais indispensáveis. Nesse ínterim, o desenvolvimento econômico produziu uma deformação orgânica interior.

O mesmo se pode dizer no tocante à transformação de toda a máquina político-administrativa do Estado, de mecanismo feudal ou semifeudal, em mecanismo capitalista. Essa transformação, que historicamente foi inseparável do desenvolvimento da democracia, também já está hoje tão completamente realizada que os “ingredientes” puramente democráticos da sociedade, o sufrágio universal, a forma republicana de Estado, poderiam ser suprimidos sem que a administração, as finanças, a organização militar necessitassem voltar às formas anteriores à Revolução de Março [de 1848].

Se o liberalismo é essencialmente supérfluo para a sociedade burguesa, por outro lado ele tornou-se, em importantes aspectos, diretamente um obstáculo. Aqui, é preciso ter em conta dois fatores que dominam toda a vida política dos Estados atuais: o *imperialismo* (*Weltpolitik*)<sup>7</sup> e o *movimento operário* – não passando ambos de dois aspectos diferentes da fase atual do desenvolvimento capitalista.

<sup>7</sup> Por *Weltpolitik* [política mundial] entende-se a política imperialista inaugurada por Guilherme II e que na Alemanha levou a reforçar o armamento terrestre e naval.





O desenvolvimento da economia mundial, o agravamento e generalização da concorrência no mercado mundial fizeram do militarismo e do navalismo (Marinismus), na qualidade de instrumentos do imperialismo, um fator decisivo da vida dos grandes Estados, tanto externa quanto interna. Mas se o imperialismo e o militarismo representam uma tendência *ascendente* da fase atual do capitalismo, logicamente deve a democracia burguesa evoluir em linha *descendente*. [...]

É na verdade muito simples a solução do problema: do fato de ter o liberalismo burguês exalado o seu último suspiro, de medo do movimento operário crescente e de seus objetivos finais, resulta apenas que hoje é precisamente o movimento operário socialista o *único* apoio da democracia, que não pode haver outro apoio e que não é o destino do movimento socialista que está ligado à democracia burguesa, mas, ao contrário, é o destino do desenvolvimento democrático que está ligado ao movimento socialista; que a democracia não vai sendo viável na medida em que a classe operária renuncia à sua luta emancipadora, mas, ao contrário, na medida em que o movimento socialista se torna suficientemente forte para lutar contra as consequências reacionárias do imperialismo e da deserção burguesa; que quem deseja reforçar a democracia deve desejar igualmente o reforço, e não o enfraquecimento, do movimento socialista, e que, renunciando aos esforços socialistas, renuncia tanto ao movimento operário quanto à própria democracia.

### **A conquista do poder político**

O destino da democracia, já o vimos, está ligado ao do movimento operário. Trata-se agora de saber se o desenvolvimento da democracia torna supérflua ou impossível uma revolução proletária, no sentido da tomada do poder de Estado, da conquista do poder político.

Bernstein liquida essa questão, pesando minuciosamente os aspectos bons e maus da reforma e da revolução, mais ou menos





da mesma forma como se pesam a canela e a pimenta numa cooperativa de consumo. No curso legal do desenvolvimento, vê a ação da inteligência; no curso revolucionário, a do sentimento; no trabalho reformista, um método lento; na revolução, um método rápido de progresso histórico; na legislação, uma força metódica; na sublevação, uma força elementar.

Há muito que se sabe que o reformador pequeno-burguês vê em todas as coisas um lado “bom” e um “mau”, e que colhe uma espiga em cada seara. Mas também se sabe há muito que o verdadeiro curso dos acontecimentos muito pouco se preocupa com as combinações pequeno-burguesas e que o amontoado cuidadosamente reunido do “lado bom” de todas as coisas imagináveis no mundo desmorona ao primeiro tranco. Com efeito, vemos funcionar na história a reforma legal e o método revolucionário, movidos por causas muito mais profundas que as vantagens ou inconvenientes de um ou outro método.

Na história da sociedade burguesa, a reforma legal serviu para reforçar progressivamente a classe ascendente até esta ter se sentido bastante forte para se apossar do poder político e suprimir todo o sistema jurídico existente, construindo outro. Bernstein, que fulmina contra a conquista do poder político, classificando-a de teoria blanquista da violência, tem a infelicidade de considerar erro blanquista o que há séculos constitui o eixo e a força motriz da história humana. Desde que existem sociedades de classes, e que a luta de classes constitui o conteúdo essencial da história delas, a conquista do poder político foi sempre a finalidade de todas as classes ascendentes, como também o ponto de partida e o coroamento de todas as épocas históricas. É o que constatamos nas longas lutas do campesinato contra os financistas e contra a nobreza, na Roma antiga, nas lutas do patriciado contra o alto clero e nas dos artesãos contra os patrícios nas cidades medievais, assim como nas da burguesia contra o feudalismo, nos tempos modernos.





Portanto, a reforma legal e a revolução não são métodos diferentes de progresso histórico, que se podem escolher à vontade no refeitório da história, como se escolhe entre salsichas frias ou quentes, e sim *fatores* diferentes no desenvolvimento da sociedade de classes, condicionados um ao outro e que se completam, ainda que se excluindo reciprocamente, como, por exemplo o polo Norte e o polo Sul, a burguesia e o proletariado.

E com efeito, em qualquer época, a constituição legal é apenas um *produto* da revolução. Enquanto a revolução é o ato de criação política da história de classes, a legislação é a expressão política da sociedade que continua vegetando. O trabalho legal de reforma não contém nenhuma força motriz própria, independente da revolução; prossegue em cada período histórico somente na direção que lhe foi dada pelo impulso da última revolução e enquanto esse impulso se faz sentir, ou, mais concretamente falando, somente *no quadro* da forma social criado pela última revolução. Este é precisamente o núcleo da questão.

É inteiramente falso e a-histórico representar-se o trabalho legal de reforma unicamente como a revolução desdobrada no tempo, e a revolução como uma reforma condensada. Uma revolução social e uma reforma legal não se distinguem pela *duração*, mas pela *essência*. Todo o segredo das revoluções históricas mediante a utilização do poder político reside precisamente na transformação de simples modificações quantitativas em uma nova qualidade ou, mais concretamente falando, na passagem de um dado período histórico, de uma dada forma de sociedade, a outra.

Eis porque quem quer que se pronuncie a favor do método das reformas legais, *em vez de* e em *oposição* à conquista do poder político e à revolução social, não escolhe, na realidade, um caminho mais tranquilo, mais calmo e mais lento, levando ao mesmo fim, mas escolhe um fim *diferente*: em vez da instauração de uma nova ordem social, escolhe modificações superficiais na antiga ordem. Assim, partindo das concepções políticas do revisionismo, a con-





clusão é a mesma a que se chegou tendo partido de suas teorias econômicas, isto é, que no fundo elas não tendem à realização da ordem *socialista*, mas unicamente à reforma da ordem *capitalista*, não tendem à supressão do sistema de assalariamento, mas à diminuição da exploração, em suma, à supressão dos tumores do capitalismo e não do próprio capitalismo. [...]

Se para a burguesia a democracia tornou-se supérflua ou mesmo incômoda, ela é, em contrapartida, necessária e indispensável à classe operária. É necessária em primeiro lugar porque cria formas políticas (administração autônoma, direito de voto etc.) que servirão de pontos de apoio ao proletariado em seu trabalho de transformação da sociedade burguesa. Em segundo lugar, é indispensável porque só por meio dela, na luta pela democracia, no exercício de seus direitos, pode o proletariado chegar à consciência de seus interesses de classe e de suas tarefas históricas.

Em suma, a democracia é indispensável não porque torne *supérflua* a conquista do poder político pelo proletariado, mas, ao contrário, porque torna *necessária* essa tomada do poder e só ela a torna *possível*. Quando, em seu prefácio à *Luta de classes na França*, Engels fez uma revisão da tática do movimento operário moderno, opondo a luta legal às barricadas, não tratava – *como fica claro em cada linha desse prefácio* – da conquista definitiva do poder político, mas da luta cotidiana atual; não tratava da atitude do proletariado em relação ao Estado capitalista no momento da tomada do poder, mas da sua atitude *no quadro* do Estado capitalista. Resumindo, Engels dava diretivas, não ao proletariado vitorioso, mas ao proletariado *oprimido*.

Ao contrário, a célebre frase de Marx sobre a questão agrária na Inglaterra, “é provável que se resolvesse o problema mais facilmente comprando as terras dos *landlords*”, frase em que Bernstein também se baseia, não se relaciona à atitude do proletariado antes, e sim depois da vitória. Porque evidentemente só pode compreender-se a compra dos bens das classes dominantes se a classe operária





estiver no poder. Era o *exercício pacífico da ditadura proletária* a eventualidade que Marx encarava, e não a substituição da ditadura pelas reformas sociais capitalistas.

Tanto para Marx quanto para Engels, a necessidade mesma da conquista do poder político pelo proletariado sempre esteve fora de dúvida. Estava reservado a Bernstein ver no poleiro do parlamentarismo burguês o órgão indicado para realizar a mais formidável transformação da história mundial: a conversão das formas *capitalistas* em formas *socialistas* de sociedade.

Mas Bernstein começou sua teoria apenas exprimindo o temor e advertindo o proletariado para que não chegue *cedo demais* ao poder! Deveria então o proletariado, segundo Bernstein, deixar a sociedade burguesa no estado em que está, e sofrer uma terrível derrota. O que sobretudo se conclui desse temor é que, caso o proletariado chegasse ao poder, uma só conclusão “prática” deveria ele tirar da teoria de Bernstein: ficar dormindo. Mas, com isso, tal teoria se julga a si mesma sem mais uma concepção que condena o proletariado à inação nos momentos mais decisivos da luta, e, por conseguinte, à traição passiva à sua própria causa.

Com efeito, nosso programa seria um miserável farrapo de papel, se não nos servisse para *todas* as eventualidades e em *todos* os momentos da luta, e isso pela sua *aplicação*, e não pelo seu abandono. Se nosso programa consiste na formulação do desenvolvimento histórico da sociedade do capitalismo ao socialismo, evidentemente deve formular também, em todas as suas características fundamentais, todas as fases transitórias desse desenvolvimento e, por conseguinte, deve poder indicar ao proletariado, a *cada* momento, qual a ação correspondente, no sentido do encaminhamento para o socialismo. Resulta daí que não existe para o proletariado *nenhum momento* em que fosse forçado a abandonar o seu programa ou em que fosse abandonado por ele. [...]

A tomada do poder político pelo proletariado, isto é, por uma grande classe popular, não pode ser provocada artificialmente. Ela





pressupõe, excetuando-se casos como a Comuna de Paris, em que o poder não foi conquistado pelo proletariado como resultado de uma luta consciente de sua finalidade, mas veio cair-lhe nas mãos de modo absolutamente excepcional, como um bem desprezado por todos, ela pressupõe certo grau de maturidade das relações econômicas e políticas. Reside nisso a diferença essencial entre os golpes de Estado blanquistas realizados por uma “minoría ativa” e que explodem como tiros de revólver, de modo sempre inoportuno, e a conquista do poder político pela grande massa popular consciente, conquista essa que por si mesma só pode ser produto da decomposição da sociedade burguesa e traz em si, por este motivo, a legitimação econômica e política de seu aparecimento oportuno.

Por conseguinte, se a conquista do poder político pela classe operária não pode efetuar-se “cedo demais” do ponto de vista das *condições* sociais, deve necessariamente efetuar-se “cedo demais” do ponto de vista do efeito político, da *conservação* do poder. A revolução prematura, cuja ideia só por si impede Bernstein de dormir, ameaça-nos como a espada de Dâmocles, contra o que de nada servem orações e súplicas, transe e angústias. Isso, por duas razões muito simples:

A primeira é que é inteiramente impossível imaginar-se que uma transformação tão formidável como é a passagem da sociedade capitalista à socialista se realize de *uma* só vez, por meio de *um* golpe feliz do proletariado. Considerá-lo possível é, mais uma vez, dar prova de concepções claramente blanquistas. A transformação socialista pressupõe uma luta demorada e persistente, sendo de todo provável que, no seu curso, se veja o proletariado mais de uma vez rechaçado, e por tal forma a sua ascensão ao poder, da primeira vez, terá sido necessariamente “cedo demais”, do ponto de vista do resultado final da luta.

Mas, em segundo lugar, a conquista “prematura” do poder de Estado pelo proletariado não poderá ser evitada, porque esses ata-





ques “prematureos” do proletariado constituem um fator, e mesmo um fator muito importante, na criação das condições *políticas* da vitória final. Com efeito só no curso da crise política que acompanhará a tomada do poder, no curso de lutas demoradas e tenazes, o proletariado poderá chegar ao grau de maturidade política que lhe permitirá obter a vitória definitiva da revolução. Assim, os próprios ataques “prematureos” do proletariado contra o poder de Estado são fatores históricos importantes, que contribuem para provocar e determinar o momento da vitória definitiva. *Desse* ponto de vista, a ideia da conquista “prematura” do poder político pelo povo trabalhador aparece como um disparate político, proveniente de uma concepção mecânica do desenvolvimento da sociedade, e pressupõe para a vitória da luta de classes um momento estabelecido *fora e independente* da luta de classes.

Por conseguinte, uma vez que o proletariado não está em condições de apossar-se do poder político a não ser “prematuramente”, ou, em outras palavras, uma vez que é absolutamente forçado a apossar-se dele uma ou várias vezes “cedo demais”, antes de poder conservá-lo definitivamente, a oposição à conquista “*prematura*” do poder nada mais é que uma oposição em geral à *aspiração do proletariado a apossar-se do poder de Estado*.

Assim como todos os caminhos levam a Roma, deste lado também [da teoria de Bernstein] chegamos conseqüentemente ao resultado de que a orientação revisionista de abandonar o *objetivo final* leva a outra orientação, que é a de renunciar ao próprio *movimento* socialista.

### **O oportunismo na teoria e na prática**

[...] É certo que luta de classes proletária e sistema marxista não são historicamente idênticos. Porque houve, *antes* de Marx e independentemente dele, um movimento operário e diversas doutrinas socialistas, que eram, cada uma em seu gênero, a expressão teórica, correspondente às condições da época, da luta emancipa-





dora da classe operária. A fundamentação do socialismo em noções morais de justiça, a luta contra o modo de repartição em vez de ser contra o modo de produção, a concepção dos antagonismos de classe como oposição entre pobres e ricos, o esforço para enxertar o “cooperativismo” na economia capitalista, tudo isso que encontramos no sistema de Bernstein já existia antes dele. E essas teorias, apesar de toda a sua insuficiência, eram, em *seu tempo*, verdadeiras teorias da luta de classes proletária, eram gigantescos sapatos de criança, com que o proletariado aprendeu a caminhar no palco da história.

Mas *depois* que o desenvolvimento da *própria* luta de classes e de suas condições sociais levou ao abandono dessas teorias e à elaboração dos princípios do socialismo científico, não pode existir – pelo menos na Alemanha – socialismo que não seja marxista, luta de classes socialista fora da social-democracia. Doravante, socialismo e marxismo, luta de emancipação proletária e social-democracia são idênticos. Eis porque hoje a volta às teorias socialistas pré-marxistas nem mesmo significa mais a volta aos gigantescos sapatos de criança do proletariado, mas a volta aos chinelos minúsculos e gastos da burguesia. [...]

E não só a doutrina marxista está em condições de refutá-la teoricamente [a teoria de Bernstein], como ainda é a única que pode *explicar* o oportunismo como fenômeno histórico no desenvolvimento do partido. O avanço mundial do proletariado até a vitória não é, com efeito, “coisa tão simples assim”. Toda a peculiaridade desse movimento reside em que, pela primeira vez na história, as massas populares devem por si mesmas impor sua vontade *contra* todas as classes dominantes, mas precisam situar essa vontade para além da sociedade atual, passando por cima dela. Ora, as massas só podem formar essa *vontade* numa luta constante contra a ordem existente, nos quadros desta. A união das grandes massas populares visando a uma finalidade que ultrapassa toda a ordem social existente, a união da luta cotidiana com a grande





reforma mundial, eis o grande problema do movimento social-democrata, que deve consequentemente desenvolver-se abrindo caminho entre dois obstáculos: entre o abandono do caráter de massa e o abandono do objetivo final, entre a volta ao sectarismo e a queda no movimento reformista burguês, entre o anarquismo e o oportunismo.

Sem dúvida, a doutrina marxista já há meio século forneceu, de seu arsenal teórico, armas esmagadoras, tanto contra um quanto contra o outro extremo. Mas sendo nosso movimento precisamente um movimento de massa, e como os perigos que o ameaçam não decorrem do cérebro humano, mas das condições sociais, não podia a doutrina marxista, de uma vez por todas, garantir-nos contra os desvios anarquistas e oportunistas. [...]

É assim, e não de outra forma, que pode e deve desenrolar-se o grande movimento proletário, e esses momentos de desânimo e hesitação, longe de constituir surpresa para os marxistas, foram ao contrário há muito previstos e preditos por Marx.

As revoluções burguesas – escrevia Marx há meio século, em *O 18 Brumário* – como as do século 18, avançam rapidamente de sucesso em sucesso; seus efeitos dramáticos excedem uns aos outros; os homens e as coisas se destacam como gemas fulgurantes; o êxtase é o estado permanente da sociedade; mas essas revoluções têm vida curta; logo atingem o auge e uma longa modorra se apodera da sociedade antes que esta tenha aprendido a assimilar serenamente os resultados de sua fase tempestuosa. Por outro lado, as revoluções proletárias, como as do século 19, se criticam constantemente a si mesmas, interrompem continuamente seu curso, voltam ao que parecia resolvido para recomeçá-lo outra vez, escarnecem impiedosamente das hesitações, fraquezas e misérias de suas primeiras tentativas, parecem derrubar o adversário apenas para que este possa retirar da terra novas forças e erguer-se novamente, agigantado, diante delas, recuam constantemente ante a magnitude infinita de seus próprios objetivos até que se cria uma situação que torna impossível qualquer retrocesso e na qual as





próprias circunstâncias gritam: *Hic Rhodus, hic salta!* [Rodes é aqui, aqui é preciso saltar!].<sup>8</sup>

Mesmo depois da elaboração da doutrina do socialismo científico, esse trecho permaneceu exato. O movimento proletário nem mesmo se tornou, de uma só vez, social-democrata, nem sequer na Alemanha; ele vai-se encaminhando para lá a cada dia, superando constantemente desvios extremos para a anarquia e o oportunismo, que não passam, um e outro, de fases determinadas do desenvolvimento da social-democracia, considerada como *processo*.

Eis porque não é o aparecimento da corrente oportunista que surpreende, mas, ao contrário, sua fraqueza. Enquanto só se mostrou em casos isolados da atividade prática do partido, podia-se ainda supor que tivesse uma base teórica séria. Mas, agora que se manifestou completamente no livro de Bernstein, só se pode exclamar com espanto: então, é só isso que tem a dizer? Nem sombra de uma ideia original! Nem uma só ideia que já não tenha sido refutada, esmagada, escarnejada, reduzida a zero pelo marxismo, e isso *há* várias décadas!

Bastou que o oportunismo tomasse a palavra para mostrar que nada havia a dizer. E é somente nisso que consiste toda a importância do livro de Bernstein para a história do partido.

E assim, despedindo-se do modo de pensar do proletariado revolucionário, da dialética e da concepção materialista da história, pode Bernstein dar-lhes graças pelas circunstâncias atenuantes que concedem à sua conversão. Porque só a dialética e a concepção materialista da história, magnânimos que são, podiam apresentá-lo sob o aspecto de instrumento predestinado, inconsciente, por meio do qual se exprime o desfalecimento momentâneo da classe operária em ascensão, que, tendo-o visto de perto, depois o atira longe, com sarcasmos e balançando a cabeça.

<sup>8</sup> Karl Marx, “Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte”. In: Karl Marx/Friedrich Engels, *Werke*, vol. 8, Berlim, 1960, p. 118. Tradução brasileira: “O 18 Brumário, de Luis Bonaparte”, in *A revolução antes da revolução*, vol. II. São Paulo, Expressão Popular, 2009, pp. 211-212.





## QUESTÕES DE ORGANIZAÇÃO DA SOCIAL-DEMOCRACIA RUSSA (1904)

Em agosto de 1904, no Congresso da Segunda Internacional em Amsterdã, o revisionismo foi finalmente derrotado pelo marxismo ortodoxo representado por Karl Kautsky e, nessa época, também por Rosa Luxemburgo. A partir de então podemos observar o começo de uma mudança de orientação da parte de Rosa, que a leva a reexaminar os objetivos e a estratégia da esquerda marxista, e a concluir que o papel representado pelo marxismo ortodoxo “não me encanta nem um pouco”.<sup>9</sup> Não lhe interessa o papel de guardião da ortodoxia, desempenhado na polêmica com Bernstein. O que ela quer é fortalecer a ala revolucionária da social-democracia, no seu entender o único meio de vencer o oportunismo dentro do partido.

É nessa época que Rosa escreve um de seus artigos mais famosos, “Questões de organização da social-democracia russa”. Segundo sua biógrafa Elzbieta Ettinger, este pequeno artigo “lhe assegurou seu lugar na história”<sup>10</sup>. Aqui ela começa uma polêmica com Lenin, que continuará em 1911 com um artigo conhecido como “Credo” (publicado em alemão por Feliks Tych, em 1991) e que culminará em 1918 com críticas premonitórias ao comportamento

<sup>9</sup> Carta a Henriette Roland-Holst, 17/12/1904, *Gesammelte Briefe* 6, Berlim, Dietz Verlag, 1993, p. 102.

<sup>10</sup> Elzbieta Ettinger, *Rosa Luxemburgo*, Rio de Janeiro, Zahar, 1986, p. 136.





dos bolcheviques no texto "A Revolução Russa" [p. 103 desta edição].

No artigo a seguir, Rosa Luxemburgo opõe à concepção leninista de partido-vanguarda, entendido como uma organização centralizada e hierarquizada de revolucionários profissionais, a ideia de partido de massas, que engloba "o conjunto dos interesses progressistas da sociedade e de todas as vítimas oprimidas pela ordem social burguesa" [p. 45 desta edição]. Ao entender o partido como expressão das experiências históricas dos de baixo, ela acredita que não é possível eliminar o "oportunismo" por meio de um estatuto previamente estabelecido nem por uma disciplina severa, como queria Lenin. Só por meio de uma prática política antiautoritária seria possível extirpar o "espírito de disciplina servil" interiorizado pelos trabalhadores e que lhes foi inculcado pela família patriarcal, pelo Exército, pela fábrica e pela burocracia do Estado moderno.

Rosa teme que a concepção centralizadora de Lenin sufoque e controle a atividade do partido russo, advertindo para o risco de um movimento de trabalhadores ainda jovem ser dominado por uma burocracia centralizada nas mãos de intelectuais. Esse artigo, assim como outros que Rosa escreveu contra as tendências conspirativas no movimento operário russo e polonês, teve grande repercussão nos meios de esquerda antiestalinistas no decorrer do século 20, precisamente por antecipar o que viria a ser a trajetória do Partido Comunista da URSS e dos partidos comunistas em geral.





## 1

[...] Na história das sociedades de classe, o movimento social-democrata foi o primeiro que sempre contou, em todos os seus momentos e em todo o seu percurso, com a organização e a ação autônoma e direta da massa.

Assim sendo, a social-democracia cria um tipo de organização totalmente diferente dos anteriores movimentos socialistas, como, por exemplo, os de tipo jacobino-blancuista.

Lenin parece subestimar isso quando, no seu livro [*Um passo à frente, dois passos atrás*] (p. 140), exprime a opinião de que o revolucionário social-democrata nada mais é que “um jacobino indissolúvelmente ligado à *organização* do proletariado com *consciência de classe*”. Para Lenin, toda a diferença entre a social-democracia e o blanquismo consiste na organização e na consciência de classe do proletariado, em lugar da conspiração de uma pequena minoria. Esquece que com isso produz-se uma completa reavaliação do conceito de organização, um conteúdo inteiramente novo para o conceito de centralismo, uma concepção inteiramente nova da relação recíproca entre a organização e a luta.

O blanquismo não levava em consideração a ação imediata da massa operária e, portanto, também não precisava de uma organização de massa. Ao contrário, como a grande massa popular só devia aparecer no campo de batalha no momento da revolução, e a ação temporária consistia na preparação de um golpe revolucionário, dado por uma pequena minoria, o sucesso da tarefa exigia diretamente a clara demarcação entre as pessoas encarregadas dessa ação determinada e a massa popular. Mas isso era igualmente possível e realizável porque não existia nenhuma ligação interna entre a atividade conspirativa de uma organização blancuista e a vida cotidiana da massa popular.

Ao mesmo tempo, a tática, bem como as tarefas detalhadas da ação, já que sem ligação com o solo da luta de classes elementar,





eram livremente improvisadas, elaboradas em detalhe, fixadas e prescritas de antemão, como um plano determinado. Assim, os membros ativos da organização transformavam-se naturalmente em simples órgãos executivos de uma vontade predeterminada fora de seu próprio campo de ação, em *instrumentos* de um comitê central. Com isso estava dado também o segundo momento do centralismo conspirador: a submissão absoluta e cega das células do partido às autoridades centrais e a extensão do decisivo poder dessas últimas até a mais extrema periferia da organização partidária.

Radicalmente diversas são as condições da ação social-democrata. Esta nasce historicamente da luta de classes elementar. E move-se na contradição dialética de que só na própria luta é recrutado o exército do proletariado e de que também, só na luta, as tarefas da luta se tornam claras. Organização, esclarecimento e luta não são aqui momentos separados, mecânica e temporalmente distintos, como num movimento blanquista, mas são apenas diferentes aspectos do mesmo processo. Por um lado, exceto quanto aos princípios gerais da luta, não existe um conjunto detalhado de táticas, já pronto, preestabelecido, que um comitê central possa ensinar aos membros da social-democracia, como se estes fossem recrutas. Por outro lado, o processo de luta que cria a organização conduz a uma constante flutuação da esfera de influência da social-democracia.

Disso resulta que a centralização social-democrata não pode fundar-se na obediência cega, na subordinação mecânica dos militantes a um poder central. E, por outro lado, nunca se pode erguer uma parede divisória absoluta entre o núcleo do proletariado com consciência de classe, solidamente organizado no partido, e as camadas circundantes, já atingidas pela luta de classes, que se encontram em processo de esclarecimento de classe. O estabelecimento da centralização na social-democracia sobre esses dois princípios – a cega subordinação, até nos menores detalhes, da atividade de todas as organizações partidárias a um poder central, que sozinho pensa, cria e decide por todos, assim como a rigorosa separação entre o núcleo





organizado do partido e o meio revolucionário que o cerca, tal como é defendido por Lenin – parece-nos uma transposição mecânica dos princípios organizativos do movimento blanquista de círculos de conspiradores para o movimento social-democrata das massas operárias. Talvez Lenin tenha caracterizado mais penetrantemente seu ponto de vista do que qualquer dos seus adversários, ao definir seus “revolucionários social-democratas” como “jacobinos ligados à organização dos operários com consciência de classe”. Porém de fato, a social-democracia não está ligada à organização da classe operária, ela é o *próprio movimento* da classe operária. O centralismo social-democrata precisa, pois, ser de natureza essencialmente diferente do centralismo blanquista. Ele só pode ser a concentração imperiosa da vontade da vanguarda esclarecida e militante do operariado perante seus diferentes grupos e indivíduos. É, por assim dizer, um “auto-centralismo” da camada dirigente do proletariado, é o domínio da minoria no interior da sua própria organização partidária.

Essa análise do conteúdo próprio do centralismo social-democrata mostra claramente que não podem ainda hoje existir plenamente na Rússia as condições necessárias para ele. Essas condições são: a existência de uma importante camada de proletários já educados na luta política e a possibilidade de exprimirem sua capacidade de ação por meio da influência direta exercida sobre os congressos públicos do partido, a imprensa partidária etc.

Na Rússia, a última condição só poderá ser evidentemente criada com o advento da liberdade política; quanto à primeira – a formação de uma vanguarda proletária com consciência de classe e capacidade de julgamento – está apenas em vias de aparecer e precisa ser considerada como objetivo condutor do próximo trabalho, tanto de organização quanto de agitação.

Tanto mais surpreendente é a certeza inversa de Lenin de que todas as precondições para a constituição de um grande partido operário, fortemente centralizado, já existem na Rússia. Ele mostra novamente uma concepção demasiado mecânica da organização





social-democrata quando proclama, com otimismo, que agora já “não é o proletariado, mas certos intelectuais, na social-democracia russa, que carecem de autoeducação, no sentido da organização e da disciplina” (p. 145), e quando glorifica o valor educativo da fábrica para o proletariado, a qual o tornaria maduro, desde o início, para a “disciplina e a organização” (p. 147). A disciplina que Lenin tem em vista não é, de forma alguma, inculcada no proletariado apenas pela fábrica, mas também pela *caserna* e pelo moderno burocratismo, numa palavra, por todo o mecanismo do Estado burguês centralizado. É apenas fazer mau uso dessa palavra de ordem designar-se igualmente por “disciplina” dois conceitos tão opostos quanto a ausência de vontade e de pensamento numa massa de carne de muitas pernas e braços, que executa movimentos mecânicos de acordo com uma batuta, e a coordenação voluntária de ações políticas conscientes de uma camada social, dois conceitos tão opostos quanto a obediência cadavérica (*Kadavergehorsam*) de uma classe dominada, e a rebelião organizada de uma classe combatendo pela sua libertação. Não é partindo da disciplina inculcada nele pelo Estado capitalista, com a mera transferência da batuta da mão da burguesia para a de um comitê central social-democrata, mas pela quebra, pela extirpação desse espírito de disciplina servil, que o proletariado pode ser educado para a nova disciplina, a autodisciplina voluntária da social-democracia. [...]

Porém, o ultracentralismo preconizado por Lenin parece-nos, em toda a sua essência, ser portador, não de um espírito positivo e criador, mas do espírito estéril do guarda-noturno. Sua preocupação consiste, sobretudo, em *controlar* a atividade partidária e não em *fecundá-la*, em *restringir* o movimento e não em desenvolvê-lo, em *importuná-lo* e não em *unificá-lo*. [...]

## 2

[...] Lenin vê também no poder absoluto do comitê central e na estrita cerca estatutária em torno do partido o dique mais





eficaz contra a corrente oportunista. Ele designa como as marcas específicas dessa corrente a predileção inata do intelectual pela autonomia, pela desorganização, a aversão à disciplina partidária rigorosa, a todo “burocratismo” na vida partidária. Na opinião de Lenin, apenas o “literato” socialista, em virtude da sua inata dispersão e individualismo, pode opor-se a tão ilimitada autoridade do comitê central. Em contrapartida, um proletário autêntico, em razão de seu instinto de classe revolucionário, deve mesmo sentir uma certa volúpia no rigor, severidade e energia dos seus superiores no partido, e submeter-se, feliz e de olhos fechados, a todas as duras operações da “disciplina partidária”.

*O burocratismo em oposição ao democratismo – diz Lenin – é justamente o princípio organizativo da social-democracia revolucionária em oposição ao princípio organizativo dos oportunistas (p. 151). [...]*

Observemos, antes de mais nada, que a glorificação das capacidades inatas do proletário para a organização social-democrata e a desconfiança em relação aos elementos “intelectuais” do movimento social-democrata ainda não é, em si, um sinal “marxista-revolucionário” [...].

[...] Atribuir ao oportunismo, como fez Lenin, uma tendência a preferir uma determinada forma de organização – digamos para a descentralização – é não compreender sua natureza íntima. Oportunista como é, o oportunismo tem um único princípio também nas questões de organização: a falta de princípios. Escolhe seus meios sempre de acordo com as circunstâncias, desde que correspondam aos seus objetivos. Se no entanto, como Lenin, definirmos o oportunismo como a tentativa de paralisar o movimento de classe revolucionário e autônomo do proletariado para sujeitá-lo à sede de poder da intelectualidade burguesa, veremos que tal fim é mais facilmente alcançável nas *fases iniciais* do movimento operário, não pela descentralização, mas justamente por um forte *centralismo*, que entrega totalmente o movimento proletário ainda confuso a um punhado de dirigentes intelectuais. [...]





De fato, nada entrega mais segura e facilmente um movimento operário ainda jovem à sede de poder dos intelectuais do que confiná-lo na couraça de um centralismo burocrático que degrada o operário combativo a instrumento dócil de um “comitê”. E, em contrapartida, nada preserva de maneira mais segura o movimento operário de todos os abusos oportunistas por parte de uma *intelligentsia* ambiciosa quanto a atividade revolucionária autônoma do operariado, quanto o fortalecimento do seu sentimento de responsabilidade política.

Na verdade, o que hoje Lenin vê como fantasma pode muito facilmente amanhã tornar-se realidade concreta. [...]

Porém, acima de tudo, é errada a ideia fundamental da concepção ultracentralista, que culmina na noção de que se pode manter o oportunismo afastado do movimento operário através de um estatuto. Sob a influência direta dos mais recentes acontecimentos na social-democracia francesa, italiana e alemã, os social-democratas russos obviamente tendem a considerar o oportunismo em geral como um acréscimo, estranho ao próprio movimento proletário, de elementos da democracia burguesa, introduzidos de fora no movimento operário. Se isso fosse correto, os limites estatutários, em si, seriam totalmente impotentes contra a intrusão dos elementos oportunistas. O afluxo em massa de elementos não proletários para a social-democracia é resultado de causas sociais profundamente enraizadas, tais como o rápido colapso econômico da pequena burguesia, o colapso ainda mais rápido do liberalismo burguês e o esgotamento da democracia burguesa. Portanto, não passa de ilusão ingênua imaginar que essa onda tempestuosa poderia ser contida por essa ou aquela formulação dos parágrafos do estatuto do partido. Parágrafos regem apenas a existência de pequenas seitas ou sociedades privadas; correntes históricas sempre souberam passar por cima dos parágrafos mais sutis. Aliás, é completamente errado pensar ser do interesse do movimento operário repelir o afluxo em massa dos elementos dispersos em consequência da progressiva dissolução





da sociedade burguesa. A proposição, segundo a qual a social-democracia representa os interesses de classe do proletariado e, por conseguinte, o conjunto dos interesses progressistas da sociedade e de todas as vítimas oprimidas pela ordem social burguesa, não é para ser meramente interpretada no sentido de que no programa da social-democracia todos esses interesses estão idealmente sintetizados. Essa proposição torna-se verdadeira por meio do processo de desenvolvimento histórico, em virtude do qual a social-democracia, também como *partido político*, gradualmente se torna o abrigo dos elementos mais variados e mais insatisfeitos da sociedade, transformando-se realmente no partido do povo contra uma ínfima minoria da burguesia dominante. É necessário apenas que a social-democracia saiba subordinar permanentemente ao objetivo final da classe operária os atuais sofrimentos dessa variegada multidão de seguidores, que saiba como integrar o espírito não proletário de oposição à ação proletária revolucionária, numa palavra, que saiba como assimilar e digerir os elementos que vão a ela. Entretanto, isso só é possível onde, como até agora na Alemanha, um núcleo social-democrata proletário, forte e educado, dá o tom e é lúcido o suficiente para arrastar consigo seguidores desclassificados e pequeno-burgueses. [...]

Entretanto, o afluxo de elementos burgueses, como dissemos, está longe de ser a única fonte da corrente oportunista na social-democracia. A outra fonte reside na essência da própria luta social-democrata, nas suas contradições internas. O avanço histórico-mundial do proletariado até a vitória consiste num processo cuja particularidade reside no fato de que aqui, pela primeira vez na história, as próprias massas populares, contra todas as classes dominantes, impõem sua vontade. Porém, essa vontade só pode ser realizada fora e além da atual sociedade. Mas, por outro lado, as massas só podem formar essa *vontade* na luta cotidiana contra a ordem estabelecida, portanto dentro dos seus limites. A unificação da grande massa do povo com um objetivo que vai além de toda a ordem estabelecida, da luta cotidiana com a transformação revolucionária, nisso consiste





a contradição dialética do movimento social-democrata, que, de acordo com o processo de desenvolvimento como um todo, precisa avançar entre dois obstáculos: entre a perda do seu caráter de massa e o abandono do objetivo final, entre a recaída no estado de seita e a queda no movimento de reformas burguês.

Por isso é uma ilusão totalmente a-histórica pensar que a tática social-democrata em sentido revolucionário possa ser garantida, previamente e de uma vez por todas; que o movimento operário possa, de uma vez por todas, ser defendido contra desvios oportunistas. É certo que a doutrina marxista nos dá uma arma devastadora contra todos os tipos fundamentais de pensamento oportunista. Como, porém, o movimento social-democrata é um movimento de massa e os obstáculos que o ameaçam não vêm da cabeça dos homens e sim das condições sociais, os erros oportunistas não podem ser impedidos de antemão; apenas quando, na prática, adquirirem forma tangível, podem ser superados através do próprio movimento – evidentemente com a ajuda das armas oferecidas pelo marxismo. Encarado desse ponto de vista, o oportunismo aparece também como um produto do próprio movimento operário, como um momento inevitável do seu desenvolvimento histórico. Precisamente na Rússia, onde a social-democracia ainda é jovem e as condições políticas do movimento operário são anormais, é provável que o oportunismo resulte, em grande medida, do ensaio e da experimentação inevitáveis da tática, da necessidade de sintonizar a luta presente, em todas as suas peculiaridades, com os princípios socialistas. [...]

O audaz acrobata não vê que o único sujeito a que cabe agora o papel de dirigente é o *eu-massa* (*Massen-Ich*) da classe operária, que em todo lugar insiste em poder fazer os seus próprios erros e aprender por si mesmo a dialética histórica. E, por fim, precisamos admitir francamente: os erros cometidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são, do ponto de vista histórico, infinitamente mais fecundos e valiosos que a infalibilidade do melhor “comitê central”.





## GREVE DE MASSAS, PARTIDO E SINDICATOS (1906)

No fim de dezembro de 1905, Rosa Luxemburgo, na época jornalista do *Vorwärts* (órgão central do SPD) e também membro da direção do Partido Social-Democrata da Polônia e Lituânia (SDKPiL), parte para Varsóvia a fim de acompanhar de perto a revolução russa, que havia começado em janeiro desse ano (Varsóvia e uma parte da Polônia integravam o Império russo). Em março é presa com seu companheiro Leo Jogiches. Ameaçada de execução, é libertada no fim de junho graças a uma fiança paga pelo SPD. Obrigada pelas autoridades tsaristas a fixar residência em Kuokkala, pequena cidade finlandesa perto de São Petersburgo, onde encontra os principais revolucionários russos, Lenin entre eles, Rosa redige *Greve de massas, partido e sindicatos*, texto que marca o início da ruptura com a direção da social-democracia alemã.

Que este seja um de seus escritos mais conhecidos e mais reeditados, não é por acaso. É aqui que ao analisar um processo político concreto, a revolução de 1905 na Rússia, Rosa dá sua contribuição original à teoria marxista. Ao fazer o balanço da revolução russa (tirando lições para o movimento operário em geral e para a social-democracia alemã em particular), ela mostra que na greve de massas o momento subjetivo, a consciência de classe, se articula com o momento objetivo da história, com





as tendências do desenvolvimento capitalista. A greve de massas seria a perfeita tradução da dialética entre organização e espontaneidade, política e economia, ficando o elemento criativo do lado da espontaneidade das massas. A experiência revolucionária direta fortaleceu nela a convicção de que as grandes transformações históricas não são fabricadas pelas organizações políticas - ainda que estas tenham um papel relevante a desempenhar - e de que a consciência de classe é antes criada na ação que produzida pela leitura de obras teóricas marxistas, ou de panfletos revolucionários.

Não só *Greve de massas, partido e sindicatos*, como também os artigos poloneses dessa época expõem claramente a convicção de Rosa Luxemburgo de que a revolução só pode ser obra das próprias massas, nunca de grupos armados, nem de vanguardas intelectuais que se põem no lugar das massas. Contra todos os que querem "organizar" uma revolução, é evidente para ela que a "fabricação da revolução" (*Revolutionsmacherei*) leva à substituição das massas, não só no decorrer da revolução, mas também depois.

Essa ideia, que representa uma parte importante de sua filosofia política, também a encontramos em trabalhos posteriores, entre outros, *A Revolução Russa*.<sup>11</sup>

Ao voltar para Berlim em setembro de 1906, Rosa passa a divulgar incansavelmente sua concepção de greve de massas, procurando ao mesmo tempo dar

<sup>11</sup> Feliks Tych, "Die Revolution von 1905-1907 - Zur Entwicklung der politischen Philosophie Rosa Luxemburgs", 1995. In: T. Bergmann/J. Rojahn/F. Weber (org.), *Die Freiheit der Andersdenkenden - Rosa Luxemburg und das Problem der Demokratie*, Hamburgo, VSA, 1995, p. 85.





novo conteúdo ao papel que desempenha no SPD: não ser apenas crítica, mas também direção intelectual e política de uma esquerda revolucionária. É quando começa a tomar corpo a formação de uma ala esquerda independente, em divergência com o centro do partido, para o qual o marxismo era apenas a ideologia legitimadora do reformismo. Em setembro participa do Congresso do SPD em Mannheim, onde suas ideias sobre a greve de massas são rejeitadas. A partir dessa época, Rosa passa a ser vista como demasiado radical pela maioria do partido, cada vez mais afeito às ideias reformistas, e a ter cada vez mais dificuldade para publicar seus artigos nos jornais do SPD.

Apesar desse isolamento político, ela é convidada, à guisa de compensação, a lecionar economia política e história econômica na escola de quadros do SPD, um cargo bem remunerado que ocupa, com algumas interrupções, até 1914. A partir desses cursos, escreve *Introdução à economia política* (publicada postumamente em 1925) e sua obra teórica mais importante, *A acumulação do capital* (publicada em 1913).

*Greve de massas, partido e sindicatos* tem 8 capítulos; começamos com excertos do capítulo 2.

## 2

[...] A revolução russa ensina-nos assim uma coisa: é que a greve de massas nem é “fabricada” artificialmente nem “decidida” ou “difundida” no éter imaterial e abstrato, é tão somente um fenômeno histórico resultante, num certo momento, de uma situação social a partir de uma necessidade histórica. [...]





É tão difícil “propagar” a greve de massas como meio abstrato de luta, como “propagar” a revolução. A “revolução” e a “greve de massas” são conceitos que não representam mais do que a forma exterior da luta de classes e só têm sentido e conteúdo quando referidas a situações políticas bem determinadas.

Empreender uma propaganda adequada à greve como forma de ação proletária, querer difundir essa “ideia” para com ela ganhar pouco a pouco a classe operária seria uma ocupação tão ociosa, tão vã e insípida como encetar uma campanha de propaganda em prol da ideia de revolução ou do combate nas barricadas. Se a greve se transformou agora num vivo centro de interesse para a classe operária alemã e internacional é porque ela representa uma nova forma de luta e, como tal, o sintoma correto de transformações interiores profundas nas relações entre as classes e nas condições da luta de classes. [...]

### 3

[...] as greves de massas se apresentam na Rússia sob formas tão variadas que é absolutamente impossível falar de “a” greve de massas, de uma greve esquemática, abstrata. Não só cada elemento da greve de massas, mas também a sua particular característica, segundo as cidades e as regiões, e principalmente o seu próprio caráter geral, se modificaram com frequência no decorrer da revolução. As greves conheceram na Rússia uma certa evolução histórica que ainda continua. Assim, quem queira falar de greve de massas na Rússia deve, antes de tudo, ter a sua história diante dos olhos. [...]

Desde a primavera de 1905 até o pleno verão, assistiu-se, nesse gigantesco Império, ao nascimento de uma poderosa luta econômica de todo o proletariado contra o capital; a agitação alcança, no topo, as profissões liberais e a pequena burguesia, empregados comerciais, bancários, engenheiros, atores, artistas, e penetra na base, conquistando os empregados domésticos, os agentes





subalternos da polícia, e até as camadas do lumpemproletariado, estendendo-se simultaneamente aos campos, batendo mesmo à porta dos quartéis.

Eis o painel imenso e variado da batalha geral do trabalho contra o capital; vemos refletir-se nele toda a complexidade do organismo social, da consciência política de cada categoria e de cada região; vemos desenvolver-se toda uma gama de conflitos, desde luta sindical, conduzida em boa e devida forma pelo bem treinado exército de elite do proletariado industrial, até a explosão de uma revolta anarquista de um punhado de operários agrícolas e ao levantamento confuso de uma guarnição militar, até a revolta discreta e distinta, de punhos de renda e colarinhos altos numa mesa de jogo, e aos protestos, tímidos e audaciosos, de policiais descontentes, secretamente reunidos num posto enfumaçado, escuro e sujo.

Os partidários das “batalhas ordenadas e disciplinadas” concebidas segundo um plano e um esquema, os que em particular querem sempre saber com antecedência como “será preciso fazer”, consideram que foi um “grave erro” retalhar a grande ação da greve política geral de janeiro de 1905 numa infinidade de lutas econômicas, visto que isso conduziu, a seus olhos, a uma “paralisação” da ação e à sua transformação num “fogo de palha”. O próprio partido social-democrata russo que sem dúvida participou da revolução, mas não a “faz”, e é obrigado a aprender as leis da revolução ao longo do desenvolvimento da própria revolução, se encontrou desorientado por algum tempo com o refluxo aparentemente estéril da primeira maré de greves gerais. Contudo, a história, que cometera esse “grande erro”, concluía assim um gigantesco trabalho revolucionário tão inevitável quanto incalculável nas suas consequências, sem se preocupar com as lições dos que a si mesmos se instituíram como mestres.

A brusca sublevação geral do proletariado em janeiro, desencadeada pelos acontecimentos de S. Petersburgo, era, na sua





ação exterior, um ato político revolucionário, uma declaração de guerra ao absolutismo. Mas essa primeira luta geral e direta de classes provocou uma reação mais poderosa que a anterior, ao acordar, pela primeira vez, como um choque elétrico, o sentimento e a consciência de classe em milhões e milhões de homens. Esse despertar da consciência de classe imediatamente se manifesta do seguinte modo: uma multidão de milhões de proletários descobre de súbito, com um sentimento de acuidade insuportável, o caráter intolerável da sua existência social e econômica, do qual era escravo há decênios, sob o jugo do capitalismo. De repente, desencadeia-se uma sublevação geral e espontânea para sacudir esse jugo, para quebrar as algemas. Sob mil aspectos, os sofrimentos do proletariado moderno reavivam a recordação dessas feridas sempre sangrentas.

[...] tudo isso é bruscamente despertado pelo relâmpago de janeiro, lembra-se de seus direitos e procura febrilmente recuperar o tempo perdido. Na realidade, a luta econômica não constituía uma fragmentação, uma dispersão da ação, mas uma mudança de frente; a primeira batalha contra o absolutismo transforma-se rápida e naturalmente num ajuste de contas geral com o capitalismo, que, de acordo com sua natureza, assume a *forma* de conflitos parciais em favor dos salários. É falso dizer-se que a ação política de classe em janeiro foi destruída porque a greve geral se fragmentou em greves econômicas. É exatamente o contrário: uma vez esgotado o conteúdo possível da ação política, feito o balanço da situação e da fase em que a revolução se encontrava, esta fragmentou-se, ou antes, transformou-se em ação econômica.

De fato, que mais podia obter a greve geral de janeiro? É preciso ser inconsciente para esperar, de uma só vez, o esmagamento do absolutismo com uma só greve geral “prolongada”, segundo o modelo anarquista. É pelo proletariado que o absolutismo na Rússia tem de ser derrubado. Mas para tanto, o proletariado tem necessidade de um alto grau de educação política, de consciência





de classe e organização. Não pode aprender todas essas coisas em brochuras ou em panfletos; tal educação ele a adquirirá na escola política viva, na luta e pela luta, no decorrer da revolução em marcha. Aliás, o absolutismo não pode ser derrubado, seja quando for, com a exclusiva ajuda de uma dose suficiente de “esforços” e “perseverança”. A queda do absolutismo não é mais que um sinal exterior da evolução interior das classes na sociedade russa. [...]

O resultado mais precioso, porque permanente, nesse brusco fluxo e refluxo da revolução é seu *peso intelectual*: o crescimento intermitente do proletariado no plano intelectual e cultural é uma garantia absoluta do seu irresistível progresso futuro, tanto na luta econômica, quanto na luta política. Mas não é tudo: as próprias relações entre operários e patrões sofrem transformações; após a greve geral de janeiro e as greves seguintes de 1905, o princípio do capitalista senhor em sua casa é praticamente suprimido. Vimos constituir-se espontaneamente comitês operários, únicas instâncias que negociam com o patrão, nas maiores fábricas de todos os centros industriais mais importantes. E, por fim, algo mais: as greves aparentemente caóticas e a ação revolucionária “desorganizada” que sucederam à greve geral de janeiro transformam-se no ponto de partida de um febril *trabalho de organização*. A história ri dos burocratas apaixonados por esquemas “pré-fabricados”, guardiões ciumentos da felicidade dos sindicatos. As sólidas organizações concebidas como fortalezas inexpugnáveis e cuja existência tem de ser assegurada, antes de eventualmente se pensar na realização de uma hipotética greve de massas na Alemanha, são, ao contrário, fruto da própria greve de massas. E enquanto os ciumentos guardiões dos sindicatos alemães temem, antes de tudo, ver quebrar em mil pedaços essas organizações, como uma preciosa porcelana no meio do turbilhão revolucionário, a revolução russa apresenta-nos um quadro completamente diferente: o que emerge dos turbilhões e da tempestade, das chamas e das brasas das greves de massas,





como Afrodite surgindo da espuma dos mares, são... sindicatos novos e jovens, vigorosos e ardentes.

## 4

[...] A greve de massas, tal como nos é apresentada pela revolução russa, é um fenômeno tão móvel que reflete em si todas as fases da luta política e econômica, todos os estágios e todos os momentos da revolução. O seu campo de aplicação, a sua força de ação, os fatores do seu desencadeamento transformam-se continuamente. Ela abre repentinamente novas perspectivas à revolução no momento em que esta parecia atravessar um impasse e falha no momento em que se pensa poder contar seguramente com ela. Ora a vaga do movimento invade todo o Império, ora se divide em uma rede gigantesca de pequenas correntes; ora brota do solo como uma fonte viva, ora se perde na terra. Greves econômicas e políticas, greves de massa, e greves parciais, greves de protesto ou de combate, greves gerais abrangendo setores particulares, ou cidades inteiras, lutas reivindicativas pacíficas ou batalhas de rua, combates de barricadas – todas essas formas de luta se cruzam ou se tocam, se interpenetram ou desaguam umas nas outras: é um mar de fenômenos eternamente novos e flutuantes. E a lei do movimento desses fenômenos surge claramente: não reside na própria greve de massas, nas suas particularidades técnicas, mas na relação entre as forças políticas e sociais da revolução. A greve de massas é tão somente a forma adquirida pela luta revolucionária e qualquer deslocamento na correlação das forças em luta, no desenvolvimento do partido e na divisão das classes, na posição da contrarrevolução, influi imediatamente sobre a ação da greve por meio de inúmeros caminhos invisíveis e incontroláveis. Entretanto, a própria ação da greve de massas não para um só instante. Adquire somente outras formas, modifica a sua extensão, os seus efeitos. Ela é a pulsação viva da revolução e ao mesmo tempo o seu motor mais poderoso. Em resumo: a greve de massas, como nos mostra a revolução russa,





não é um meio engenhoso inventado para reforçar o efeito da luta proletária, mas é o próprio movimento da massa proletária, a forma de manifestação da luta proletária na revolução.

Partindo daí, podemos deduzir alguns pontos de vista gerais que permitem julgar o problema da greve de massas.

1. É absolutamente falso imaginar a greve de massas como ação isolada. A greve de massas é antes um termo que designa globalmente todo um período da luta de classes que se estende por vários anos, às vezes por décadas. Se considerarmos as inúmeras e diferentes greves de massa que ocorreram na Rússia há quatro anos, uma única variante, e esta de importância secundária, corresponde à definição de greve de massas como ato único e breve de características puramente políticas, desencadeado e suspenso arbitrariamente segundo um plano pré-concebido: trata-se da simples greve de protesto. Ao longo de um período de cinco anos, vemos na Rússia só algumas greves de protesto, em pequeno número e, fato notável, ordinariamente limitadas a uma cidade. [...]

2. [...] Porém, o movimento no seu conjunto não se orienta unicamente no sentido de uma passagem do econômico ao político, mas orienta-se também no sentido inverso. Cada uma das grandes ações políticas de massas se transforma, após ter atingido o seu apogeu, numa multiplicidade de lutas econômicas. Isso não é somente válido para cada uma das grandes greves, também o é para a revolução no seu conjunto. Quando a luta política se estende, se clarifica e intensifica, não só a luta reivindicativa continua como se estende, se organiza e se intensifica paralelamente. Há uma completa interação entre ambas.

Cada novo arranque e cada nova vitória da luta política impulsionam poderosamente a luta econômica, alargando as suas possibilidades de ação exterior, e dão novas forças ao proletariado para melhorar a sua situação aumentando a sua combatividade. Cada vaga de ação política deixa atrás de si um terreno fértil, onde em breve surgem mil rebentos: as reivindicações econômicas. E, in-





versamente, a incessante guerra econômica que os operários travam com o capital mantém alerta a sua energia combativa, mesmo nas horas de calma política; de certo modo, constitui um reservatório permanente de energia, no qual a luta política busca sempre novas forças. Ao mesmo tempo, o infatigável trabalho de luta econômica do proletariado provoca, ora aqui ora ali, conflitos agudos a partir dos quais explodem bruscamente os conflitos políticos.

Em suma, a luta econômica apresenta uma continuidade, é o fio que une os diferentes nós políticos; a luta política é uma fecundação periódica que prepara o solo para as lutas econômicas. Causa e efeito sucedem-se, alternam-se incessantemente, e assim os fatores políticos e econômicos, longe de se distinguirem claramente ou de se excluírem reciprocamente como pretende o pretensioso esquema, constituem no período da greve de massas dois aspectos complementares da luta da classe proletária russa. É precisamente a greve de massas que dá forma à sua unidade. A sutil teoria dissecava artificialmente, com a ajuda da lógica, a greve de massas para obter uma “greve política pura”: ora, uma tal dissecação – como todas as dissecações – não nos permite observar o fenômeno vivo, entrega-nos um cadáver.

3. Por fim, os acontecimentos da Rússia mostram-nos que a greve de massas é inseparável da revolução. A história da greve de massas na Rússia confunde-se com a história da revolução. Na verdade, quando os campeões do oportunismo ouvem falar da revolução na Alemanha, pensam imediatamente no sangue vertido, nas batalhas de rua, na pólvora e no chumbo, e daí deduzem com toda a lógica que a greve de massas conduz inevitavelmente à revolução, *logo* nós devemos evitá-la. E de fato constatamos na Rússia que quase todas as greves levam a um confronto sangrento com as forças da ordem tsarista; isso é verdade tanto para as chamadas greves políticas, quanto para os conflitos econômicos. Mas a revolução é outra coisa, é mais que um simples banho de sangue. Com exceção da polícia, que entende a revolução simplesmente





do ponto de vista das batalhas de rua e dos tumultos, quer dizer, do ponto de vista da “desordem”, o socialismo científico vê na revolução uma profunda transformação interna nas relações de classe. Dessa perspectiva há entre a revolução e a greve de massas na Rússia uma relação bem mais profunda que a estabelecida pela constatação trivial, ou seja, a de que a greve de massas termina, geralmente, em um banho de sangue. [...]

4. Basta resumir o que atrás dissemos, para descobrir a solução para o problema da direção consciente e da iniciativa da greve de massas. Se a greve de massas não representa um ato isolado, mas todo um período da luta de classes, e se esse período se confunde com o período revolucionário, é claro que não se pode desencadear arbitrariamente a greve de massas, mesmo se a decisão vier de instâncias supremas do mais poderoso partido socialista. Tanto não está ao alcance da social-democracia suscitar ou travar revoluções a seu bel-prazer, que o enorme entusiasmo e a enorme impaciência das hostes socialistas não conseguiram provocar um período de greve de massas que fosse um movimento popular poderoso e vivo. [...] Mesmo durante a revolução, as greves não caem do céu. É preciso que sejam feitas, de uma maneira ou de outra, pelos operários. A resolução e a decisão da classe operária desempenham também o seu papel, mas é necessário frisar que a iniciativa e a direção de ulteriores operações naturalmente dizem respeito ao setor mais esclarecido e mais bem organizado do proletariado, à social-democracia. Mas essa iniciativa e essa direção só se aplicam na execução de tal ou tal ação isolada, de tal ou tal greve de massas, logo que o período revolucionário esteja em curso, e mais frequentemente no interior de uma dada cidade. Já vimos, por exemplo, a social-democracia, mais de uma vez, dar expressamente, e com sucesso, a palavra de ordem para a realização de uma greve em Baku, Varsóvia, Lodz, S. Petersburgo. Tal iniciativa tem menos probabilidades de sucesso se for aplicada a movimentos gerais que englobem todo o proletariado. Por outro lado, a iniciativa e





a direção das operações têm os seus limites determinados. Justamente durante a revolução, é extremamente difícil a um organismo dirigente do movimento operário prever e calcular a ocasião e os fatores que provoquem ou não o levantamento. Tomar a iniciativa e a direção das operações, também aqui, não consiste em dar ordens arbitrariamente, mas sim em adaptar-se à situação o mais habilmente possível, mantendo o mais estreito contato com o moral das massas. O elemento espontâneo desempenha, como vimos, um enorme papel em todas as greves de massas na Rússia, quer como elemento motor, quer como freio. Esse fato não é motivado por a social-democracia russa ser ainda jovem e fraca, mas porque em cada ato particular da luta tomam parte uma infinidade de fatores econômicos, políticos e sociais, gerais e locais, materiais e psicológicos, de tal maneira que nenhum deles pode ser definido ou calculado como um exemplo aritmético. Mesmo se o proletariado, com a social-democracia à cabeça, desempenhar o papel dirigente, a revolução não é uma manobra do proletariado, mas uma batalha que se desenrola enquanto à sua volta desmoronam e se deslocam sem cessar todos os alicerces sociais. Se o elemento espontâneo desempenha um papel tão importante na greve de massas na Rússia, não é porque o proletariado russo seja “deseducado”, mas porque as revoluções não se aprendem na escola. [...]

Mas se a direção da greve de massas, no sentido de comandar seu desencadeamento e de avaliar e cobrir seus custos, cabe ao período revolucionário, em outro sentido, totalmente diferente, a direção das greves de massas cabe à social-democracia e aos seus órgãos diretivos. Em vez de quebrar a cabeça com o lado técnico, com o mecanismo da greve de massas, a social-democracia é chamada, também em pleno período revolucionário, a tomar a sua direção *política*. A tarefa mais importante de “direção” no período de greve de massas consiste em dar a palavra de ordem da luta, em orientá-la, em dirigir a *tática* da luta política de tal modo que, em cada fase e em cada instante do combate, seja realizada e posta





em ação a totalidade do poder do proletariado, já comprometido e lançado na batalha, e que esse poder se exprima pela posição do partido na luta; é preciso que a tática da social-democracia, no tocante à sua energia e rigor, jamais se encontre *aquém* do nível da correlação de forças real, mas que, ao contrário, ultrapasse esse nível; essa é a mais importante tarefa da “direção” no período das greves de massa. E assim a direção política transformar-se-á automaticamente em certa medida numa direção técnica. Uma tática socialista consequente, resoluto, avançada, provoca na massa um sentimento de segurança, de confiança, de combatividade; uma tática hesitante, fraca, alicerçada na subestimação das forças do proletariado, paralisa e desorienta as massas. No primeiro caso, as greves de massas explodem “espontaneamente” e sempre “oportunamente”; no segundo caso, é em vão que a direção do partido chama diretamente à greve. A revolução russa oferece-nos exemplos sugestivos de ambos os casos. [...]

## 6

Segundo essa perspectiva, o problema da organização nas suas relações com o problema da greve de massas na Alemanha adquire uma fisionomia totalmente diferente. [...]

A concepção rígida e mecânica da burocracia só admite a luta como resultado da organização que atinja um certo grau de força. Ao contrário, a evolução dialética, viva, faz nascer a organização como produto da luta. Vimos já um exemplo magnífico desse fenômeno na Rússia, onde um proletariado quase desorganizado começou a criar uma vasta rede de organizações depois de um ano e meio de lutas revolucionárias tumultuosas. [...]

O plano que consistiria em desencadear uma importante greve de massas a título de ação política de classe com a exclusiva ajuda dos operários organizados é absolutamente ilusório. Para que a greve, ou melhor, as greves de massas, a luta de massas seja coroada de êxito, elas têm de transformar-se num verdadeiro *mo-*





*vimento popular*, quer dizer, têm de arrastar para a batalha as mais largas camadas do proletariado. Mesmo no plano parlamentar, o poder da luta das classes proletárias não se apoia num pequeno núcleo organizado, mas sim na vasta periferia do proletariado com simpatias revolucionárias. Se a social-democracia quisesse conduzir a batalha eleitoral com o exclusivo apoio de algumas centenas de milhares de organizados, condenar-se-ia a si mesma ao aniquilamento. E ainda que a social-democracia deseje acolher nas suas organizações quase todo o contingente dos seus eleitores, a experiência de 30 anos mostra que o eleitorado socialista não aumenta em função do crescimento do partido mas, ao contrário, são as camadas operárias recentemente conquistadas no curso da batalha eleitoral que constituem o terreno que em seguida será fecundado pela organização. Também aqui não é só a organização que fornece as tropas combatentes, mas também é a batalha que fornece, numa maior escala, recrutados para a organização. Isso é, evidentemente, muito mais válido para a ação política direta de massas que para a luta parlamentar. Ainda que a social-democracia, núcleo organizado da classe operária, esteja na vanguarda de toda a massa de trabalhadores e o movimento operário busque a sua força, a sua unidade e consciência política nessa mesma organização, o movimento operário nunca deve ser concebido como movimento de uma minoria organizada. Toda verdadeira grande luta de classes deve alicerçar-se no apoio e na colaboração das mais largas massas; uma estratégia de luta de classes que não contasse com essa colaboração, e não visse mais que os desfiles bem ordenados da pequena parte do proletariado arregimentada nas suas fileiras, estaria condenada a uma lamentável derrota.

Na Alemanha as greves de massas, as lutas políticas de massas não podem ser conduzidas unicamente pelos militantes organizados, nem podem ser comandadas por uma “direção” saída do comitê central do partido. Nesse caso, como na Rússia, há menos necessidade de “disciplina”, de “educação”, de uma avaliação tão





precisa quanto possível das despesas e subsídios do que de uma ação de classe resoluto e verdadeiramente revolucionária, capaz de atingir e arrastar as camadas mais extensas das massas proletárias desorganizadas, mas revolucionárias por sua disposição e condição.

A superestimação e a falsa apreciação do papel organizativo do proletariado na luta de classes está ligada geralmente a uma subestimação da massa proletária desorganizada e da sua maturidade política. Só num período revolucionário, na efervescência das grandes lutas de classes tempestuosas se manifesta o papel educador da rápida evolução do capitalismo e da influência socialista nas grandes camadas populares; em tempo normal, as estatísticas das organizações, ou até as estatísticas eleitorais, não dão mais que uma pálida ideia dessa influência. [...]

No operário alemão esclarecido, a consciência de classe incutida pela social-democracia é uma consciência *teórica, latente*: no período do domínio parlamentar burguês, geralmente não tem ocasião de se manifestar por uma ação direta de massas; é o resultado ideal das 400 ações paralelas das circunscrições durante a luta eleitoral, dos numerosos conflitos econômicos parciais etc. Na revolução, em que a própria massa aparece na cena política, a consciência de classe torna-se *prática, ativa*. Assim, um ano de revolução deu ao proletariado russo essa “educação” que 30 anos de lutas parlamentares e sindicais não podem artificialmente dar ao proletariado alemão. Por certo, esse vivo e ativo instinto de classe que anima o proletariado decrescerá sensivelmente, mesmo na Rússia, uma vez acabado o período revolucionário e uma vez instituído o regime parlamentar legal burguês, ou pelo menos transformar-se-á numa consciência oculta, latente. [...] Seis meses de revolução contribuirão mais para a educação dessas massas atualmente desorganizadas do que dez anos de comícios públicos e de distribuição de panfletos. E quando a situação na Alemanha tiver atingido o grau de maturidade necessário a um tal período, as categorias hoje mais atrasadas e mais desorganizadas constituirão,





naturalmente, o elemento mais radical, mais impetuoso e mais ativo da luta. Se se produzirem greves de massas na Alemanha é quase certo que não serão os trabalhadores mais organizados – certamente não serão os gráficos – mas os operários menos organizados ou completamente desorganizados, como os mineiros, os operários têxteis, ou talvez os camponeses, que desenvolverão maior capacidade de ação. [...]

A social-democracia é a vanguarda mais esclarecida e mais consciente do proletariado. Ela não pode nem deve esperar com fatalismo, de braços cruzados, que se produza uma “situação revolucionária”, nem que o movimento popular espontâneo caia do céu. Ao contrário, tem o dever como sempre de *preceder* o curso dos acontecimentos, de procurar *precipitá-los*. Não o conseguirá, se entregar a “palavra de ordem” de greve ao acaso de qualquer momento, oportuno ou não, mas deve fazer com que as camadas mais largas do proletariado compreendam que a *chegada* de um tal período revolucionário é inevitável, explicando-lhes as *condições sociais* internas que a isso conduzem, assim como as suas *consequências políticas*. Para arrastar as camadas mais largas do proletariado a uma ação política da social-democracia e, inversamente, para que a social-democracia possa assumir e manter a direção efetiva do movimento de massas, para que domine todo o movimento no *sentido político* do termo, precisa saber fornecer com toda clareza, coerência e resolução a *tática* e os *objetivos* ao proletariado alemão para o período das lutas futuras.

## 7

Vimos que na Rússia a greve de massas não é o produto artificial de uma tática imposta pela social-democracia; é antes um fenômeno histórico natural gerado no solo da atual revolução. Ora, quais são os fatores que provocaram a nova forma em que se produziu a revolução? [...]

[Na Rússia] A burguesia não é hoje seu [da revolução] elemento motor, como acontecia outrora nas revoluções ocidentais,





enquanto a massa proletária, afogada no seio da pequena burguesia, servia como massa de manobra da burguesia; ao contrário, é o proletariado consciente que constitui o elemento ativo e dirigente, enquanto as camadas da grande burguesia se mostram ou abertamente contrarrevolucionárias ou moderadamente liberais; só a pequena burguesia rural e a *intelligentsia* pequeno-burguesa das cidades adotam uma atitude francamente opositora e até revolucionária. Mas o proletariado russo, chamado assim a desempenhar um papel dirigente na revolução burguesa, envolve-se na luta no momento em que perdeu as ilusões na democracia burguesa e em que a oposição entre capital e trabalho está fortemente acentuada; em contrapartida, possui uma aguda consciência dos seus interesses específicos de classe. Essa situação contraditória manifesta-se, porque nessa revolução formalmente burguesa o conflito entre a sociedade burguesa e o absolutismo é dominado pelo conflito entre o proletariado e a sociedade burguesa; porque o proletariado luta simultaneamente contra o absolutismo e a exploração capitalista; porque a luta revolucionária tem ao mesmo tempo por objetivo a liberdade política e a conquista do dia de trabalho de 8h., assim como uma existência material humanamente digna para o proletariado. Esse duplo caráter da revolução russa se manifesta na união e na interação estreitas entre a luta econômica e a luta política que os acontecimentos da Rússia nos deram a conhecer e que se exprimem precisamente na greve de massas.

Nas anteriores revoluções burguesas foram os partidos burgueses que se encarregaram da educação política e da direção da massa revolucionária, e, por outro lado, tratava-se pura e simplesmente de derrubar o antigo governo; então o combate de barricadas, de curta duração, era a forma mais apropriada de luta revolucionária. Hoje, quando a classe operária é obrigada a esclarecer-se, a unir-se e a orientar-se a si mesma no decorrer da luta e quando a revolução é dirigida tanto contra a exploração capitalista como contra o antigo poder de Estado, a greve de massas aparece como





o meio natural de recrutar, revolucionar e organizar as mais amplas camadas proletárias no momento da ação, sendo ao mesmo tempo um meio de minar e derrubar o antigo Estado e de conter a exploração capitalista. O proletariado industrial urbano é hoje a alma da revolução na Rússia. Mas, para empreender uma ação política de massas, é preciso primeiro que o proletariado se una em massa; para isso, é preciso que saia das fábricas e das oficinas, das minas e dos altos fornos, e ultrapasse a dispersão e a fragmentação a que o jugo capitalista o condena. Desse modo, a greve de massas é a primeira forma natural e espontânea de qualquer grandiosa ação revolucionária do proletariado; quanto mais a indústria se transformar na forma predominante de economia numa sociedade, tanto mais o proletariado desempenha um papel importante na revolução, tanto mais a oposição entre trabalho e capital se aguça e tanto mais as greves de massas necessariamente adquirem amplitude e importância. O que era antes a principal forma da revolução burguesa, o combate nas barricadas, o confronto direto com as forças armadas do Estado, só constitui na revolução atual o ponto culminante, um momento de todo o processo da luta de massas proletária.

Assim, a nova forma da revolução permitiu alcançar o estágio “civilizado” e “atenuado” das lutas de classe profetizado pelos oportunistas da social-democracia alemã, os Bernstein, os David e consortes. Na verdade, eles imaginavam essa luta de classes atenuada, civilizada, segundo suas ilusões pequeno-burguesas e democráticas, pensavam que a luta de classes se limitava exclusivamente à batalha parlamentar e que a revolução, no sentido de combate de ruas, seria simplesmente abolida. A história solucionou o problema a seu modo, que é ao mesmo tempo mais profundo e mais sutil: fez surgir a greve de massas revolucionária que, evidentemente, não substitui nem torna supérfluos confrontos diretos e brutais na rua, mas os reduz a um momento do longo período de lutas políticas e, ao mesmo tempo, liga a revolução a um gigan-





tesco trabalho civilizador no sentido preciso do termo: a elevação material e intelectual de toda a classe operária, “civilizando” as formas bárbaras de exploração capitalista.

A greve de massas aparece assim não como um produto específico do absolutismo russo, mas como uma forma universal de luta das classes proletárias, determinada pelo estágio atual do desenvolvimento capitalista e da correlação de classes. As três revoluções burguesas, a grande Revolução Francesa em 1789, a revolução alemã em 1848 e a atual revolução russa constituem, segundo esse ponto de vista, uma cadeia de evolução contínua: refletem a grandeza e a decadência do século capitalista. Na grande Revolução Francesa, os conflitos internos ainda latentes da sociedade burguesa dão lugar a um longo período de lutas brutais em que as oposições, rapidamente germinadas e amadurecidas no calor da revolução, rebentam com uma violência extrema e sem qualquer freio. Meio século mais tarde, a revolução da burguesia alemã, explodindo na metade do caminho do desenvolvimento capitalista, é interrompida pela oposição dos interesses e pelo equilíbrio das forças entre capital e trabalho, abafada por um compromisso entre o feudalismo e a burguesia, reduzida a um breve e lastimoso episódio rapidamente amordaçado. Mais meio século e a revolução russa atual explode num ponto do caminho histórico situado já na outra vertente da montanha, passado o apogeu da sociedade capitalista: a revolução burguesa já não pode ser sufocada pela oposição entre a burguesia e o proletariado e, ao contrário, estende-se por um largo período de conflitos sociais violentos que fazem parecer irrisórios os velhos ajustes de contas com o absolutismo, quando comparados aos novos exigidos pela revolução. A revolução realiza hoje, no caso particular da Rússia absolutista, os resultados do desenvolvimento capitalista internacional; aparece-nos menos como herdeira das velhas revoluções do que como precursora de uma nova série de revoluções proletárias no Ocidente. O país mais atrasado, precisamente porque agiu com um atraso imperdoável a levar a cabo a





sua revolução burguesa, mostra ao proletariado da Alemanha e dos países capitalistas mais avançados as vias e os métodos da futura luta de classes. [...]





## A ACUMULAÇÃO DO CAPITAL (1913)

A *acumulação do capital* é não somente a principal obra teórica de Rosa Luxemburgo, mas também uma das mais significativas no campo da economia política marxista. Como a autora revela no curto prefácio, sua elaboração foi de certo modo obra do acaso. Rosa estava trabalhando na sua *Introdução à economia política*, cuja finalidade era unicamente popularizar a teoria de Marx, quando sentiu dificuldade em expor com precisão o processo total de produção capitalista. No esforço de superar a dificuldade, ela acabou por encontrar falhas e insuficiências na elaboração do problema por Marx, o que a levou da mera popularização à criação teórica. Em menos de um ano, Rosa Luxemburgo realizou uma análise da acumulação do capital admirável pela sua extensão, profundidade, consistência, erudição e originalidade.<sup>12</sup>

Nessa obra (assim como na *Introdução à economia política*), ela toma partido a favor da especificidade histórica dos países periféricos, mostrando o capitalismo europeu como um sistema usurpador que permitiu o enriquecimento das nações europeias à custa do resto do mundo. Na sua perspectiva, o capital precisa das regiões não capitalistas – “algo fora de si mesmo” – para acumular. Essa concepção, tão criticada pelo marxismo ortodoxo

---

<sup>12</sup> Paul Singer, “Apresentação”. In: Rosa Luxemburg, *A acumulação do capital*, São Paulo, Nova cultural, 1985, p. XXXVI.





no século 20, foi recentemente retomada por David Harvey que chama a esse processo de “acumulação por espoliação”. Hoje as novas fronteiras de expansão capitalista não são territoriais, mas econômicas: a estratégia do capital consiste em converter antigos direitos e bens públicos em mercadorias (saúde, educação, cultura, recursos ambientais, água, tecnologia etc.). É contra essa nova forma de acumulação do capital que resistem os movimentos sociais no mundo inteiro.

A perspectiva “terceiro-mundista” de Rosa Luxemburgo continua muito fecunda para a esquerda da periferia do capitalismo. Nas obras mencionadas, ela enfatiza a violência com que as culturas primitivas são aniquiladas pelo colonizador europeu e substituídas pela economia de mercado. Esta não significa progresso em relação ao período anterior, mas a ruína econômica e cultural das civilizações não capitalistas, que continuam submetidas à “acumulação primitiva”. A análise do papel exercido pela violência e, em particular, pelo militarismo, no processo de acumulação do capital é um sinal inequívoco da atualidade da obra.

A seguir publicamos extratos de alguns capítulos.

### **Capítulo XXVI – A reprodução do capital e seu meio**

[...] Assim como a produção capitalista não pode limitar-se às riquezas naturais e às forças produtivas das zonas temperadas, necessitando para seu desenvolvimento, ao contrário, de todos os tipos de terra e de clima, da mesma forma só a força de trabalho da raça branca não lhe basta. Para o aproveitamento de regiões





em que a raça branca não tem condições de trabalhar, o capital necessita de outras raças. Tem de poder dispor de forma ilimitada de toda a força de trabalho do globo inteiro, para com ela pôr em movimento todas as forças produtivas da face da Terra, na medida em que os limites da produção da mais-valia o permitam. Essa força de trabalho o capital encontra, no entanto, geralmente presa a condições de produção arcaicas, pré-capitalistas, das quais precisa ser previamente “libertada”, para que possa engajar-se no exército ativo do capital. Esse desatrelamento da força de trabalho de suas relações sociais primitivas e sua absorção pelo sistema assalariado capitalista é uma das condições históricas indispensáveis do capitalismo. A indústria algodoeira inglesa, na qualidade de primeiro ramo produtivo autenticamente capitalista, teria sido impossível sem o algodão dos Estados do Sul dos Estados Unidos, como também sem os milhões de africanos que foram transportados para a América para fornecer a mão de obra para as plantações, homens que após a Guerra de Secessão vão constituir o proletariado livre da classe assalariada capitalista. A importância da importação dos braços necessários, vindos de sociedades não capitalistas, assume, para o capital, uma forma bem tangível na assim chamada questão dos trabalhadores das colônias. Para solucionar essa questão serve toda sorte de métodos “pouco violentos”, destinados a libertar a força de trabalho subordinada a outras autoridades sociais e a outras condições de produção, para submetê-la às ordens do capital. Nas colônias, resultam desses esforços variadas formas mistas, que vão desde o moderno sistema de assalariamento até as relações primitivas de dominação. Elas nos mostram de modo palpável que sem a força de trabalho dos outros modelos de sociedade a produção capitalista não conseguiria subsistir.

Marx efetivamente trata, em detalhe, tanto do processo de apropriação dos meios de produção não capitalistas, quanto do processo de transformação do campesinato em proletariado industrial. Todo o capítulo XXIV do volume I [de *O capital*] é





dedicado à descrição do surgimento do proletariado inglês, da classe de arrendatários agrícolas capitalistas, assim como do capital industrial. Nesse último processo, a pilhagem que ocorre nos países coloniais por parte do capital europeu tem papel relevante na descrição feita por Marx. Tudo isso, note-se bem, com referência à análise da chamada “acumulação primitiva”, no entanto. Os processos que Marx apresenta apenas ilustram a gênese, o nascimento do capital, caracterizando as dificuldades iniciais do modo de produção capitalista depois de libertar-se da tutela da sociedade feudal. Uma vez apresentada sua análise teórica do processo capitalista – da produção e da circulação – volta continuamente a insistir no pressuposto, ou seja, no domínio geral e exclusivo da produção capitalista.

Vemos, no entanto, que o capital, mesmo em sua plena maturidade, não pode prescindir da existência concomitante de camadas e sociedades não capitalistas. [...] O capital não pode existir sem contar com a presença dos meios de produção e da força de trabalho de toda parte; para o desenvolvimento pleno de seu movimento de acumulação, ele necessita de todas as riquezas naturais e da força de trabalho de todas as regiões do globo. Uma vez que *de fato* e em sua maioria estas se encontram ligadas às formas de produção pré-capitalistas – que constituem o meio histórico de acumulação do capital –, daí resulta a tendência incontida do capital de apossar-se de todas as terras e sociedades. [...]

### Capítulo XXVII – A luta contra a economia natural

[...] o capitalismo considera de vital importância a apropriação violenta dos principais meios de produção em terras coloniais. Como as organizações sociais primitivas dos nativos constituem os baluartes na defesa dessas sociedades, bem como as bases materiais de sua subsistência, o capital serviu-se, de preferência, do método da destruição e da aniquilação sistemáticas e planejadas dessas organizações sociais não capitalistas, com as quais entra





em choque por força da expansão por ele pretendida. No caso já não se trata de acumulação primitiva, mas de um processo que prossegue inclusive em nossos dias. Cada nova expansão colonial se faz acompanhar, naturalmente, de uma guerra encarniçada dessas, do capital contra as relações econômico-sociais dos nativos, assim como pela desapropriação violenta de seus meios de produção e pelo roubo de sua força de trabalho.

[...] O capital não conhece outra solução senão a da violência, um método constante da acumulação capitalista no processo histórico, não apenas por ocasião de sua gênese, mas até mesmo hoje. Para as sociedades primitivas, no entanto, trata-se, em qualquer caso, de uma luta pela sobrevivência; a resistência à agressão tem o caráter de uma luta de vida ou morte levada até o total esgotamento ou aniquilação [...].

### Capítulo XXIX – A luta contra a economia camponesa

[...] O resultado geral da luta entre o capitalismo e a economia mercantil simples é o seguinte: após ter colocado a economia mercantil no lugar da economia natural, o próprio capital substitui a economia mercantil simples. Se o capitalismo vive das formações não capitalistas, ele vive, dizendo de modo mais preciso, da ruína dessas formações, e se ele precisa necessariamente para acumular de um meio não capitalista é porque precisa de um solo nutriente às custas do qual a acumulação se realiza absorvendo-o. Considerada historicamente, a acumulação capitalista é um processo metabólico que se realiza entre os modos de produção capitalistas e os pré-capitalistas. Sem estes a acumulação do capital não pode prosseguir e, dessa perspectiva, a acumulação consiste na sua desintegração e assimilação. A acumulação capitalista não pode existir sem as formações não capitalistas, assim como estas não podem coexistir a seu lado. A acumulação capitalista tem como condição de existência a destruição progressiva e permanente das formações não capitalistas.





O que Marx adotou como hipótese do seu esquema de acumulação corresponde, portanto, somente à tendência histórica objetiva do movimento de acumulação e ao seu resultado teórico final. O processo de acumulação tende a substituir por todo lado a economia natural pela economia mercantil simples, a economia mercantil simples pela economia capitalista, levando a produção capitalista, como modo de produção único e exclusivo, à dominação absoluta em todos os países e ramos da economia.

Mas é nesse ponto que começa o impasse. Uma vez alcançado o resultado final – que continua sendo apenas uma construção teórica –, a acumulação torna-se impossível: a realização e a capitalização da mais-valia transformam-se numa tarefa insolúvel. No momento em que o esquema de Marx da reprodução ampliada corresponde à realidade, ele mostra o resultado, os limites históricos do movimento de acumulação, ou seja, o fim da produção capitalista. A impossibilidade da acumulação significa, em termos capitalistas, a impossibilidade do desenvolvimento ulterior das forças produtivas e, portanto, a necessidade histórica objetiva do declínio do capitalismo. Daí resulta o movimento contraditório do capitalismo na última fase – imperialista – como período final de sua trajetória histórica.

O esquema marxista da reprodução ampliada não corresponde, assim, às condições da acumulação enquanto ela progride; não é possível encerrá-la no quadro rígido das trocas recíprocas e da interdependência entre os dois grandes departamentos da produção social (departamento dos meios de produção e departamento dos meios de consumo), formuladas pelo esquema. A acumulação não é uma simples relação interna entre os ramos da economia capitalista, mas ela é sobretudo uma relação entre o capital e o meio não capitalista, em que cada um dos dois grandes ramos da produção pode realizar a acumulação parcialmente de maneira autônoma e independentemente do outro, mas em que o movimento de ambos se cruzam e se interligam continuamente. As relações complicadas





que resultam desses movimentos, a diferença de ritmo e de direção dos dois departamentos no curso da acumulação, suas conexões materiais e de valor com as formas não capitalistas de produção não se deixam reduzir a uma expressão esquemática exata. O esquema marxista da acumulação é somente a expressão teórica do momento em que a dominação capitalista atingiu seu último limite ou vai atingi-lo, sendo nessa medida uma ficção científica tanto quanto o esquema da reprodução simples, que formulava teoricamente o ponto de partida da produção capitalista. O conhecimento exato da acumulação do capital e de suas leis encontra-se precisamente entre essas duas ficções.

### Capítulo XXXI – Tarifas protecionistas e acumulação

[...] A acumulação do capital como um todo, como processo histórico concreto, apresenta, pois, dois aspectos distintos: um deles realiza-se nos lugares produtores de mais-valia – na fábrica, na mina, na propriedade agrícola – e no mercado. Considerada sob esse ponto de vista, a acumulação é um processo puramente econômico, cuja fase mais importante se realiza entre o capitalista e o trabalhador assalariado. Nas duas fases, no entanto, tanto na fábrica quanto no mercado, ela permanece exclusivamente nos limites de uma troca de mercadorias, de uma troca de equivalentes. Paz, propriedade e igualdade reinam como forma, e foi necessária a dialética afiada de uma análise científica para descobrir como, no curso da acumulação, o direito de propriedade se transforma em apropriação da propriedade alheia, a troca de mercadorias em exploração, a igualdade em dominação de classe.

O outro aspecto da acumulação do capital realiza-se entre o capital e as formas não capitalistas de produção. O mundo inteiro é o seu palco. Aqui reinam os métodos da política colonial, o sistema dos empréstimos internacionais, a política das esferas de influência, a guerra. A violência, a fraude, a opressão, a pilhagem aparecem abertamente, sem disfarce, e é difícil reconhecer as leis





rigorosas do processo econômico na confusão dos atos violentos e das brutalidades políticas.

A teoria liberal burguesa encara apenas um lado: o domínio da “concorrência pacífica”, das maravilhas da técnica e da troca pura de mercadorias; ela separa o domínio econômico do capital do outro aspecto, o terreno da violência ruidosa do capital, como manifestação mais ou menos fortuita da “política exterior”.

Na realidade, a violência política é somente o veículo do processo econômico; os dois aspectos da acumulação do capital estão ligados organicamente pelas condições da reprodução capitalista, resultando dessa união a trajetória histórica do capital. Este não vem ao mundo apenas “escorrendo por todos os poros sangue e sujeira”,<sup>13</sup> mas vai-se impondo dessa forma, e prepara assim, em meio a convulsões sempre mais violentas, sua própria decadência.

### Capítulo XXXII – O militarismo como domínio da acumulação do capital

O militarismo desempenha uma função específica na história do capital. Ele acompanha os passos da acumulação em todas as suas fases históricas. No período da chamada “acumulação primitiva”, ou seja, nos primórdios do capitalismo europeu, o militarismo desempenha papel decisivo na conquista do Novo Mundo e dos países fornecedores de especiarias, as Índias; mais tarde serve para conquistar as colônias modernas, destruir as organizações sociais das sociedades primitivas e apropriar-se de seus meios de produção, introduzir por meio da coerção o comércio de mercadorias em países onde a estrutura social se opõe à economia mercantil, proletarizar os nativos e instaurar à força o trabalho assalariado nas colônias, formar e ampliar as esferas de influência do capital europeu em regiões não europeias, extorquir concessões de ferrovias

<sup>13</sup> Karl Marx, *Das Kapital*, vol. I. In: Karl Marx/Friedrich Engels, *Werke*, vol. 23, p. 788. Tradução brasileira: *O capital*, vol. 1/tomo 2, São Paulo, Abril Cultural, 1984, p. 292.





em países atrasados e executar as dívidas decorrentes dos empréstimos internacionais do capital europeu; por fim, o militarismo é um instrumento da concorrência entre os países capitalistas em luta pela partilha de civilizações não capitalistas.

Acrescente-se a isso outra função importante. De um ponto de vista estritamente econômico o militarismo é, para o capital, um meio privilegiado para realizar a mais-valia, ou seja, é para ele um campo de acumulação. [...]

Em vez de um grande número de pequenas demandas de mercadorias, dispersas e díspares temporalmente (mais fáceis, portanto, de serem satisfeitas pela pequena produção mercantil e por isso mesmo desinteressantes para a acumulação do capital), tem-se agora uma demanda potencial homogênea concentrada no Estado. [...] Sob a forma de encomenda de material bélico feita pelo Estado, esse poder de compra concentrado [...] [adquire] regularidade quase automática, um crescimento rítmico. Para finalizar, a alavanca desse movimento rítmico e automático da produção bélica capitalista encontra-se nas mãos do próprio capital – mediante o mecanismo da legislação parlamentar e da criação dos meios de comunicação destinados à formação da assim chamada opinião pública. Eis porque esse campo específico de acumulação de capital parece ser dotado, em princípio, de uma capacidade de ampliação indeterminada. [...]

As necessidades históricas da concorrência mundial do capital, sempre mais intensa, em busca de condições de acumulação, transformam-se assim para o próprio capital num campo de acumulação privilegiado. O capital utiliza cada vez mais energeticamente o militarismo para assimilar, por meio do colonialismo e do imperialismo, os meios de produção e as forças de trabalho dos países e das sociedades não capitalistas. Ao mesmo tempo, nos países capitalistas, esse mesmo militarismo trabalha para privar crescentemente as camadas não capitalistas, isto é, os representantes da economia mercantil simples e a classe trabalhadora, de seu poder





de compra. Procura roubar da primeira as forças produtivas, e forçar a queda do nível de vida da segunda, aumentando violentamente, às custas de ambas, a acumulação do capital. De ambos os lados, no entanto, as condições da acumulação transformam-se, a certa altura, em condições de decadência do capital. [...]

O capitalismo é a primeira forma econômica com força para propagar-se, uma forma que tende a estender-se a todo o globo terrestre e a eliminar todas as outras formas econômicas, não tolerando nenhuma outra a seu lado. Mas ele é, ao mesmo tempo, a primeira forma econômica incapaz de subsistir sozinha, sem outras formas econômicas de que se alimentar. Tendo tendência a tornar-se uma forma mundial, ele sucumbe por sua capacidade intrínseca de existir como forma mundial da produção. O capitalismo é, em si, uma contradição histórica viva; seu movimento de acumulação é, ao mesmo tempo, a expressão, a solução progressiva e a potencialização dessa contradição. A certa altura do desenvolvimento, essa contradição só pode ser resolvida pela aplicação dos princípios do socialismo – por aquela forma econômica que é por definição uma forma mundial, um sistema harmonioso nele mesmo, fundado não sobre a acumulação mas sobre a satisfação das necessidades vitais da própria humanidade trabalhadora, por meio do desenvolvimento de todas as forças produtivas do globo terrestre.





## A CRISE DA SOCIAL-DEMOCRACIA (BROCHURA DE JUNIUS) (1916)

No dia 4 de agosto de 1914, a bancada social-democrata no *Reichstag* aprova por unanimidade os créditos de guerra solicitados pelo governo. A social-democracia abandona o combate contra o militarismo e passa a apoiar a política de união nacional. A partir desse momento, junto com o deputado Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo começa a liderar um pequeno grupo de oposição à guerra, que mais tarde adotará o nome de Liga Spartakus (*Spartakusbund*).<sup>14</sup>

A *crise da social-democracia*, terminada em abril de 1915 na prisão em Berlim,<sup>15</sup> só foi publicada em Zurique um ano mais tarde, devido às dificuldades do estado de sítio. Seu objetivo é ajustar contas com a Segunda Internacional, com a social-democracia alemã e com o proletariado em geral, mas sobretudo o alemão, por terem abandonado a luta de classes e aderido entusiasticamente à deflagração da guerra. Para ela, naquele momento,

<sup>14</sup> Em janeiro de 1917, o conjunto da oposição no SPD convoca uma conferência nacional opondo-se à continuação do conflito. Em nome da disciplina partidária é expulsa em bloco. No começo de abril, funda o Partido Social-democrata Independente (USPD), ao qual os espartakistas se filiam formalmente, embora conservem autonomia organizativa e linha política própria.

<sup>15</sup> Rosa fora condenada a um ano de prisão por agitação antimilitarista. Tendo sido novamente presa em julho de 1916, foi libertada pela revolução alemã no dia 8 de novembro de 1918.





a humanidade encontra-se perante a seguinte alternativa: socialismo ou barbárie. Rosa acredita que nem tudo estará perdido se os trabalhadores souberem aprender com a própria experiência e tirar lições dos próprios erros.

O essencial do texto é dedicado ao estudo das causas da guerra e à história da Alemanha desde 1870. Rosa refuta os argumentos dos dirigentes social-democratas que tentavam justificar a aprovação dos créditos militares e a política de união nacional em torno do imperador Guilherme II, dizendo que se tratava de uma guerra de defesa contra a autocracia russa. Ela trata de mostrar que a guerra foi deliberadamente desejada pela Alemanha, o que é comprovado pela política armamentista e imperialista adotada a partir do final do século 19. "Era preciso uma perspicácia singular para mostrar em detalhe, nove meses após a deflagração do conflito, sem ter conhecimento dos documentos diplomáticos, as causas imediatas e longínquas da guerra."<sup>16</sup>

Publicamos aqui a íntegra da primeira parte e extratos do final da brochura.

## Introdução

2 de janeiro de 1916

A exposição a seguir foi redigida em abril do ano passado. Circunstâncias externas impediram sua publicação naquela época.

A presente publicação deve-se à circunstância de que quanto mais se prolonga a violência da guerra mundial, tanto menos deve

<sup>16</sup> Gilbert Badia, *Rosa Luxemburg, Textes*, Paris, Editions Sociales, 1982, p. 178.





a classe trabalhadora perder de vista as forças que impulsionam esta guerra.<sup>17</sup>

O escrito é publicado sem modificações para permitir que o leitor verifique como o método materialista-histórico consegue apreender de maneira segura o curso do desenvolvimento.

Na medida em que liquidou criticamente a lenda da guerra de defesa alemã e revelou como o verdadeiro objetivo da guerra de agressão imperialista era o domínio da Turquia por parte da Alemanha, este escrito prognosticou o que desde então se confirma sempre mais a cada dia e que hoje, tendo a guerra mundial encontrado seu centro de gravidade no Oriente, aparece aos olhos do mundo inteiro.

## 1

A cena mudou completamente. A marcha de seis semanas sobre Paris transformou-se num drama mundial; o imenso massacre virou um monótono e cansativo negócio cotidiano, sem nenhuma solução à vista. A política burguesa está paralisada, presa na própria armadilha, e já não pode exorcizar os espíritos que invocou.

Acabou-se a embriaguês. Acabou-se o alarido patriótico nas ruas, a caça aos automóveis de ouro; acabaram-se os sucessivos telegramas falsos, as fontes contaminadas por bacilos de cólera, os estudantes russos prestes a jogar bombas sobre todas as pontes das ferrovias de Berlim, os franceses sobrevoando Nuremberg,<sup>18</sup> os excessos da multidão farejando espíões por todos os lados, as aglomerações tumultuadas nos cafés repletos de música ensurdecidora

<sup>17</sup> O escrito de Rosa Luxemburgo, sob o pseudônimo de Junius, foi mandado imprimir ilegalmente por Franz Pfemfert. O nome Junius é certamente inspirado em Junius Brutus, pseudônimo sob o qual foram escritas as *Vindiciae contra tyrannos* [Defesa da liberdade contra os tiranos], escritas na Basileia em 1579. Nesse escrito, o povo era exortado a opor-se aos governantes injustos e a vencê-los pela força das armas. Também são conhecidas as “Cartas de Junius”, publicadas em Londres de 1769 a 1772, atacando fortemente o governo (Cf. Ossip K. Flechtheim, *Rosa Luxemburg zur Einführung*, Hamburgo, Junius Verlag, 2000, p. 38).

<sup>18</sup> Todas estas notícias falsas visavam a levar ao paroxismo o chauvinismo dos alemães.





e cantos patrióticos. A população de cidades inteiras transformada em população, prestes a denunciar qualquer um, a molestar mulheres, a gritar hurra! e a atingir o paroxismo do delírio lançando ela mesma boatos absurdos; uma atmosfera de crime ritual, um clima de Kischinov<sup>19</sup> em que o único representante da dignidade humana era o policial da esquina.

O espetáculo terminou. Há muito tempo que os intelectuais alemães, esses “lêmbres vacilantes”, ao primeiro assobio voltaram às suas tocas. A alegria ruidosa das moças correndo ao longo das plataformas já não acompanha os trens de reservistas, que deixaram de saudar o povo, debruçando-se das janelas dos vagões, com um sorriso alegre nos lábios. Silenciosos, de pasta na mão, caminham rapidamente pelas ruas onde uma multidão carrancuda se entrega aos seus afazeres cotidianos.

Na atmosfera sóbria destes dias pálidos ressoa um outro coro: o grito rouco dos abutres e das hienas no campo de batalha. Dez mil tendas, garantia total! Cem mil quilos de toucinho, cacau em pó, sucedâneo de café, pagamento à vista, entrega imediata! Granadas, tornos, cartucheiras, anúncios de casamento para viúvas de soldados mortos, cintos de couro, intermediários que garantem contratos com o exército – só ofertas sérias! A carne para canhão, embarcada em agosto e setembro cheia de patriotismo, apodrece na Bélgica, nos Vosgos, na Masúria, em cemitérios onde o lucro cresce vigorosamente. Trata-se de guardar rapidamente a colheita nos celeiros. Sobre esse oceano estendem-se milhares de mãos, ávidas para arrancar a sua parte.

Os negócios prosperam sobre ruínas. Cidades transformam-se em montes de escombros, aldeias, em cemitérios, regiões inteiras, em desertos, populações, em montes de mendigos, igrejas, em estábulos;

<sup>19</sup> Em abril de 1903, em Kischinov, organizações criadas e armadas pelo regime tsarista, os Cem Negros, aterrorizaram judeus, estudantes, revolucionários e trabalhadores politizados. Esses *pogroms* foram uma reação do regime tsarista às greves e manifestações dos trabalhadores.





o direito dos povos, os tratados, as alianças, as palavras mais sagradas, as autoridades supremas, tudo é feito em farrapos; qualquer soberano pela graça de Deus trata o primo, no campo adversário, de cretino e velhaco desleal, qualquer diplomata trata o colega de outro partido de canalha espertalhão, qualquer governo, vendo no outro uma fatalidade para o próprio povo, abandona-o ao desprezo público; a fome provoca tumultos em Veneza, Lisboa, Moscou, Singapura; há peste na Rússia, miséria e desespero em toda parte.

Coberta de ignomínia, chafurdando em sangue, pingando imundície – assim se apresenta a sociedade burguesa, assim ela é. Ela se mostra na sua forma nua e verdadeira não quando, impecável e honesta, arremeda a cultura, a filosofia e a ética, a ordem, a paz e o Estado de direito, mas como besta selvagem, anarquia caótica, sopro pestilento sobre a civilização e a humanidade.

E no meio desse caos violento produziu-se uma catástrofe histórica mundial: a capitulação da social-democracia internacional. Iludir-se a esse respeito, mascarar essa catástrofe seria o cúmulo da loucura, o maior desastre que poderia acontecer ao proletariado. O democrata (isto é, o pequeno-burguês revolucionário), diz Marx, sai

da derrota mais ignominiosa tão imaculado como era inocente quando entrou nela, com a convicção readquirida de que tem que vencer, não de que ele próprio e o seu partido têm que abandonar a velha posição, mas que ao contrário, são as condições que têm que amadurecer para se porem de acordo com ele.<sup>20</sup>

O proletariado moderno comporta-se de outra maneira perante as provas da história. Seus erros são tão gigantescos quanto suas tarefas. Não existe nenhum esquema prévio, válido de uma vez por todas, nenhum guia infalível que lhe mostre o caminho a percorrer.

<sup>20</sup> Karl Marx, “Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte”. In: Karl Marx/Friedrich Engels, *Werke*, vol. 8, Berlim, 1969, p. 145. Tradução brasileira: Karl Marx, “O 18 Brumário, de Luis Bonaparte”, in *A revolução antes da revolução*, vol. II. São Paulo, Expressão Popular, 2009, p. 250.





A experiência histórica é sua única mestra. O espinhoso caminho de sua autolibertação está pavimentado não só de sofrimentos sem fim, como também de erros sem conta. O proletariado atingirá o objetivo de sua viagem – sua libertação – se souber aprender com os próprios erros. Para o movimento proletário, a autocrítica, uma autocrítica impiedosa, severa, que vá à raiz das coisas, é o ar e a luz sem os quais ele não pode viver. A queda do proletariado socialista na presente guerra mundial não tem precedentes, é uma desgraça para a humanidade. Mas o socialismo só estaria perdido se o proletariado internacional não quisesse medir a profundidade de sua queda e não quisesse aprender com ela.

O que está hoje em questão é todo o último capítulo – 45 anos – da evolução do movimento operário moderno. Estamos assistindo à crítica e ao balanço do nosso trabalho, realizado durante cerca de meio século. O fim da Comuna de Paris havia concluído a primeira fase do movimento operário europeu e da Primeira Internacional. Desde então começou uma nova fase. Em vez de revoluções espontâneas, insurreições, lutas de barricadas, depois das quais o proletariado recaía sempre em seu estado passivo, começou a luta cotidiana sistemática, a utilização do parlamentarismo burguês, a organização de massas, a união entre a luta econômica e a luta política, entre o ideal socialista e a defesa obstinada dos interesses cotidianos imediatos. Pela primeira vez, a causa do proletariado e de sua emancipação era iluminada pela estrela-guia de uma doutrina rigorosamente científica. No lugar das seitas, escolas, utopias, experimentos por conta própria em cada país, surgia uma base teórica internacional comum que unia os países como linhas em um livro. A teoria marxista pôs nas mãos da classe trabalhadora do mundo inteiro uma bússola para orientar-se no turbilhão dos acontecimentos cotidianos, para dirigir sua tática de luta a todo momento de acordo com o objetivo final imutável.

A social-democracia alemã era a portadora, a defensora e a guardiã desse novo método. A guerra de 1870 e a derrota da Comuna





de Paris haviam deslocado o centro de gravidade do movimento operário europeu para a Alemanha. Assim como a França havia sido o lugar clássico da primeira fase da luta de classe proletária, assim como Paris havia sido o coração palpitante e ensanguentado da classe trabalhadora europeia naquela época, do mesmo modo o operariado alemão tornou-se a vanguarda da segunda fase. Mediante sacrifícios sem conta no incansável trabalho cotidiano, ele construiu a organização mais poderosa e mais exemplar, criou a maior imprensa, deu vida aos mais eficazes meios de formação e esclarecimento, reuniu em torno de si as maiores massas de eleitores e conquistou as mais numerosas representações parlamentares. A social-democracia alemã passava pela mais pura encarnação do socialismo marxista. Ela ocupava e reivindicava um lugar especial como mestra e guia da Segunda Internacional. Em 1895, Friedrich Engels escreveu em seu famoso prefácio às *Lutas de classe na França*, de Marx:

Mas independentemente do que aconteça em outros países, a social-democracia alemã tem uma posição particular e, por isso, pelo menos por agora, tem também uma tarefa particular. Os dois milhões de eleitores que manda às urnas, incluindo os rapazes e as mulheres que estão por trás deles na condição de não eleitores, formam a massa mais numerosa e compacta, a “tropa de choque” (*Gewalthaufen*) decisiva do exército proletário internacional.<sup>21</sup>

A social-democracia alemã, como escrevia em 5 de agosto de 1914 o *Wiener Arbeiter-Zeitung*, era “a joia da organização do proletariado com consciência de classe”. O seu exemplo era sempre fervorosamente seguido pela social-democracia francesa, italiana e belga, pelo movimento operário da Holanda, Escandinávia, Suíça, Estados Unidos. Os países eslavos, os russos, os social-democratas dos Balcãs olhavam para ela com uma admiração sem limites, quase acrítica. A “tropa de choque” alemã representava o papel decisivo

<sup>21</sup> Friedrich Engels, “Einleitung zu Marx’ Klassenkämpfe in Frankreich”. In: Karl Marx/ Friedrich Engels. *Werke*, vol. 2, Berlin, 1970, p. 524.





na Segunda Internacional. Nos Congressos, nas sessões do *Bureau* Socialista Internacional todos esperavam a opinião dos alemães. Sobretudo nas questões relativas à luta contra o militarismo e a guerra, a social-democracia alemã sempre entrava em cena de maneira decisiva. “Para nós, alemães, isso é inaceitável” normalmente bastava para determinar a orientação da Internacional. Com uma confiança cega, esta submetia-se à liderança da admirada e poderosa social-democracia alemã, que era o orgulho de todo socialista e o terror das classes dominantes de todos os países.

E o que vimos na Alemanha no momento da grande prova histórica? A mais profunda queda, o mais violento colapso. Em parte alguma a organização do proletariado foi tão completamente posta a serviço do imperialismo, em parte alguma o estado de sítio foi suportado com tão pouca resistência, em parte alguma a imprensa foi tão amordaçada, a opinião pública tão sufocada, a luta de classe econômica e política da classe trabalhadora tão totalmente abandonada como na Alemanha.

Mas a social-democracia alemã não era simplesmente a vanguarda mais forte da Internacional, ela era o seu cérebro pensante. Por isso o processo de autorreflexão precisa começar por ela, pela análise de sua queda. Ela tem o dever de salvar o socialismo internacional, mas antes precisa fazer uma autocrítica impiedosa. Nenhum outro partido, nenhuma outra classe da sociedade burguesa pode expor os próprios equívocos, as próprias fraquezas perante o mundo inteiro no espelho claro da crítica, pois o espelho reflete, ao mesmo tempo, os limites históricos à sua frente e, atrás, o seu destino histórico. A classe trabalhadora pode olhar sempre a verdade sem medo, encarar a mais dura autoacusação, pois sua fraqueza é apenas confusão, e a lei rigorosa da história restitui-lhe a força, garante-lhe a vitória final.

A autocrítica impiedosa não é apenas um direito da classe operária, mas é também para ela o dever supremo. A bordo do nosso navio transportávamos os mais preciosos tesouros da humanidade, dos quais o proletariado fora designado guardião! E enquanto a





sociedade burguesa, difamada e desonrada pela orgia sangrenta, continua a correr para o seu destino, o proletariado internacional precisa cair em si – e ele o fará – e recolher os tesouros que, num momento de confusão e de fraqueza, no turbilhão selvagem da guerra mundial, deixou cair no abismo.

Uma coisa é certa: a guerra mundial representa uma guinada para o mundo. É uma ilusão insensata imaginar que precisamos apenas sobreviver à guerra, como um coelho esperando o fim da tempestade debaixo de um arbusto, para em seguida recair alegremente na velha rotina. A guerra mundial mudou as condições da nossa luta e mudou sobretudo a nós mesmos. Não é que tenham mudado ou se amenizado as leis fundamentais do desenvolvimento capitalista, da guerra de vida e morte entre capital e trabalho. Mas agora, no meio da guerra, caem as máscaras e os velhos rostos conhecidos troçam de nós. Mas a erupção do vulcão imperialista deu um poderoso empurrão ao ritmo do desenvolvimento; a violência dos conflitos no interior da sociedade, a enormidade das tarefas que se apresentam de imediato ao proletariado socialista fazem com que tudo que ocorreu até hoje na história do movimento operário apareça como um delicioso idílio.

Historicamente esta guerra está destinada a impulsionar poderosamente a causa do proletariado. Encontramos em Marx, que com olhar profético tantos acontecimentos históricos descobriu no seio do futuro, a seguinte passagem notável no escrito sobre *A luta de classes na França*:

Na França, o pequeno-burguês faz aquilo que normalmente deveria fazer o burguês industrial (para conquistar direitos parlamentares – RL); o trabalhador faz o que normalmente seria tarefa do pequeno-burguês (para conquistar a república democrática – RL); e quem realiza a tarefa do trabalhador? Ninguém. Na França ela não é resolvida, na França ela é proclamada. Em nenhum lugar é resolvida no interior dos limites nacionais; a guerra de classes no interior da sociedade francesa se amplia em uma guerra mundial em que as nações se encontram frente a frente. A solução só começa no momento em que o proletariado é posto à cabeça





do povo que domina o mercado mundial, à cabeça da Inglaterra. A revolução – que aqui encontra seu começo de organização e não seu fim – não é uma revolução de curto fôlego. A geração atual se parece com os judeus que Moisés conduziu através do deserto. Não só tem que conquistar um mundo novo, mas precisa perecer para dar lugar aos homens que estarão à altura do mundo novo.<sup>22</sup>

Isso foi escrito em 1850, numa época em que a Inglaterra era o único país capitalista desenvolvido, o proletariado inglês o mais bem organizado e parecia destinado, pela prosperidade econômica de seu país, à liderança da classe operária internacional. Que se lia Alemanha em vez de Inglaterra e as palavras de Marx são uma previsão genial da presente guerra mundial. Esta estava destinada a levar o proletariado alemão à frente do povo e, assim, “começar a organizar” o grande conflito geral internacional entre trabalho e capital visando à tomada do poder político do Estado.

E quanto a nós, será que apresentamos de maneira diferente o papel da classe trabalhadora na guerra mundial? Lembremos como há pouco tempo ainda costumávamos descrever o que viria.

Então virá a catástrofe. Então soará na Europa a hora da mobilização geral que conduzirá ao campo de batalha, como inimigos, 16 a 18 milhões de homens, a fina flor das diversas nações, armados com os melhores instrumentos de morte. Mas estou convencido de que por detrás da grande mobilização geral está o *grande colapso* (der große Kladderadatsch) ... Ele não virá por nossa causa, mas por causa dos senhores. Os senhores estão levando as coisas ao limite, estão nos conduzindo a uma catástrofe, ... Os senhores colherão o que semearam. *O crepúsculo dos deuses do mundo burguês está chegando. Podem ter certeza disso, ele está chegando!*<sup>23</sup> [grifos – RL]

<sup>22</sup> Karl Marx, “Die Klassenkämpfe in Frankreich 1848 bis 1850”. In: Karl Marx/Friedrich Engels: *Werke*, vol. 7, Berlim, 1971, p. 79. Tradução brasileira: Karl Marx, “As lutas de classes na França de 1848 a 1850”. In: *A revolução antes da revolução*, vol. II, São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 157-158.

<sup>23</sup> Verhandlungen des Reichstags. XII. Legislaturperiode, II. Session, Bd. 268. Stenographische Berichte, Berlim, 1911, p. 7.730.





Assim falou Bebel, o líder da nossa bancada, durante o debate no *Reichstag* sobre o Marrocos.

O panfleto oficial do partido, *Imperialismo ou socialismo?*, distribuído às centenas de milhares de exemplares há alguns anos, concluía com estas palavras:

A luta contra o imperialismo transforma-se cada vez mais numa *luta decisiva entre capital e trabalho*. Ameaça de guerra, carestia e capitalismo – ou paz, bem-estar para todos, socialismo! É assim que se põe a questão. A história está perante grandes decisões. O proletariado deve trabalhar incansavelmente na sua missão histórico-mundial, fortalecer o poder da sua organização, a clareza do seu conhecimento. Então, venha o que vier, quer sua força consiga poupar a humanidade da terrível crueldade de uma guerra mundial, quer o mundo capitalista afunde na história tal como nasceu, em sangue e violência, a hora histórica encontrará a classe operária preparada, e *estar preparado é tudo*.<sup>24</sup>

No *Manual para os eleitores social-democratas* oficial, de 1911, destinado à última eleição para o *Reichstag*, pode-se ler na p. 42 a respeito da esperada guerra mundial:

Será que nossos dirigentes e nossas classes dominantes acreditam poder exigir dos povos essa monstruosidade? Não se apossará dos povos um grito de horror, de cólera, de indignação que os levará a pôr fim a esse morticínio?

Não perguntarão eles: para quem, para que tudo isso? Seremos doentes mentais para sermos tratados assim ou para nos deixarmos tratar assim? Quem considerar calmamente a possibilidade de uma grande guerra europeia não poderá chegar a uma conclusão diferente da exposta aqui.

A próxima guerra europeia será uma última cartada como o mundo *nunca viu, será, segundo todas as previsões, a última guerra*.<sup>25</sup>

Com essa linguagem, com essas palavras nossos atuais 110 deputados no *Reichstag* obtiveram seus mandatos.

<sup>24</sup> Julian Marchlewski (J. Karski), *Imperialismus oder Sozialismus?*, Berlim, 1960, pp. 48-49.

<sup>25</sup> *Handbuch für sozialdemokratische Wähler*, Berlim, 1911, p. 42.





Quando no verão de 1911 o salto do Panther [Pantera] sobre Agadir<sup>26</sup> e a agitação ruidosa do imperialismo alemão trouxeram para bem perto o perigo de uma guerra europeia, uma reunião internacional em Paris,<sup>27</sup> no dia 4 de agosto, adotou a seguinte resolução:

Os delegados das organizações operárias alemãs, espanholas, inglesas, holandesas e francesas declaram-se *prontos a opor-se a qualquer declaração de guerra, com todos os meios à sua disposição*. Cada nação representada assume a obrigação, de acordo com as resoluções dos congressos nacionais e internacionais, de *agir* contra todas as maquinações criminosas das classes dominantes.

Porém, quando o Congresso da Internacional se reuniu na Basileia, em novembro de 1912, assim que o longo cortejo dos delegados operários chegou à catedral, todos os presentes sentiram um calafrio provocado pela grandeza da hora fatal que se aproximava e uma determinação heroica tomou conta deles.

O frio e cético Victor Adler bradava:

Camaradas, o mais importante é que nos encontramos aqui na fonte comum da nossa força, é que levamos daqui a força para que cada um de nós faça o que puder em seu país, para nos opormos ao crime da guerra com as formas e os meios que temos, com todo o poder que possuímos. E se conseguirmos isso, se conseguirmos isso realmente, então devemos providenciar para que seja *uma etapa no caminho do fim*.

Esse é o espírito que anima toda a Internacional...

E se extermínio, fogo e pestilência se espalharem pela civilizada Europa – só podemos pensar nisso com horror, e revolta e indignação dilaceram-nos o

<sup>26</sup> Na primavera de 1911, a Alemanha enviou a Agadir os navios de guerra Pantera e Berlim, como resposta à tentativa da França de ampliar sua dominação sobre o Marrocos, o que despertou o temor de uma guerra entre os dois países. A tomada de posição da Inglaterra a favor da França levou o imperialismo alemão a desistir da aventura.

<sup>27</sup> Londres, no original. No dia 4 de agosto de 1911, a Confédération Générale du Travail realizou em Paris uma reunião da qual participaram membros da Comissão Geral dos Sindicatos alemães e da direção do Partido Social-Democrata Alemão, além de representantes sindicais ingleses, espanhóis e holandeses.





peito. *E nós nos perguntamos: será que os homens, será que os proletários não passam realmente de carneiros que se deixam levar mudos ao matadouro?*<sup>28</sup>

[grifos de RL]

Troelstra falou em nome das “pequenas nações”, incluindo a Bélgica:

O proletariado dos pequenos países coloca seus bens e seu sangue à disposição da Internacional para tudo o que ela decidir visando a manter a guerra à distância. Reiteramos nossa expectativa de que, se as classes dominantes dos Estados poderosos chamarem às armas os filhos do proletariado para saciar a cobiça e o apetite de poder de seus governos, à custa do sangue e da terra dos pequenos povos, *de que então os filhos do proletariado, sob a poderosa influência de seus pais proletários, da luta de classes e da imprensa proletária, pensem três vezes antes de virem nos ferir, a serviço desse empreendimento inimigo da civilização, a nós, seus irmãos, seus amigos.*<sup>29</sup> [grifos de RL]

E após a leitura do manifesto contra a guerra,<sup>30</sup> em nome do *Bureau* da Internacional, Jaurès concluiu seu discurso:

A Internacional representa todas as forças morais do mundo! E se um dia soasse a hora trágica e nós nos entregássemos totalmente a ela, esta consciência nos apoiaria e fortaleceria. Não dizemos simplesmente “não”, mas *das profundezas do nosso ser declaramos estar preparados para todos os sacrifícios!*<sup>31</sup> [grifos de RL]

Foi como o juramento de Rütli. O mundo inteiro tinha os olhos fixos na catedral da Basileia onde os sinos tocavam grave e

<sup>28</sup> Außerordentlicher Internationaler Sozialisten-Kongreß zu Basel am 24. und 25. November 1912 [Congresso extraordinário da Internacional Socialista na Basileia em 24 e 25 de novembro de 1912], Berlim, 1912, p. 18.

<sup>29</sup> *Idem*, p. 33.

<sup>30</sup> O “Manifesto da Internacional sobre a situação atual”, adotado no Congresso extraordinário da Internacional Socialista (Basileia, 24-25/11/1912) reforçava as resoluções dos Congressos de Stuttgart (1907) e Copenhagen (1910) e exortava o proletariado a adotar todos os meios eficazes para impedir a guerra e se, mesmo assim, a guerra explodisse, a acabar com ela, liquidando a dominação capitalista.

<sup>31</sup> Außerordentlicher Internationaler Sozialisten-Kongreß zu Basel am 24. und 25. November 1912 [Congresso extraordinário da Internacional Socialista na Basileia em 24 e 25 de novembro de 1912], Berlim, 1912, p. 27.





solenemente, anunciando a futura grande batalha entre o exército do trabalho e o poder do capital.

Em 3 de dezembro de 1912, David, líder da bancada social-democrata no *Reichstag* disse:

Confesso que foi uma das horas mais belas da minha vida. No momento em que os sinos da catedral acompanhavam o cortejo dos social-democratas internacionais, em que as bandeiras vermelhas se espalhavam na nave da igreja em torno do altar e o som do órgão saudava os emissários dos povos que vinham proclamar a paz, essa foi sem dúvida uma impressão que jamais esquecerei... Os senhores devem ter clareza a respeito do que se passa aqui. *As massas deixaram de ser rebanhos dóceis e estúpidos.* Isso é novo na história. Antes as massas deixavam-se aqular cegamente umas contra as outras por aqueles que tinham interesse na guerra e conduzir ao assassinato em massa. *Isso acabou. As massas deixaram de ser instrumentos estúpidos e guarda-costas daqueles interessados na guerra.*<sup>32</sup> [grifos de RL]

No dia 26 de julho de 1914, uma semana antes de irromper a guerra, os jornais do partido alemão escreviam:

Não somos marionetes, combatemos com toda a energia um sistema que faz dos homens instrumentos passivos da situação reinante, desse capitalismo que procura transformar a Europa sedenta de paz num matadouro fumegante. Se a destruição seguir seu curso, se o firme desejo de paz do proletariado alemão e internacional, que será evidente nas manifestações poderosas dos próximos dias, não for capaz de impedir a guerra mundial, *então esta deve, pelo menos, ser a última guerra, deve ser o crepúsculo dos deuses do capitalismo.* (*Volksstimme* de Frankfurt)

Ainda no dia 30 de julho de 1914, o órgão central da social-democracia alemã exclamava:

O proletariado socialista rejeita qualquer responsabilidade pelos acontecimentos provocados por uma classe dominante cega até a loucura.

<sup>32</sup> Verhandlungen des Reichstags. XIII. Legislaturperiode, I. Session, Bd.286. Stenographische Berichte, Berlin, 1913, pp. 2.517-2.518.





Ele sabe que será precisamente das ruínas que uma nova vida nascerá. A *responsabilidade* recai sobre os que hoje detêm o poder!

Para eles trata-se de *ser ou não ser!*

*A história do mundo é o tribunal do mundo!*<sup>33</sup>

E então aconteceu o inesperado, o inaudito, o 4 de agosto de 1914.

Precisava ter sido assim? Um acontecimento dessa importância não é certamente uma brincadeira do acaso. Ele deve ter profundas e consideráveis causas objetivas. Mas essas causas também podem residir nos equívocos da liderança do proletariado, na social-democracia, na falência da nossa vontade de lutar, da nossa coragem, da lealdade às nossas convicções. O socialismo científico nos ensinou a compreender as leis objetivas do desenvolvimento histórico. Os homens não fazem arbitrariamente a história, mas, apesar disso, fazem-na eles mesmos. A ação do proletariado depende do grau de maturidade do desenvolvimento social, mas o desenvolvimento social não é independente do proletariado. Este é, em igual medida, sua força motriz e sua causa, assim como seu produto e sua consequência. Sua própria ação faz parte da história, contribuindo para determiná-la. E embora não possamos saltar por cima do desenvolvimento histórico, assim como um homem não pode saltar por cima da própria sombra, podemos no entanto acelerá-lo ou retardá-lo.

O socialismo é o primeiro movimento popular na história do mundo que pôs a si mesmo como fim, e que a história encarregou de introduzir, no fazer social dos homens, um sentido consciente, um pensamento planejado e, conseqüentemente, uma vontade livre. É por isso que Friedrich Engels chama a vitória definitiva do proletariado socialista de salto da humanidade do reino animal ao reino da liberdade. Esse “salto” também está ligado às leis de bronze da história, aos mil elos do desenvolvimento anterior,

<sup>33</sup> “Vor der Katastrophe”. In: *Vorwärts*, Berlim, nº 205, 30 de julho de 1914.





doloroso e demasiado lento. Mas ele nunca poderia ser realizado se, do conjunto dos pré-requisitos materiais acumulado pelo desenvolvimento, não brotasse a centelha da vontade consciente da grande massa popular. A vitória do socialismo não cairá do céu como uma fatalidade. Ela só poderá resultar de uma longa série de enfrentamentos violentos entre os velhos e os novos poderes, enfrentamentos em que o proletariado internacional, sob a liderança da social-democracia, aprende e procura pôr seu destino nas próprias mãos, apoderando-se do comando da vida social. Ele que era o joguete passivo de sua própria história, procura tornar-se seu piloto lúcido.

Friedrich Engels disse uma vez: a sociedade burguesa encontra-se perante um dilema – ou passagem ao socialismo ou regressão à barbárie. O que significa “regressão à barbárie” no nível atual da civilização europeia? Até hoje todos nós lemos e repetimos essas palavras sem pensar, sem ter ideia de sua terrível gravidade. Se olharmos à nossa volta neste momento, veremos o que significa a regressão da sociedade burguesa à barbárie. Esta guerra mundial é uma regressão à barbárie. O triunfo do imperialismo leva ao aniquilamento da civilização – esporadicamente enquanto durar uma guerra moderna e, definitivamente, se o período das guerras mundiais que está começando continuar sem obstáculos até suas últimas consequências. Hoje encontramos-nos, exatamente como Friedrich Engels previu há uma geração, há 40 anos, perante a escolha: ou triunfo do imperialismo e decadência de toda a civilização, como na antiga Roma, despovoamento, desolação, degeneração, um grande cemitério; ou vitória do socialismo, isto é, da ação combativa consciente do proletariado internacional contra o imperialismo e seu método, a guerra. Este é um dilema da história mundial, um ou-ou, uma balança cujos pratos oscilam e tremem perante a decisão do proletariado com consciência de classe. O futuro da civilização e da humanidade depende de o proletariado jogar sua espada revolucionária na balança, com viril determinação.





Nesta guerra o imperialismo venceu. Sua espada ensanguentada pelo genocídio fez pender brutalmente o prato da balança para o abismo da desolação e da ignomínia. Toda a desolação e toda a ignomínia só podem ser contrabalançadas se aprendermos com a guerra, e na guerra, de que modo o proletariado desiste do papel de servo nas mãos das classes dominantes e recupera o papel de senhor do próprio destino.

A classe operária moderna paga caro a compreensão de sua missão histórica. O gólgota de sua libertação de classe está pavimentado com terríveis sacrifícios. Os combatentes de junho [de 1848], as vítimas da Comuna [de Paris], os mártires da revolução russa [de 1905] – uma série quase inumerável de sombras sangrentas. Porém esses caíram no campo de honra, eles estão, como disse Marx a respeito dos heróis da Comuna, eternamente “conservados no grande coração da classe operária”.<sup>34</sup> Agora, milhões de proletários de todas as línguas caem no campo da vergonha, assassinam seus irmãos, rasgam a própria carne com um canto de escravos nos lábios. Nem sequer disso fomos poupados. Parecemo-nos verdadeiramente com os judeus que Moisés conduziu através do deserto. Mas não estaremos perdidos, e venceremos, se não tivermos desaprendido a aprender. E se a atual liderança do proletariado, a social-democracia, não souber aprender, então ela desaparecerá “para dar lugar aos homens que estejam à altura de um mundo novo”.<sup>35</sup> [...]

## 8

[...] O imperialismo, com toda a sua brutal violência política, com a cadeia ininterrupta de catástrofes sociais que provoca, é

<sup>34</sup> Karl Marx, “Der Bürgerkrieg in Frankreich”. In: Karl Marx/Friedrich Engels. *Werke*, vol. 17, Berlim, 1971, p. 362.

<sup>35</sup> Karl Marx, “Die Klassenkämpfe in Frankreich 1848 bis 1850”. In: Karl Marx/Friedrich Engels. *Werke*, vol. 7, Berlim, 1971, p. 79. Tradução brasileira: Karl Marx, “As lutas de classes na França de 1848 a 1850”. In: *A revolução antes da revolução*, vol. II, São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 157-158.





certamente uma necessidade histórica para as classes dominantes do mundo capitalista contemporâneo. Nada seria mais desastroso, a partir da atual guerra mundial, do que o proletariado alimentar qualquer ilusão, qualquer esperança na possibilidade de um desenvolvimento idílico e pacífico do capitalismo. Mas, para a política proletária, a conclusão resultante da necessidade histórica do imperialismo não é a de que deva capitular perante o imperialismo, para doravante, à sua sombra, alimentar-se das migalhas de suas vitórias.

A dialética histórica move-se precisamente por meio de contradições, e para cada necessidade no mundo estabelece também o seu contrário. A dominação da classe burguesa é sem dúvida uma necessidade histórica, mas também o é a rebelião da classe trabalhadora contra ela; o capital é uma necessidade histórica, mas também o é o seu coveiro, o proletariado socialista; a dominação mundial do imperialismo é uma necessidade histórica, mas também o é a sua destruição pela Internacional proletária. Existem sempre duas necessidades históricas em conflito uma com a outra, e a nossa, a necessidade do socialismo, tem um fôlego maior. Nossa necessidade justifica-se totalmente no momento em que a outra, a dominação da classe burguesa, deixa de ser portadora do progresso histórico, quando se transforma em freio, em perigo para o desenvolvimento futuro da sociedade. A ordem social capitalista, como revela justamente a atual guerra mundial, alcançou esse ponto.

O ímpeto da expansão imperialista do capitalismo, como expressão de sua maturidade máxima, de seu último período de vida, tem, no plano econômico, a tendência a transformar o mundo inteiro num mundo de produção capitalista, a varrer todas as formas de produção e de sociedade obsoletas, pré-capitalistas, a transformar em capital todas as riquezas da terra e todos os meios de produção, e as massas trabalhadoras do povo de todas as zonas em escravos assalariados. Na África e na Ásia, dos mares do extremo norte ao extremo sul da América, nos mares do Sul, os últimos





vestígios de antigas comunidades comunistas primitivas, de relações de dominação feudais, de economias camponesas patriarcais, de produções artesanais seculares são aniquilados, esmagados pelo capital; povos inteiros são exterminados, civilizações antiquíssimas são arrasadas para se implantar a forma mais moderna de extorquir lucro. Essa brutal marcha triunfal através do mundo, em que o capital abre caminho acompanhado pelo uso da violência, do roubo e da infâmia, teve um lado luminoso: criou as pré-condições para o seu próprio desaparecimento definitivo, produziu a dominação mundial capitalista, à qual só pode seguir-se a revolução socialista mundial. Esse foi o único aspecto civilizador e progressista da assim chamada grande obra civilizadora nos países primitivos. Para os economistas e políticos burgueses liberais, ferrovias, fósforos suecos, esgotos e lojas significam “progresso” e “civilização”. Essas obras em si, enxertadas nas condições primitivas, não significam civilização nem progresso, porque são compradas ao preço da rápida ruína econômica e cultural dos povos, os quais sofrem de uma só vez todas as calamidades e todos os horrores de duas épocas: a das relações de dominação da economia natural tradicional e a da exploração capitalista mais moderna e refinada. Somente como pré-condição material para abolir a dominação do capital, para abolir a sociedade de classes em geral, é que as obras da marcha triunfal do capitalismo pelo mundo carregavam a marca do progresso num sentido histórico mais amplo. Nesse sentido, em última análise, o imperialismo trabalhava para nós.

A atual guerra mundial representa uma guinada nesse percurso. Pela primeira vez, as bestas ferozes que a Europa capitalista soltava em todo o resto do mundo irromperam agora de uma só vez no coração da Europa. Um grito de horror percorreu o mundo quando a Bélgica, essa pequena joia preciosa da cultura europeia, quando os mais veneráveis monumentos culturais do Norte da França caíram em cacos sob o impacto ensurdecido de uma cega força destrutiva. O “mundo civilizado” havia assistido





indiferente a esse mesmo imperialismo consagrar-se à mais cruel aniquilação de dez mil Herrereros, quando os gritos enlouquecidos dos que morriam de sede e os estertores dos moribundos encheram o deserto do Kalahari;<sup>36</sup> quando em Putumayo, no espaço de dez anos, 40 mil homens foram torturados até a morte por um bando de capitães de indústria europeus, e o resto do povo transformado em estropiados; quando na China, a fogo e sangue, uma civilização antiquíssima foi abandonada a todos os horrores da destruição e da anarquia pela soldadesca europeia; quando a Pérsia, impotente, foi estrangulada no nó corredio, cada vez mais apertado, da tirania estrangeira; quando em Trípoli, os árabes foram submetidos a ferro e fogo ao jugo do capital e de sua civilização, e suas casas foram arrasadas. Esse “mundo civilizado” só hoje descobriu que a mordida das feras imperialistas é mortal, que suas exalações são perversas. Ele só o percebeu quando as feras enterraram as garras afiadas no seio da própria mãe, a civilização burguesa europeia. E mesmo essa percepção venceu sob a forma distorcida da hipocrisia burguesa, em que cada povo só reconhece a infâmia no uniforme nacional do outro. “Os bárbaros alemães!” – como se cada povo, que se prepara para o assassinato organizado, não se transformasse nesse momento mesmo numa horda de bárbaros. “As atrocidades cossacas!” – como se a guerra mesma não fosse a atrocidade das atrocidades, como se a exaltação da carnificina humana como heroísmo, num jornal da juventude socialista, não fosse exemplo de cossaquismo intelectual na verdadeira civilização!

Mas a atual fúria da bestialidade imperialista nos campos da Europa produz outro efeito, que o “mundo civilizado” não vê com horror, de coração partido: *o desaparecimento em massa do proletariado europeu*. Nunca antes uma guerra exterminara em tais

<sup>36</sup> Em 1904, o povo dos Herrereros, no Sudoeste da África, revoltou-se contra a dominação colonial do imperialismo alemão. As tropas coloniais alemãs, numa campanha de repressão sob o comando do general Lothar von Trotha, levaram os nativos para o deserto, cortaram-lhes a água, abandonando-os, assim, a uma morte cruel.





proporções camadas inteiras da população, nunca, de um século para cá, atacara dessa maneira todos os grandes e antigos países civilizados da Europa. Milhões de vidas humanas são aniquilados nos Vosgos, nas Ardenas, na Bélgica, na Polônia, nos Cárpatos, no Sava, milhões ficam estropiados. Mas desses milhões, nove décimos constituem o povo trabalhador da cidade e do campo. É nossa força, nossa esperança que são ali ceifadas às fileiras, como erva caindo diariamente sob a foice. São as melhores forças do socialismo internacional, as mais inteligentes, as mais educadas, os portadores das mais sagradas tradições e os heróis mais audazes do movimento operário moderno, as vanguardas de todo o proletariado, os trabalhadores da Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, Rússia que são agora amordaçados e massacrados em massa. São precisamente esses trabalhadores dos países capitalistas dirigentes da Europa que têm a missão histórica de realizar a revolução socialista. Apenas da Europa, apenas dos países capitalistas mais antigos é que pode, quando chegar a hora, partir o sinal da revolução social que libertará a humanidade. Somente os trabalhadores ingleses, franceses, belgas, alemães, russos, italianos podem juntos liderar o exército dos explorados e oprimidos dos cinco continentes. Quando chegar a hora, somente eles podem ajustar contas com o capitalismo por sua obra de aniquilação global, exercer vingança pelos crimes seculares cometidos contra todos os povos primitivos. Mas para que o socialismo possa avançar e vencer é preciso um proletariado forte, capaz de agir, educado, e massas cujo poder reside tanto na sua cultura intelectual quanto no seu número. E essas massas, precisamente, estão sendo dizimadas pela guerra mundial. A fina flor dos homens maduros e dos jovens, centenas de milhares cuja educação socialista, na Inglaterra e na França, na Bélgica, na Alemanha e na Rússia, foi produto de um trabalho de décadas de esclarecimento e agitação, outras centenas de milhares que podiam ser conquistados no futuro para o socialismo, caem e apodrecem miseravelmente nos campos de batalha. O fruto





de décadas de sacrifício e de esforços de gerações é destruído em poucas semanas, as tropas nucleares do proletariado internacional são atingidas nas suas raízes vitais.

A sangria da matança de junho [de 1848] paralisou por uma década e meia o movimento operário francês. A sangria da carnificina da Comuna [de Paris] fez com que ele recuasse novamente por mais de uma década. O que está acontecendo agora é um massacre de massas como nunca existiu, um massacre que está reduzindo cada vez mais a população trabalhadora adulta de todos os mais importantes países civilizados às mulheres, aos velhos e aos aleijados, uma matança que ameaça exaurir o movimento operário europeu. Mais uma guerra mundial como esta e as perspectivas do socialismo ficarão enterradas sob as ruínas amontoadas pela barbárie imperialista. É muito mais que a infame destruição de Liège ou da catedral de Reims. É um atentado, não à cultura burguesa do passado, mas à cultura socialista do futuro, um golpe mortal contra aquela força que traz em seu âmago o futuro da humanidade, a única que pode salvar os preciosos tesouros do passado e transmiti-los a uma sociedade melhor. Aqui o capitalismo mostra sua caveira, aqui ele revela que seu direito histórico à existência acabou, que a continuidade da sua dominação não é mais reconciliável com o progresso da humanidade.

A atual guerra mundial mostra igualmente que é, não só um gigantesco assassinato, mas também o suicídio da classe trabalhadora europeia. Pois são os soldados do socialismo, os proletários da Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, da própria Bélgica, que há meses se massacram uns aos outros, obedecendo às ordens do capital, são eles que enterram a fria arma assassina no coração uns dos outros, são eles que, agarrados num abraço mortal, cambaleiam juntos para o túmulo.

“Alemanha, Alemanha acima de tudo! Viva a democracia! Viva o tsar e o pan-eslavismo! Dez mil tendas, garantia total! Cem mil quilos de toucinho, sucedâneo de café, entrega imediata!” ... Os





ISABEL LOUREIRO (ORG.)

dividendos sobem, e os proletários caem. E com cada um deles desce ao tûmulo um combatente do futuro, um soldado da revolução, um salvador da humanidade do jugo do capitalismo.

A loucura só acabará e o espectro sangrento do inferno só desaparecerá quando os trabalhadores na Alemanha e na França, na Inglaterra e na Rússia finalmente acordarem de sua embriaguês, se derem fraternalmente as mãos e encobrirem o coro bestial dos fomentadores da guerra e o grito rouco das hienas capitalistas com o antigo e poderoso grito de guerra do trabalho: proletários de todos os países, uni-vos!







## A REVOLUÇÃO RUSSA (1918)

No verão de 1918, encarcerada na prisão de Breslau (hoje Wrocław), Rosa Luxemburgo continua a participar das atividades do grupo espartakista, redigindo textos que são publicados nas *Cartas de Spartakus*. Desde fevereiro de 1917 ela acompanha com grande impaciência e interesse a revolução na Rússia.

Nestas notas redigidas na prisão em setembro de 1918 (publicadas por Paul Levi em 1922), Rosa critica a política autoritária dos bolcheviques, procurando ao mesmo tempo compreendê-la. Lenin e Trotski foram forçados pelo avanço da contrarrevolução, e pelo isolamento decorrente da falta de apoio do proletariado alemão, a adotar medidas antidemocráticas - no caso a dissolução da Assembleia Constituinte - que atingiram não só a burguesia, mas também as massas trabalhadoras. Apesar de reconhecer a difícil situação dos bolcheviques e de admirar sua coragem revolucionária, Rosa não admite que façam da necessidade virtude e imponham seu caminho para o socialismo como modelo a ser seguido por todos os partidos de esquerda.

Para Rosa, uma sociedade socialista terá necessariamente que ser democrática (e vice-versa), o que significa que só poderá resultar da participação efetiva das massas populares. Daí sua defesa incisiva do espaço público, das liberdades





democráticas como pré-requisito fundamental para a formação política das massas trabalhadoras. A vontade enérgica de um partido revolucionário não basta para construir uma sociedade socialista. Em outras palavras, ela rejeita premonitoriamente a estratégia dos partidos de esquerda que chegarão ao poder no decorrer do século 20: primeiro toma-se o poder, depois muda-se o mundo. Para ela, tomada do poder e instituição da democracia (equivalente aqui à mudança do mundo) não são duas etapas separadas no tempo, mas duas faces da mesma moeda. A suspensão das liberdades democráticas impedirá a participação das massas populares. Esta será substituída pela dominação de um único partido, que acabará levando à dominação de um grupo de burocratas e, por fim, à de um único burocrata.

Este pequeno texto teve uma trajetória altamente polêmica no decorrer do século 20. Desde que veio a público em 1922, sempre foi considerado pelos marxistas ocidentais um manifesto do socialismo democrático, a ponto de recentemente Michael Löwy declarar que

essa brochura de 1918 é um dos textos indispensáveis não só para entender o passado, mas também e sobretudo para uma refundação do socialismo (ou do comunismo) no século 21.<sup>37</sup>

Em contrapartida, na RDA só foi publicado em 1975, acompanhado das habituais observações a respeito dos "erros" de Rosa Luxemburgo; em Moscou,

<sup>37</sup> Michael Löwy, "Prefácio" a Jörn Schütrumpf (org.), *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade*, São Paulo, Expressão Popular, 2006, p. 10.





o texto considerado “maldito” só veio a público pela primeira vez em 1990.

Publicamos a seguir excertos da última parte.

4

[...] Na política dos bolcheviques, a conhecida dissolução da Assembleia Constituinte, em novembro de 1917, representou um papel preponderante. Essa medida foi determinante para sua posição posterior, representando de certa maneira uma guinada na sua tática. É fato que Lenin e seus companheiros, até a vitória de outubro, exigiam com estardalhaço a convocação de uma Assembleia Constituinte, e que justamente a política de contemporização do governo Kerenski nesse ponto constituía uma das acusações dos bolcheviques contra esse governo, dando-lhes motivo para os mais violentos ataques. Na sua interessante brochura intitulada *Da Revolução de Outubro ao tratado de paz de Brest*, Trotsky diz que a insurreição de outubro significou a “salvação da Constituinte” assim como da revolução em geral. E continua:

Quando dizíamos que o caminho que levava à Assembleia Constituinte não passava pelo pré-parlamento de Tsereteli, e sim pela tomada do poder pelos soviets, éramos absolutamente sinceros.<sup>38</sup>

E agora, depois dessas declarações, o primeiro passo de Lenin após a Revolução de Outubro foi dispersar essa mesma Assembleia Constituinte à qual a revolução devia conduzir. Quais podem ter sido as razões para tão surpreendente guinada? Trotsky dá uma longa explicação na obra mencionada, e nós reproduzimos aqui seus argumentos.<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Leon Trotsky. *Von der Oktober-Revolution bis zum Brester Friedens-Vertrag*. Berlim. s/d, p. 90.

<sup>39</sup> Essa argumentação, segundo o escrito de Trotsky, não consta do original. Trotsky escreve: “Se os meses que precederam a Revolução de Outubro constituíram um período em que as massas se deslocaram para a esquerda e em que os operários, os soldados e os camponeses afluíram irresistivelmente para o lado dos bolcheviques, esse processo





Tudo isto é perfeito e muito convincente. Só admira que pessoas tão inteligentes como Lenin e Trotsky não tenham chegado à conclusão evidente que decorria dos fatos acima. Já que a Assembleia Constituinte havia sido eleita muito antes da guinada decisiva, a Revolução de Outubro, e refletia na sua composição a imagem de um passado obsoleto e não do novo estado de coisas, a conclusão impunha-se por si mesma: dissolver essa Constituinte caduca, logo natimorta, e convocar imediatamente eleições para uma nova Constituinte! Eles não queriam e não podiam confiar os destinos da revolução a uma assembleia que refletia a Rússia de ontem, a Rússia de Kerenski, o período das hesitações e da coalizão com a burguesia. Muito bem! Então nada mais restava que convocar imediatamente em seu lugar uma assembleia saída da Rússia renovada e mais avançada.

Em vez disso, a partir das insuficiências específicas da Assembleia Constituinte reunida em outubro, Trotsky conclui que toda Assembleia Constituinte é supérflua e generaliza mesmo essas insuficiências, proclamando a inutilidade, durante a revolução, de toda representação popular resultante de eleições populares gerais.

Graças à luta aberta e direta pelo poder governamental, as massas trabalhadoras acumulam em muito pouco tempo uma experiência política considerável e sobem rapidamente, no seu desenvolvimento, a um plano

---

manifestou-se no seio do Partido Socialista-Revolucionário por um fortalecimento da ala esquerda à custa da ala direita. Mas nas listas eleitorais estabelecidas pelos socialistas-revolucionários, os velhos nomes da ala direita ainda representavam três quartos dos candidatos... É preciso acrescentar a isso que as próprias eleições ocorreram nas primeiras semanas após a Revolução de Outubro. A notícia da mudança realizada espalhava-se de maneira relativamente lenta, em círculos concêntricos, partindo da capital para a província e das cidades para as aldeias. Em muitos lugares, as massas camponesas pouco sabiam do que se passava em Petrogrado e em Moscou. Eles votaram em ‘Terra e Liberdade’ e os representantes que elegeram para os comitês rurais colocavam-se, na maior parte do tempo, sob a bandeira dos ‘Narodniki’. Mas, assim, as massas camponesas votavam em Kerenski e Avksentiev, que dissolveram esses comitês rurais e prenderam seus membros... Esse estado de coisas mostra claramente a que ponto a Constituinte estava atrasada em relação ao desenvolvimento da luta política e aos reagrupamentos no interior dos partidos.”





mais elevado. O pesado mecanismo das instituições democráticas segue tanto mais dificilmente esse desenvolvimento, quanto maior for o país e mais imperfeito seu aparato técnico. (Trotsky, p. 93)

E assim chegamos ao “mecanismo das instituições democráticas em geral”. Pode-se antes de mais nada objetar que esta apreciação das instituições representativas exprime uma concepção um tanto esquemática e rígida, que contradiz expressamente a experiência histórica de todas as épocas revolucionárias. Segundo a teoria de Trotsky, toda assembleia eleita reflete apenas, de uma vez por todas, o estado de espírito, a maturidade política e o humor do eleitorado no momento preciso em que vai às urnas. O organismo democrático seria sempre o reflexo da massa no dia da eleição, assim como o céu estrelado, segundo Herschel, não nos mostra nunca os astros tais como são quando os vemos, mas tais como eram no momento em que, de uma distância incomensurável, enviavam suas mensagens luminosas para a Terra. Nega-se assim qualquer relação intelectual viva entre os eleitos e o eleitorado, qualquer influência recíproca constante entre ambos.

Como toda experiência histórica contradiz isso! Esta mostramos, ao contrário, que o fluido vivo do estado de espírito popular banha constantemente os organismos representativos, penetra-os, orienta-os. Se não como seria possível assistir de tempos em tempos, em todo parlamento burguês, às divertidíssimas cabriolas dos “representantes do povo” que, subitamente animados por um “espírito novo”, produzem entonações inteiramente inesperadas? Como seria possível que, de tempos em tempos, as múmias mais ressequidas assumissem ares juvenis e os pequenos Scheidemann de todas as espécies encontrassem de repente em seu peito tons revolucionários – quando a cólera ruge nas fábricas, nas oficinas, nas ruas?

Essa influência constantemente viva do estado de espírito e da maturidade política das massas sobre os organismos eleitos, justamente numa revolução, seria impotente perante o esquema





rígido das etiquetas partidárias e das listas eleitorais? Muito ao contrário! É justamente a revolução que por sua efervescência e seu ardor cria essa atmosfera política leve, vibrante, receptiva, na qual as vagas do estado de espírito popular, a pulsação da vida do povo, influem instantaneamente e do modo mais extraordinário sobre os organismos representativos. É justamente sobre isso que se assentam sempre as cenas célebres e impressionantes, no estágio inicial de todas as revoluções, em que velhos Parlamentos reacionários ou muito moderados, eleitos no antigo regime por um sufrágio restrito, transformam-se subitamente em porta-vozes heroicos da insurreição, em revolucionários românticos e impetuosos. O exemplo clássico é o famoso Longo Parlamento na Inglaterra: eleito e convocado em 1642, ficou sete anos no posto e [refletiu] em seu interior todas as mudanças do estado de espírito popular, a maturidade política, a divisão das classes, a progressão da revolução até seu apogeu, desde a reverente escaramuça inicial com a coroa, quando o “*speaker*” falava de joelhos, até a supressão da Câmara dos Lordes, a execução de Carlos I e a proclamação da República.

Essa extraordinária metamorfose não se repetiu igualmente nos Estados gerais (*Generalständen*)<sup>40</sup> na França, no Parlamento de Luís Felipe eleito pelo sufrágio censitário e mesmo – o último e mais impressionante exemplo está bem próximo de Trotsky – na IV Duma russa que, eleita no ano da graça de 1912,<sup>41</sup> sob o mais estrito domínio da contrarrevolução sentiu subitamente, em fevereiro de 1917, o vento juvenil da revolta e transformou-se no ponto de partida da revolução?

Tudo isso mostra que “o pesado mecanismo das (...) democráticas”<sup>42</sup> encontra um corretivo poderoso exatamente no movimento

<sup>40</sup> No original: *Generalstaaten*.

<sup>41</sup> No original: 1909.

<sup>42</sup> Reticências no original. A citação integral diz: “o pesado mecanismo das instituições democráticas”.





vivo e na pressão constante da massa. E quanto mais democrática a instituição, quanto mais viva e forte a pulsação da vida política da massa, tanto mais imediata e precisa é a influência que ela exerce – apesar das etiquetas partidárias rígidas, das listas eleitorais obsoletas etc. É claro que toda instituição democrática tem seus limites e lacunas, o que, aliás, compartilha com todas as instituições humanas. Só que o remédio encontrado por Lenin e Trotsky – suprimir a democracia em geral – é ainda pior que o mal que devia impedir; ele obstrui a própria fonte viva a partir da qual podem ser corrigidas todas as insuficiências congênitas das instituições sociais: a vida política ativa, sem entraves, enérgica das mais largas massas populares.

Peguemos um outro exemplo surpreendente: o direito de voto elaborado pelo governo dos soviets.<sup>43</sup> Não é muito claro que significado prático se pode atribuir a esse direito de voto. Da crítica feita por Lenin e Trotsky às instituições democráticas depreende-se que recusam fundamentalmente representações populares saídas de eleições gerais, e que não querem senão apoiar-se nos soviets. Por isso não se vê bem por que mesmo assim foi elaborado um sistema de sufrágio universal. Aliás, que se saiba, o sufrágio universal nunca foi aplicado; nunca se ouviu falar de eleições para qualquer espécie de representação popular que o tivesse por base. Pode-se supor que tenha permanecido apenas um produto teórico de gabinete; mas tal como é, constitui um produto surpreendente da teoria bolchevique da ditadura. Todo direito de voto, assim como em geral todo

<sup>43</sup> De acordo com a Constituição, tinham o direito de votar e ser votados, independentemente de credo, nacionalidade e residência, os seguintes cidadãos com mais de 18 anos: “Todos os que para a sua subsistência realizam trabalho produtivo e socialmente útil, assim como pessoas ocupadas no trabalho doméstico, por meio do qual as primeiras podem realizar trabalho útil, assim como trabalhadores e empregados de todos os tipos e categorias ocupados na indústria, comércio, agricultura, camponeses e cossacos que cultivam a terra, na medida em que não utilizam trabalho assalariado visando ao lucro.”





direito político, não deve ser medido por esquemas abstratos de “justiça”, nem pela fraseologia burguesa democrática, mas pelas condições sociais e econômicas segundo as quais foi talhado. Esse direito de voto foi elaborado pelo governo dos soviets para o período de transição entre a forma social burguesa-capitalista e a forma socialista, para o período da ditadura do proletariado. Segundo a interpretação dada por Lenin e Trotsky dessa ditadura, o direito de voto só é concedido aos que vivem do próprio trabalho e recusado a todos os outros.

Ora, é claro que semelhante direito de voto só tem sentido numa sociedade que esteja economicamente em condições de permitir, a todos que queiram trabalhar, viver digna e decentemente de seu próprio trabalho. Seria esse o caso da Rússia atual? Dadas as monstruosas dificuldades em que se debate a Rússia soviética, isolada do mercado mundial e privada de suas principais fontes de matérias-primas, dada a terrível desorganização da vida econômica em geral, a brusca reviravolta nas condições de produção em consequência das transformações nas relações de propriedade na agricultura, indústria e comércio, é óbvio que inúmeras existências foram subitamente desenraizadas, atiradas para fora do caminho, sem nenhuma possibilidade objetiva de empregar sua força de trabalho no mecanismo econômico. Isso não se refere apenas à classe dos capitalistas e dos proprietários fundiários, mas também à grande camada da pequena-burguesia e da própria classe trabalhadora. É fato que o encolhimento da indústria provocou um êxodo maciço do proletariado urbano para o campo, à procura de colocação na agricultura. Nessas condições, um direito de voto político, que tem como premissa econômica o trabalho obrigatório para todos, é uma medida totalmente incompreensível. Sua intenção é privar de direitos políticos apenas os exploradores. E enquanto forças de trabalho produtivas são desenraizadas em massa, o governo soviético, em contrapartida, vê-se frequentemente obrigado a arrendar, por





assim dizer, a indústria nacional a seus antigos proprietários capitalistas. O governo soviético também se viu obrigado, [em] abril de 1918, a selar um acordo com as cooperativas de consumo burguesas. Por fim a utilização de especialistas burgueses [revelou-se] indispensável. Uma outra consequência da mesma orientação é que camadas crescentes do proletariado são mantidas pelo Estado com fundos públicos, na qualidade de guardas vermelhos etc. Na realidade, ela priva de direitos camadas cada vez maiores da pequena burguesia e do proletariado, para as quais o organismo econômico não prevê nenhum meio que permita exercer a obrigação de trabalhar.

É um contrassenso fazer do direito de voto um produto utópico, um produto da imaginação, desligado da realidade social. E precisamente por isso não constitui um instrumento sério da ditadura proletária.<sup>44</sup>

Quando após a Revolução de Outubro, toda a camada média, a *intelligentsia* burguesa e pequeno-burguesa boicotaram durante meses o governo soviético, paralisando as estradas de ferro, os correios, o telégrafo, as escolas e o aparelho administrativo, insurgindo-se assim contra o governo dos trabalhadores, impunham-se todas as medidas de pressão para quebrar com mão de ferro a resistência contra ele: privação dos direitos políticos, dos meios de subsistência etc. Assim se exprimia com efeito a ditadura socialista, que não deve recuar perante nenhum meio coercitivo para impor ou impedir certas medidas no interesse de todos. Em contrapartida, um direito de voto que priva de direitos vastas camadas da sociedade; que as exclui politicamente do quadro social, sem ser capaz, economicamente, de criar um lugar para elas no interior desse quadro; uma privação de direitos que não é uma medida concreta visando um fim concreto, mas uma regra geral de efeito duradouro, não

<sup>44</sup> Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Um anacronismo, uma antecipação da situação jurídica que convém a uma base econômica socialista já realizada, não ao período de transição da ditadura proletária.”





constitui uma necessidade da ditadura, e sim uma improvisação incapaz de sobreviver.<sup>45</sup>

Mas a Assembleia Constituinte e o direito de voto não esgotam a questão: é preciso considerar ainda a supressão das garantias democráticas essenciais a uma vida pública sadia e à atividade política das massas trabalhadoras – liberdade de imprensa, direito de associação e de reunião, ilegais para todos os adversários do governo soviético.<sup>46</sup> A argumentação de Trotsky, citada anteriormente, sobre o peso das instituições eleitorais democráticas não basta, nem de longe, para justificar esses ataques. Em contrapartida, é um fato patente, incontestável, que sem imprensa totalmente livre, sem livre associação e reunião, a dominação de vastas camadas populares é totalmente impensável.

Lenin diz: o Estado burguês é um instrumento para oprimir a classe trabalhadora, o Estado socialista – um instrumento para oprimir a burguesia. Este seria, por assim dizer, o Estado capitalista de cabeça para baixo. Essa concepção simplista negligencia o essencial: a dominação de classe da burguesia não requer a formação nem a educação política de toda a massa do povo, pelo menos não para além de certos limites estreitamente traçados. Para a ditadura proletária ela é o elemento vital, o ar sem o qual não pode viver.

<sup>45</sup> Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Tanto os soviets como espinha dorsal, quanto a Constituinte e o sufrágio universal.” Numa página solta, sem número, lê-se: “Os bolcheviques qualificavam os soviets de reacionários porque, diziam eles, eram compostos na sua maioria por camponeses (delegados dos camponeses e delegados dos soldados). Quando os soviets ficaram do seu lado, transformaram-se nos justos representantes da opinião popular. Mas essa brusca reviravolta estava ligada apenas à paz e à questão agrária.”

<sup>46</sup> “A ditadura proletária reprime os exploradores, a burguesia – por isso não é hipócrita, não lhes promete liberdade e democracia –, dando, porém, aos trabalhadores a verdadeira democracia. Somente a Rússia soviética deu a toda a enorme maioria dos trabalhadores uma liberdade e uma democracia desconhecidas, impossíveis e impensáveis em qualquer República burguesa; com essa finalidade, por exemplo, tirou à burguesia seus palácios e vilas (caso contrário, a liberdade de reunião é uma hipocrisia), com essa finalidade tirou aos capitalistas as gráficas e o papel (caso contrário, a liberdade de imprensa para a maioria trabalhadora é uma mentira).” (W. I. Lenin, *Werke*, vol. 28, pp. 97-98.)





“Graças à luta aberta e direta pelo poder governamental...”<sup>47</sup> Aqui Trotsky contradiz-se e contradiz seus próprios companheiros de partido da maneira mais espantosa. Justamente por isso ser verdade é que ao sufocarem a vida pública obstruíram a fonte da experiência política e a evolução ascendente. Ou então seria preciso admitir que essa experiência e essa evolução eram necessárias até a tomada do poder pelos bolcheviques, que elas haviam atingido seu apogeu e que doravante tinham-se tornado supérfluas. (Discurso de Lenin: a Rússia foi conquistada para o socialismo!!!)

Na realidade é o contrário! As tarefas gigantescas que os bolcheviques enfrentaram, com coragem e determinação, exigiam precisamente a mais intensiva formação política das massas e acúmulo de experiências... [Liberdade somente para os partidários do governo, somente para os membros de um partido – por mais numerosos que sejam –, não é liberdade. Liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente. Não por fanatismo pela “justiça”, mas porque tudo quanto há de vivificante, salutar, purificador na liberdade política depende desse caráter essencial e deixa de ser eficaz quando a “liberdade” se torna privilégio].<sup>48</sup>

O pressuposto tácito da teoria da ditadura no sentido Lenin-Trotsky é que a transformação socialista seria uma coisa para a qual o partido revolucionário tem no bolso uma receita pronta, que só precisa de energia para ser realizada.<sup>49</sup> Infelizmente – ou, se

<sup>47</sup> Reticências no original. A citação completa diz: “Graças à luta aberta e direta pelo poder governamental, as massas trabalhadoras acumulam em muito pouco tempo uma experiência política considerável e sobem rapidamente, no seu desenvolvimento, a um plano mais elevado.” Leon Trotsky, *Von der Oktoberrevolution bis zum Brester Friedens-Vertrag*, p. 93.

<sup>48</sup> As frases entre colchetes seguem o texto de Rosa Luxemburgo, *Breslauer Gefängnismanuskripte zur Russischen Revolution*. Textkritische Ausgabe, Leipzig, 2001, p. 34.

<sup>49</sup> Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Se os bolcheviques forem honestos, não vão querer negar que precisaram caminhar às apalpadelas, fazer tentativas, experimentos, ensaios de todos os tipos, e que boa parte das medidas tomadas não são pérolas. Certamente é o que nos acontecerá a todos, quando começarmos, mesmo que as condições não sejam por todo lado tão difíceis.”





quisermos, felizmente, não é assim. Muito longe de ser uma soma de prescrições prontas, que bastaria aplicar, a realização prática do socialismo como sistema econômico, social e jurídico é uma coisa totalmente envolta nas brumas do futuro. O que temos em nosso programa são apenas alguns grandes marcos orientadores que indicam em que direção é preciso procurar as medidas a tomar, indicações aliás de caráter sobretudo negativo. Sabemos mais ou menos o que suprimir primeiro para deixar o caminho livre à economia socialista; em contrapartida, nenhum programa de partido socialista nem nenhum manual de socialismo esclarecem de que tipo serão as milhares de medidas concretas, práticas, grandes e pequenas, que é preciso tomar a cada passo para introduzir os princípios socialistas na economia, no direito, em todas as relações sociais. Não é uma lacuna, mas, ao contrário, é justamente a vantagem do socialismo científico sobre o utópico. O sistema social socialista não deve nem pode ser senão um produto histórico, nascido da própria escola da experiência, na hora da sua realização, nascido da história viva fazendo-se, que, exatamente como a natureza orgânica, da qual faz parte em última análise, tem o belo hábito de produzir sempre, junto com uma necessidade social real, os meios de satisfazê-la, ao mesmo tempo que a tarefa a realizar, a sua solução. E assim sendo, é claro que o socialismo, por sua própria *natureza*, não pode ser outorgado nem introduzido por decreto. Ele pressupõe uma série de medidas coercitivas – contra a propriedade etc. Pode-se decretar o negativo, a destruição, mas *não* o positivo, a construção. Terra nova. Mil problemas. Só a experiência [é] capaz de corrigir e de abrir novos caminhos. Só uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil formas novas, improvisações, mantém a *força criadora*, corrige ela mesma todos os seus erros. Se a vida pública dos Estados de liberdade limitada é tão medíocre, tão miserável, tão esquemática, tão infecunda, é justamente porque, excluindo a democracia, ela obstrui a fonte viva de toda riqueza e de todo progresso intelectual. (Prova: o ano de 1905 e os [meses] de fevereiro a outubro de 1917.) No plano político, mas





também econômico e social. É preciso que toda a massa popular participe. Senão o socialismo é decretado, outorgado por uma dúzia de intelectuais fechados num gabinete.

Controle público absolutamente necessário. Senão a troca de experiências fica só no círculo fechado dos funcionários do novo governo. Corrupção inevitável (Palavras de Lenin, *Mitteilungs-Blatt*, nº 36<sup>50</sup>). A prática do socialismo exige uma transformação completa no espírito das massas, degradadas por séculos de dominação da classe burguesa. Instintos sociais em vez de instintos egoístas; iniciativa das massas em vez de inércia; idealismo, que faz superar todos os sofrimentos etc. etc. Ninguém sabe disso melhor, nem descreve com mais precisão, nem repete com mais obstinação do que Lenin.<sup>51</sup> Só que ele se engana completamente

<sup>50</sup> No original, por engano, Rosa Luxemburg menciona o nº 29. O artigo “Após a Revolução Russa” foi publicado no *Mitteilungs-Blatt des Verbandes der sozialdemokratischen Wahlvereine Berlins und Umgegend*, nº 36, de 8 de dezembro de 1918. Ele contém uma reprodução bem minuciosa, quase literal do trabalho de W. I. Lenin, *Die nächsten Aufgaben der Sowjetmacht*.

<sup>51</sup> Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção:

Discurso de Lenin sobre a disciplina e a corrupção.

Também entre nós, assim como em todo lado, a anarquia será inevitável. O elemento lumpemproletário é inerente à sociedade burguesa, não podendo ser separado dela. Provas:

1. Prússia oriental, as pilhagens dos “cossacos”.
2. Explosão geral do roubo e da pilhagem na Alemanha (“fraudes”, empregados dos correios e estradas de ferro, polícia, total apagamento das fronteiras entre a boa sociedade e os bandidos).
3. A rápida depravação dos dirigentes sindicais. Contra isso, medidas de terror draconianas são impotentes. Ao contrário, elas corrompem ainda mais. O único antídoto: idealismo e atividade social das massas, liberdade política ilimitada.”

Numa folha solta, sem indicação de onde inseri-la, encontra-se a seguinte reflexão: “Em toda revolução, a luta contra o lumpemproletariado constitui um problema em si, de grande importância. Na Alemanha, assim como em toda parte, também teremos que enfrentar isso. O elemento lumpemproletário é profundamente inerente à sociedade burguesa, não apenas como camada particular, como dejetos sociais que crescem de forma gigantesca, sobretudo quando as muralhas da ordem social desmoronam, mas como elemento integrante de toda a sociedade. Os acontecimentos na Alemanha – e mais, ou menos, em todos os outros Estados – mostraram com que facilidade todas as camadas da sociedade burguesa caem na depravação. A gradação entre os aumentos abusivos de preços, as fraudes dos proprietários poloneses nobres, os fictícios negócios de ocasião, a adulteração de gêneros alimentícios, a traça, a corrupção de funcionários, o roubo, o assalto e a pilhagem diminuiu de tal forma





quanto aos meios. Decretos, poder ditatorial dos contramestres, punições draconianas, domínio do terror, tudo isso são paliativos. O único caminho que leva ao renascimento é a própria escola da vida pública, a mais ampla e ilimitada democracia, *opinião* pública. É justamente o domínio do terror que desmoraliza.

Se tudo isso for suprimido, o que resta na realidade? No lugar dos organismos representativos saídos de eleições populares gerais, Lenin e Trotsky puseram os sovietes como a única representação verdadeira das massas trabalhadoras. Mas abafando a vida política em todo o país, a vida dos sovietes ficará cada vez mais paralisada. Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem livre debate de opiniões, a vida se estiola em qualquer instituição pública, torna-se uma vida aparente em que só a burocracia subsiste como o único elemento ativo. A vida pública adormece progressivamente, algumas dúzias de chefes partidários, de uma energia inesgotável e de um idealismo sem limites, dirigem e governam; entre eles, na realidade, uma dúzia de cabeças eminentes dirige, e a elite do operariado é convocada de tempos em tempos para reuniões, para

---

que as fronteiras entre os cidadãos honrados e os bandidos desapareceram. Repete-se aqui o mesmo fenômeno da depravação constante e rápida das virtudes burguesas quando transplantadas além-mar para um solo social estranho, em condições coloniais. Com a supressão das barreiras e dos apoios convencionais da moral e do direito, a sociedade burguesa, cuja lei vital intrínseca consiste na mais profunda imoralidade – a exploração do homem pelo homem –, cai, diretamente e sem freio, na simples depravação. A revolução proletária terá, por toda parte, que combater esse inimigo, instrumento da contrarrevolução.

Contudo, mesmo nesse caso, o terror é uma espada sem gume, ou melhor, uma espada de dois gumes. A mais draconiana justiça militar é impotente contra a irrupção das desordens lumpemproletárias. Com efeito, todo regime de estado de sítio que se prolonga leva invariavelmente ao arbítrio, e todo arbítrio tem um efeito depravador sobre a sociedade. O único meio eficaz nas mãos da revolução proletária, também aqui, consiste em tomar medidas radicais de natureza política e social, na transformação rápida das garantias sociais da vida da massa e em desencadear o idealismo revolucionário, que só pode subsistir graças a uma vida intensamente ativa das massas, numa liberdade política ilimitada.

Assim como, contra as infecções e os germes infecciosos, a ação livre dos raios solares é o meio mais eficaz, purificador e terapêutico, também a própria revolução e seu princípio renovador – a vida intelectual, a atividade e a autorresponsabilidade das massas que ela suscita, portanto a mais ampla liberdade política como forma – são o único sol que cura e purifica.”





aplaudir os discursos dos chefes e votar unanimemente as resoluções propostas; portanto, no fundo, é um grupelho que governa – de fato, uma ditadura, não a ditadura do proletariado, e sim a ditadura de um punhado de políticos, isto é, uma ditadura no sentido burguês, no sentido da dominação jacobina (o intervalo entre os congressos dos soviets passou de três para seis meses!). E mais: esse estado de coisas produz necessariamente um recrudescimento da selvageria na vida pública: atentados, execução de reféns etc. É uma lei objetiva, todo poderosa, a que nenhum partido pode fugir.

O erro fundamental da teoria de Lenin-Trotsky consiste precisamente em opor, tal como Kautsky, a ditadura à democracia. “Ditadura ou democracia”, assim é posta a questão, tanto pelos bolcheviques, quanto por Kautsky. Este se decide naturalmente pela democracia, isto é, pela democracia *burguesa*, visto que é a alternativa que propõe à transformação socialista. Em contrapartida, Lenin-Trotsky se decide pela ditadura em oposição à democracia e, assim sendo, pela ditadura de um punhado de pessoas, isto é, pela ditadura *burguesa*. São dois polos opostos, ambos igualmente muito afastados da verdadeira política socialista. Quando o proletariado toma o poder não pode nunca, segundo o bom conselho de Kautsky, renunciar à transformação socialista, com o pretexto de que “o país não está maduro”, e consagrar-se apenas à democracia, sem se trair a si mesmo e sem trair a Internacional e a revolução. Ele tem o dever e a obrigação de tomar imediatamente medidas socialistas da maneira mais enérgica, mais inexorável, mais dura, por conseguinte, exercer a ditadura, mas a ditadura da *classe*, não a de um partido ou de um grupelho; ditadura da classe, isso significa que ela se exerce no mais amplo espaço público, com a participação sem entraves, a mais ativa possível, das massas populares, numa democracia sem limites. “Como marxistas, nunca fomos idólatras da democracia formal”, escreve Trotsky.<sup>52</sup> Certamente, nunca fomos idólatras da democracia formal. Também nunca fomos

<sup>52</sup> Leon Trotsky, *Von der Oktoberrevolution bis zum Brester Friedens-Vertrag*, p. 93.





idólatras do socialismo nem do marxismo. Deve-se concluir daí que devemos, à maneira de Cunow-Lensch-Parvus, jogar o socialismo e o marxismo no quarto de despejos quando nos atrapalha? Trotsky e Lenin são a negação viva dessa pergunta. Nunca fomos idólatras da democracia formal só pode significar que sempre fizemos distinção entre o núcleo social e a forma política da democracia *burguesa*; que sempre desvendamos o áspero núcleo da desigualdade e da servidão sociais escondido sob o doce invólucro da igualdade e da liberdade formais – não para rejeitá-las, mas para incitar a classe trabalhadora a não se contentar com o invólucro, incitá-la a conquistar o poder político para preenchê-lo com um conteúdo social novo. A tarefa histórica do proletariado, quando toma o poder, consiste em instaurar a democracia socialista no lugar da democracia burguesa, e não em suprimir toda democracia. A democracia socialista não começa somente na Terra prometida, quando tiver sido criada a infraestrutura da economia socialista, como um presente de Natal, já pronto, para o bom povo que, entretanto, apoiou fielmente o punhado de ditadores socialistas. A democracia socialista começa com a destruição da dominação de classe e a construção do socialismo. Ela começa no momento da conquista do poder pelo partido socialista. Ela nada mais é que a ditadura do proletariado.

Perfeitamente: ditadura! Mas essa ditadura consiste na maneira de *aplicar* a democracia, não na sua supressão; ela se manifesta nas intervenções enérgicas e resolutas pondo em causa os direitos adquiridos e as relações econômicas da sociedade burguesa, sem o que a transformação socialista não pode ser realizada. Mas essa ditadura precisa ser obra da *classe*, não de uma pequena minoria que dirige em nome da classe; quer dizer, ela deve, a cada passo, resultar da participação ativa das massas, ser imediatamente influenciada por elas, ser submetida ao controle público no seu conjunto, emanar da formação política crescente das massas populares.

Os bolcheviques procederiam exatamente dessa maneira se não sofressem a terrível pressão da guerra mundial, da ocupação alemã e





de todas as dificuldades anormais daí decorrentes, dificuldades que obrigatoriamente desfiguram qualquer política socialista, mesmo impregnada das melhores intenções e dos mais belos princípios.

Um argumento brutal nesse sentido consiste na utilização abundante do terror pelo governo dos conselhos, sobretudo no último período, antes do colapso do imperialismo alemão, desde o atentado contra o embaixador da Alemanha. A verdade banal de que as revoluções não são batizadas com água de rosas é em si mesma bem pobre.

Pode-se compreender tudo o que se passa na Rússia como uma cadeia inevitável de causas e efeitos, cujos pontos de partida e de chegada consistem na omissão do proletariado alemão e na ocupação da Rússia pelo imperialismo alemão. Seria exigir de Lenin e seus companheiros algo sobre-humano pedir-lhes que nessas circunstâncias ainda criassem, por um passe de mágica, a mais bela democracia, a mais exemplar ditadura do proletariado e uma economia socialista florescente. Com sua atitude decididamente revolucionária, sua energia exemplar e sua inabalável fidelidade ao socialismo internacional, eles na verdade realizaram o que era possível em condições tão diabolicamente difíceis. O perigo começa quando querem fazer da necessidade virtude, fixar em todos os pontos da teoria uma tática que lhes foi imposta por essas condições fatais e recomendar ao [proletariado] internacional imitá-la como modelo da tática socialista. Assim, põem-se desnecessariamente como exemplo e escondem seu mérito histórico, que é real e incontestável, sob os passos em falso impostos pela necessidade; ao querer fazer entrar no seu arsenal, como novas descobertas, todos os equívocos introduzidos na Rússia por necessidade e coerção, e que, no final das contas, eram apenas irradiações da falência do socialismo internacional nesta guerra mundial, prestam um mau serviço ao socialismo internacional, por amor do qual lutaram e sofreram.

Os socialistas governamentais alemães sempre podem gritar que a dominação dos bolcheviques na Rússia é uma caricatura da ditadura do proletariado. Quer tenha sido ou seja o caso, isso só





aconteceu porque foi o produto da atitude do proletariado alemão, ela mesma uma caricatura da luta de classes socialista. Todos nós vivemos sob a lei da história, e a política socialista só pode ser executada internacionalmente. Os bolcheviques mostraram que podem fazer tudo que um partido verdadeiramente revolucionário é capaz de realizar nos limites das possibilidades históricas. Eles não devem querer fazer milagres. Pois uma revolução proletária exemplar e perfeita num país isolado, esgotado pela guerra mundial, estrangulado pelo imperialismo, traído pelo proletariado internacional, seria um milagre. O que importa é distinguir, na política dos bolcheviques, o essencial do acessório, a substância da contingência. Nesse último período, em que lutas finais decisivas são iminentes no mundo inteiro, o problema mais importante do socialismo, a questão candente da atualidade era, e é, não esta ou aquela questão de detalhe da tática, e sim a capacidade de ação do proletariado, a energia revolucionária das massas, a vontade do socialismo de chegar ao poder. Nesse sentido, Lenin, Trotsky e seus amigos foram os *primeiros* a dar o exemplo ao proletariado mundial, e até agora continuam sendo os *únicos* que, como Hutten, podem exclamar: eu ousei!

Isso é o essencial e *permanente* na política dos bolcheviques. *Nesse* sentido, o que permanece como seu mérito histórico imperecível é que, conquistando o poder político e colocando o problema prático da realização do socialismo, abriram caminho ao proletariado internacional e fizeram progredir consideravelmente, no mundo inteiro, o conflito entre capital e trabalho. Na Rússia o problema só podia ser colocado. Ele não podia ser resolvido na Rússia. Ele só pode ser resolvido internacionalmente. E, *nesse sentido*, o futuro pertence por toda parte ao “bolchevismo”.





## O QUE QUER A LIGA SPARTAKUS? (1918)

Este texto, publicado pela primeira vez no jornal espartakista *Die Rote Fahne* [A Bandeira Vermelha], em 14 de dezembro de 1918, foi redigido por Rosa Luxemburgo quando os espartakistas ainda eram membros do Partido Social-Democrata Independente (USPD). Entretanto, as divergências entre espartakistas e independentes, tornadas insuperáveis, levaram à criação, no final de dezembro, do Partido Comunista Alemão (KPD). No Congresso de fundação do KPD (31/12/1918 a 1/1/1919), o programa da Liga Spartakus foi adotado por unanimidade, com apenas algumas modificações de detalhe. Para entendermos a posição de Rosa neste texto e no seguinte, são necessárias algumas informações básicas.

No começo de novembro de 1918 surgem por toda a Alemanha conselhos de operários e soldados – um movimento espontâneo das massas, cansadas da guerra exigindo o fim imediato do conflito. No dia 9 de novembro a vaga revolucionária atinge a capital do país, Berlim. O imperador renuncia e Friedrich Ebert, líder da social-democracia, é nomeado chanceler. A República é proclamada. Em pouco tempo, sem derramamento de sangue, a Alemanha passa da monarquia à república. Mas o fato é que as estruturas básicas de poder não se alteram, em grande parte porque os social-democratas





majoritários, que dominam o governo, tomam todas as medidas possíveis para manter a ordem.

Assim que a monarquia começa a vacilar, o antigo chanceler, príncipe Max de Bade, propõe eleições para uma Assembleia Nacional Constituinte, que seria encarregada de elaborar uma nova constituição ratificando a mudança de poder. Os grupos políticos da época estavam divididos quanto a esse tópico. Os partidos burgueses eram todos a favor das eleições para a Assembleia Nacional. A social-democracia majoritária era a favor das eleições e de uma república parlamentar, o que implicava o desaparecimento dos conselhos. A esquerda (Liga Spartakus, depois KPD, e a ala esquerda do USPD) era a favor de uma república conselhistas, e defendia a palavra de ordem da Revolução Russa: "todo o poder aos soviets" [conselhos em russo]. Mas a esquerda era minoria nos conselhos, que estavam longe de ser tão revolucionários quanto Rosa Luxemburgo gostaria. A prova disso é que o 1º Congresso Nacional dos Conselhos de Operários e Soldados, realizado em Berlim em meados de dezembro de 1918, votou contra a proposta de república conselhistas e a favor das eleições para a Assembleia Nacional. Esta deveria decidir a futura forma do Estado.

## 1

Em 9 de novembro, operários e soldados destruíram na Alemanha o antigo regime. Nos campos de batalha da França, dissipara-se a ilusão sangrenta de que o sabre prussiano dominava o mundo. O bando de criminosos que havia começado o incêndio mundial e precipitado a Alemanha num mar de sangue gastara todo o seu latim.





O povo que, enganado durante quatro anos a serviço do Moloch, esquecera os deveres impostos pela civilização, o sentimento da honra e a humanidade, que se deixara usar para qualquer infâmia, esse povo despertou do sono de quatro anos – à beira do abismo.

Em 9 de novembro, o proletariado alemão levantou-se para sacudir o jugo vergonhoso que o oprimia. Os Hohenzollern<sup>53</sup> foram escorraçados, conselhos de trabalhadores e soldados foram eleitos.

Mas os Hohenzollern eram apenas os gerentes da burguesia imperialista e dos *Junkers*.<sup>54</sup> A burguesia com sua dominação de classe, essa é a verdadeira culpada pela guerra mundial, tanto na Alemanha quanto na França, na Rússia quanto na Inglaterra, na Europa quanto na América. Os capitalistas de todos os países são os verdadeiros instigadores da matança dos povos. O capital internacional é o Baal insaciável a cujos dentes sangrentos foram atirados milhões e milhões de vítimas humanas exaustas.

A guerra mundial pôs a humanidade perante a seguinte alternativa: ou manutenção do capitalismo, novas guerras e rápida queda no caos e na anarquia, ou abolição da exploração capitalista.

Com o fim da guerra mundial, a dominação de classe da burguesia perdeu o direito à existência. Ela já não é capaz de retirar a sociedade do terrível caos econômico que a orgia imperialista deixou atrás de si.

Meios de produção foram aniquilados em proporções enormes. Milhões de trabalhadores, a melhor e mais competente geração da classe operária foi massacrada. Aos que ficaram vivos, ao retornarem a casa, espera-os a miséria escarninha do desemprego. A fome e as doenças ameaçam aniquilar até a raiz a força do povo. A bancarrota financeira do Estado, consequência do enorme fardo das dívidas de guerra, é inevitável.

<sup>53</sup> Hohenzollern: dinastia prussiana de onde saíram os imperadores da Alemanha a partir de 1871.

<sup>54</sup> *Junkers*: membros da aristocracia prussiana proprietária de terras, conservadores, militaristas, que defendiam seus interesses agrários contra qualquer forma de liberalismo.





Para sair desse tumulto sangrento, desse abismo escancarado não há outro recurso, outra saída, outra salvação a não ser o socialismo. Só a revolução mundial do proletariado pode pôr ordem nesse caos, dar a todos pão e trabalho, pôr fim ao dilaceramento recíproco entre os povos, dar à humanidade maltratada paz, liberdade e uma verdadeira civilização. Abaixo o sistema de assalariamento! Este é o lema da hora. O trabalho assalariado e a dominação de classe devem ser substituídos pelo trabalho cooperativo. Os meios de trabalho devem deixar de ser monopólio de uma classe para tornar-se bem comum. Chega de exploradores e explorados! Regulamentação da produção e repartição dos produtos no interesse da coletividade. Abolição, tanto do modo de produção atual, da exploração e da pilhagem, quanto do comércio atual, que não passa de fraude.

No lugar dos patrões e de seus escravos assalariados, trabalhadores que cooperam livremente! O trabalho deixa de ser um tormento, porque dever de todos! Uma existência digna e humana para todos os que cumprem seus deveres para com a sociedade! Doravante, a fome não é mais a maldição que pesa sobre o trabalho, mas a punição da ociosidade!

Só numa sociedade assim serão extirpados a servidão e o ódio entre os povos. Só quando essa sociedade se concretizar, a terra deixará de ser profanada pela matança entre os homens. Só então poderemos dizer:

*Esta guerra foi a última.*

O socialismo é nesta hora a única tábua de salvação da humanidade. Sobre as muralhas da sociedade capitalista que desmoronam, brilha em letras de fogo a advertência do *Manifesto comunista*:

*Socialismo ou queda na barbárie!*

## 2

A realização da sociedade socialista é a mais grandiosa tarefa que, na história do mundo, já coube a uma classe e a uma revolução. Essa tarefa exige uma completa transformação do Estado





e uma completa mudança dos fundamentos econômicos e sociais da sociedade.

Essa transformação e essa mudança não podem ser decretadas por nenhuma autoridade, comissão ou Parlamento: só a própria massa popular pode empreendê-las e realizá-las.

Em todas as revoluções anteriores, era uma pequena minoria do povo que conduzia a luta revolucionária, que lhe dava os objetivos e a orientação, utilizando a massa apenas como instrumento para fazer triunfar seus próprios interesses, os interesses da minoria. A revolução socialista é a primeira que só pode triunfar no interesse da grande maioria e graças à grande maioria dos trabalhadores.

A massa do proletariado é chamada não só a fixar claramente o objetivo e a orientação da revolução, mas é preciso que ela mesma, passo a passo, através da sua própria atividade, dê vida ao socialismo.

A essência da sociedade socialista consiste no seguinte: a grande massa trabalhadora deixa de ser uma massa governada, para viver ela mesma a vida política e econômica na sua totalidade, e para orientá-la por uma autodeterminação consciente e livre.

Assim, da cúpula do Estado à menor comunidade, a massa proletária precisa substituir os órgãos herdados da dominação burguesa: *Bundesrat* (Conselho federal), parlamentos, conselhos municipais, pelos seus próprios órgãos de classe, os conselhos de operários e soldados. Precisa ocupar todos os postos, controlar todas as funções, aferir todas as necessidades do Estado pelos seus próprios interesses de classe e pelas tarefas socialistas. E só por uma influência recíproca constante, viva, entre as massas populares e seus organismos, os conselhos de trabalhadores e soldados, é que a atividade das massas pode insuflar no Estado um espírito socialista.

Por sua vez, a transformação econômica só pode realizar-se sob a forma de um processo levado a cabo pela ação das massas proletárias. No que se refere à socialização, secos decretos emitidos pelas autoridades revolucionárias supremas não passam de palavras ocas.





Só o operariado, por sua própria ação, pode transformar o verbo em carne. Numa luta tenaz contra o capital, num corpo a corpo em cada empresa, graças à pressão direta das massas, às greves, graças à criação dos seus organismos representativos permanentes, os trabalhadores podem alcançar o controle e, finalmente, a direção efetiva da produção.

As massas proletárias devem aprender, de máquinas mortas que o capitalista instala no processo de produção, a tornar-se dirigentes autônomas desse processo, livres, que pensam. Devem adquirir o senso das responsabilidades, próprio de membros atuantes da coletividade, única proprietária da totalidade da riqueza social. Precisam mostrar zelo sem o chicote do patrão, máximo rendimento sem o contramestre capitalista, disciplina sem sujeição e ordem sem dominação. O mais elevado idealismo no interesse da coletividade, a mais estrita autodisciplina, verdadeiro senso cívico das massas constituem o fundamento moral da sociedade socialista, assim como estupidez, egoísmo e corrupção são os fundamentos morais da sociedade capitalista.

Só pela sua própria atividade, pela sua própria experiência, pode a massa trabalhadora adquirir todas essas virtudes cívicas socialistas, assim como os conhecimentos e as capacidades necessárias à direção das empresas socialistas.

A socialização da sociedade não pode ser realizada em toda a sua amplitude senão por uma luta tenaz, infatigável da massa trabalhadora em todos os pontos onde o trabalho enfrenta o capital, onde o povo e a dominação de classe da burguesia se encaram, olhos nos olhos. A libertação da classe trabalhadora deve ser obra da própria classe trabalhadora.

### 3

Nas revoluções burguesas, o derramamento de sangue, o terror, o assassinato político eram as armas indispensáveis nas mãos das classes ascendentes.





A revolução proletária não precisa do terror para realizar seus fins, ela odeia e abomina o assassinato. Ela não precisa desses meios de luta porque não combate indivíduos, mas instituições, porque não entra na arena cheia de ilusões ingênuas que, perdidas, levariam a uma vingança sangrenta. Não é a tentativa desesperada de uma minoria de moldar o mundo à força de acordo com o seu ideal, mas a ação da grande massa dos milhões de homens do povo, chamada a cumprir sua missão histórica e a fazer da necessidade histórica uma realidade.

Mas a revolução proletária é, ao mesmo tempo, o dobre de finados de toda servidão e de toda opressão. Eis por que, contra ela, numa luta de vida ou morte, como se fossem um único homem, se erguem todos os capitalistas, os *Junkers*, os pequeno-burgueses, os oficiais, todos os aproveitadores e parasitas da exploração e da dominação de classe.

Não passa de delírio extravagante acreditar que os capitalistas se renderiam de bom grado ao veredito socialista de um Parlamento, de uma Assembleia Nacional, que renunciariam tranquilamente à propriedade, ao lucro, aos privilégios da exploração. Todas as classes dominantes, com a mais tenaz energia, lutaram até o fim por seus privilégios. Os patrícios de Roma, assim como os barões feudais da Idade Média, os *gentlemen* ingleses, assim como os mercadores de escravos americanos, os boiardos da Valáquia, assim como os fabricantes de seda de Lyon – todos derramaram rios de sangue, caminharam sobre cadáveres, em meio a incêndios e crimes, provocaram a guerra civil e traíram seus países para defender privilégios e poder.

Último rebento da classe dos exploradores, a classe capitalista imperialista ultrapassa em brutalidade, em cinismo nu e cru, em abjeção todas as suas antecessoras. Ela defenderá com unhas e dentes o que tem de mais sagrado: o lucro e o privilégio da exploração. Utilizará os métodos sádicos revelados em toda a história da política colonial e no decorrer da última guerra. Moverá céus





e terra contra o proletariado. Mobilizará o campesinato contra as cidades, açulará camadas operárias retrógradas contra a vanguarda socialista, utilizará oficiais para organizar massacres,<sup>55</sup> tentará paralisar toda medida socialista com milhares de meios da resistência passiva, lançará contra a revolução vinte Vendeias,<sup>56</sup> pedirá socorro ao inimigo externo, às armas dos Clemenceau, Lloyd George e Wilson,<sup>57</sup> preferindo transformar a Alemanha num monte de escombros a renunciar de bom grado à escravidão do salariado.

Será preciso quebrar todas essas resistências passo a passo, com mão de ferro e uma brutal energia. À violência da contrarrevolução burguesa é preciso opor o poder revolucionário do proletariado. Aos atentados e às intrigas urdidas pela burguesia, a lucidez inquebrantável, a vigilância e a constante atividade da massa proletária. Às ameaças da contrarrevolução, o armamento do povo e o desarmamento das classes dominantes. Às manobras de obstrução parlamentar da burguesia, a organização ativa da massa dos operários e dos soldados. À onipresença e aos mil meios de que dispõe a sociedade burguesa, é preciso opor o poder concentrado da classe trabalhadora, elevado ao máximo. Só a frente única do conjunto do proletariado alemão, unindo o proletariado do Sul e do Norte da Alemanha, o proletariado urbano e rural, os operários e os soldados, a liderança intelectual viva da revolução alemã e a Internacional, só o alargamento da revolução proletária alemã, permitirão criar a base de granito sobre a qual o edifício do futuro pode ser construído.

<sup>55</sup> Rosa Luxemburgo é profética: um mês depois será assassinada por soldados e oficiais.

<sup>56</sup> Vendeia: região costeira ocidental na França, centro da resistência camponesa contra a república durante a Revolução Francesa.

<sup>57</sup> Georges Clemenceau (1841-1929): primeiro-ministro da França de 1906-1909 e de 1917-1919; David Lloyd George (1863-1945): primeiro-ministro da Inglaterra de 1916-1922; Thomas W. Wilson (1856-1924): presidente dos EUA quando estes entraram na guerra. Defendia a constituição de uma Sociedade das Nações que, no seu entender, deveria impedir todo conflito entre os Estados.





A luta pelo socialismo é a mais prodigiosa guerra civil conhecida até hoje pela história do mundo, e a revolução proletária deve se preparar para ela com os instrumentos necessários, precisa aprender a utilizá-los – para lutar e vencer.

Dotar a massa compacta do povo trabalhador com a totalidade do poder político para que realize as tarefas da revolução – eis a ditadura do proletariado e, portanto, a verdadeira democracia. Não há democracia quando o escravo assalariado se senta ao lado do capitalista, o proletário agrícola ao lado do *Junker*, numa igualdade falaciosa, para debater seus problemas vitais de forma parlamentar. Mas quando a massa dos milhões de proletários empunha com sua mão calosa a totalidade do poder de Estado, como o deus Thor o seu martelo, para arremessá-lo à cabeça das classes dominantes, só então haverá uma democracia que não sirva para lograr o povo. [...]

E porque a Liga Spartakus quer isso, porque exorta e impele a agir, porque é a consciência socialista da revolução, é odiada, perseguida, caluniada por todos os inimigos secretos ou declarados da revolução e do proletariado.

Crucifiquem-na! – gritam os capitalistas, tremendo por seus cofres-fortes.

Crucifiquem-na! – gritam os pequeno-burgueses, os oficiais, os antissemitas, os lacaios da imprensa burguesa, tremendo pelos bons petiscos que a dominação de classe da burguesia lhes permite.

Crucifiquem-na! – gritam os Scheidemann (*Scheidemänner*) que, como Judas Iscariotes, venderam os trabalhadores à burguesia e tremem pelos 30 dinheiros da sua dominação política.

Crucifiquem-na! – repetem ainda, como um eco, camadas do operariado, iludidas, enganadas, mistificadas, e soldados que não sabem que acusam sua própria carne e seu próprio sangue, quando acusam a Liga Spartakus!

No ódio, na calúnia contra a Liga Spartakus une-se tudo o que é contrarrevolucionário, inimigo do povo, antissocialista, equívoco,





turvo, lucífugo. Isso confirma que na Liga Spartakus bate o coração da revolução e que o futuro lhe pertence.

A Liga Spartakus não é um partido que queira chegar ao poder passando por cima da massa operária ou servindo-se da massa operária. A Liga Spartakus é apenas a parte mais consciente do proletariado que indica a cada passo às grandes massas do operariado suas tarefas históricas, que, a cada estágio particular da revolução, representa o objetivo final socialista e que, em todas as questões nacionais, defende os interesses da revolução proletária mundial.

A Liga Spartakus recusa-se a compartilhar o poder com os Scheidemann-Ebert,<sup>58</sup> esses criados da burguesia, porque considera que colaborar com eles significa trair os princípios fundamentais do socialismo, reforçar a contrarrevolução e paralisar a revolução.

A Liga Spartakus recusará igualmente chegar ao poder unicamente porque os Scheidemann-Ebert se desgastaram e os independentes<sup>59</sup> caíram num impasse ao colaborar com eles.<sup>60</sup>

A Liga Spartakus nunca tomará o poder a não ser pela vontade clara e inequívoca da grande maioria da massa proletária em

<sup>58</sup> Philipp Scheidemann (1865-1939). Dirigente social-democrata, entrou no comitê dirigente do SPD em 1912. Deputado no *Reichstag* de 1903 a 1918 e de 1920 a 1933. Em 1918, membro do Conselho dos Comissários do Povo. Primeiro chanceler da República alemã (fevereiro a junho de 1919), participou da repressão à Revolução de 1918. Friedrich Ebert (1871-1925): presidente do SPD desde o pré-guerra. A partir de 10 de novembro de 1918, um dos seis membros do Conselho dos Comissários do Povo. Primeiro presidente da República de Weimar, eleito em 11 de fevereiro de 1919. Scheidemann e Ebert procuram a todo custo preservar a monarquia. Mas a revolução alastra-se pelo país, o imperador renuncia em 9 de novembro, assumindo Ebert a chefia do governo. Scheidemann fez parte do gabinete Max de Bade, último chanceler do Império, para logo em seguida, junto com Ebert, ser membro do Conselho dos Comissários do Povo, nas mãos de quem estava o governo. Por isso Rosa Luxemburgo liga sempre o nome dos dois com hífen, como se fossem uma só pessoa.

<sup>59</sup> Membros do Partido Social-Democrata Independente (USPD).

<sup>60</sup> Com a renúncia do imperador, a república é proclamada e o poder passa a ser exercido por uma coalizão dos partidos operários SPD e USPD. Rosa conta com a desmoralização dos socialistas, tanto majoritários quanto independentes, perante as massas. Entretanto, os independentes, por discordarem de certas medidas políticas dos majoritários, deixam o governo em 29 de dezembro. E Ebert não só não se desmoraliza, como é eleito presidente da República.





toda a Alemanha. Ela só tomará o poder se essa massa aprovar conscientemente os projetos, objetivos e métodos de luta da Liga Spartakus.

A revolução proletária não pode chegar a uma total lucidez e maturidade senão subindo, passo a passo, o amargo gólgota de suas próprias experiências, passando por vitórias e derrotas.

A vitória da Liga Spartakus não se situa no começo, mas no fim da revolução: ela identifica-se à vitória dos milhões de homens que constituem a massa do proletariado socialista.

De pé, proletários! À luta! Trata-se de conquistar um mundo e de lutar contra um mundo. Nesta última luta de classes da história mundial pelos mais sublimes objetivos da humanidade, lançamos aos inimigos este grito: olho por olho, dente por dente! (*Daumen aufs Auge und Knie auf die Brust!*)

A Liga Spartakus

*Die Rote Fahne* (Berlim), nº 29,

14 de dezembro de 1918







## NOSSO PROGRAMA E A SITUAÇÃO POLÍTICA (31 DE DEZEMBRO DE 1918)

Leremos a seguir extratos de uma das intervenções de Rosa Luxemburgo no Congresso de fundação do Partido Comunista Alemão. A oradora faz uma análise das insuficiências da revolução alemã até aquele momento, criticando de modo incisivo a atuação conservadora dos social-democratas majoritários. Ela percebe claramente a trajetória de seus antigos companheiros de partido em direção à contrarrevolução, mas espera que o movimento de massas, ainda não totalmente derrotado, consiga dar vida à democracia conselheira.

Neste discurso, Rosa retoma uma ideia central de sua concepção política, a de que o socialismo é obra dos próprios trabalhadores, e não de um partido que se ergue sobre eles para comandá-los. Logo, para se fazer uma revolução socialista não basta trocar os governantes conservadores por outros revolucionários. Somente massas esclarecidas, autônomas, politicamente formadas poderão exercer o poder nos novos organismos de base, os conselhos; em outras palavras, realizar o socialismo democrático.

Na perspectiva de Rosa Luxemburgo, o poder não é um lugar a ser tomado, mas algo a ser construído a partir de baixo, com a maior participação possível das massas populares. Nesse sentido a revolução implica um longo processo de aprendizagem, que carece de tempo e de liberdade de organização.





Na Alemanha do pós-guerra, essa possibilidade em que ela aposta todas as fichas é interrompida pela contrarrevolução. Duas semanas depois deste discurso, Rosa e seu companheiro de partido, Karl Liebknecht, são brutalmente assassinados por soldados do governo social-democrata.

Em janeiro de 1919 começou na Alemanha uma guerra civil que abriria um abismo tão grande e tão profundo que nunca mais seria fechado. Era uma guerra civil perdida, perversa, para a qual o governo social-democrata chamou oficiais reacionários e antidemocráticos para reprimir operários radicais, com o objetivo de garantir a democracia na Alemanha! Foi naqueles dias que a Alemanha se preparou para a vitória final de Adolf Hitler.<sup>61</sup>

## **Nosso programa e a situação política**

A tarefa que hoje enfrentamos – discutir e adotar o nosso programa<sup>62</sup> – vai além da circunstância formal de que ontem nos constituímos em um novo partido autônomo e que um novo partido precisa oficialmente adotar um programa; a discussão de hoje sobre o programa é motivada por grandes acontecimentos históricos, sobretudo pelo fato de que nos encontramos num momento em que o programa social-democrata, o programa socialista do proletariado deve ser erigido em novas bases. Camaradas, retomamos assim a trama urdida por Marx e Engels no *Manifesto comunista* há exatamente 70 anos. Como vocês sabem, o *Manifesto comunista* considera o socialismo, a realização dos objetivos socialistas a tarefa imediata da revolução proletária. [...]

<sup>61</sup> Evelyn Anderson, *Hammer oder Amboß. Zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung [Martelo ou bigorna. Contribuição à história do movimento operário alemão]*, Frankfurt/Main, Verlag Neue Kritik, 1981, p. 80.

<sup>62</sup> Ver *O que quer a Liga Spartakus?*





[...] Contudo, entre aquele ponto do desenvolvimento, o início, e nossa concepção e tarefas atuais, existe todo o desenvolvimento, não só do capitalismo como também do movimento proletário socialista e, em primeiro lugar, do movimento operário na Alemanha, país guia do proletariado moderno. Esse desenvolvimento ocorreu de uma forma singular. Após as decepções da revolução de 1848 em que Marx e Engels abandonaram o ponto de vista segundo o qual o proletariado se encontrava na situação de poder, de maneira imediata e direta, realizar o socialismo, nasceram em todos os países partidos socialistas, social-democratas que adotaram um ponto de vista totalmente diferente. Proclamou-se como tarefa imediata a luta cotidiana no plano econômico e político para, pouco a pouco, formar os exércitos do proletariado, que seriam chamados a realizar o socialismo quando o desenvolvimento socialista tivesse alcançado a maturidade. Essa reviravolta, essa base totalmente diferente sobre a qual o programa socialista foi estabelecido, adquiriu, sobretudo na Alemanha, uma forma bastante típica. Na Alemanha, até o colapso do 4 de agosto, predominava na social-democracia o Programa de Erfurt, em que as chamadas tarefas mínimas urgentes ficavam em primeiro plano e o socialismo era transformado numa longínqua estrela brilhante, em objetivo final. Porém, mais importante do que aquilo que está escrito no programa é a maneira viva pela qual ele é compreendido; e a compreensão do programa era determinada por um documento importante para a história do nosso movimento operário, a saber, o prefácio que Friedrich Engels escreveu em 1895 para a *Luta de classes na França*. Camaradas, não é apenas por interesse histórico que examino essas questões; ao contrário, é uma questão bem atual e um dever histórico que nos incumbe, ao pormos nosso programa no terreno em que Marx e Engels se encontravam em 1848. Em virtude das transformações introduzidas pelo desenvolvimento histórico temos, de maneira clara e consciente, o dever de fazer





uma revisão da concepção dominante na social-democracia alemã até o colapso de 4 de agosto. É aqui que essa revisão deve ser oficialmente feita. [...]

[...] aqui está um documento clássico que resume a concepção de que vivia a social-democracia alemã, ou melhor, que a matou. Aqui, camaradas, Engels expõe, com todo o conhecimento especializado de que dispunha no domínio da ciência militar, que, no estado atual de desenvolvimento do militarismo, da indústria e das grandes cidades, era pura ilusão acreditar que o povo trabalhador pudesse fazer revoluções de rua e vencer. Essa refutação teve duas consequências: primeiro, a luta parlamentar foi considerada como a antítese da ação revolucionária direta do proletariado e quase como o único meio da luta de classes. Essa crítica teve como resultado o parlamentarismo puro e simples. Segundo, considerou-se, curiosamente, que a mais poderosa organização do Estado de classes, o militarismo, a massa dos proletários uniformizados, devia ser de antemão imune e inacessível a toda influência socialista. E quando o prefácio diz que seria insensato pensar que, com o atual desenvolvimento de exércitos gigantescos, o proletariado pudesse enfrentar soldados equipados com metralhadoras e com os mais recentes meios técnicos de combate, parte claramente do pressuposto de que todo soldado deve permanecer, de antemão e para sempre, um sustentáculo das classes dirigentes. Do ponto de vista da experiência atual e no homem que se encontrava à cabeça do nosso movimento, esse erro seria incompreensível se não se soubesse em que circunstâncias efetivas nasceu o documento histórico mencionado. Em consideração aos nossos dois grandes mestres e sobretudo a Engels que, tendo falecido muito mais tarde, defendia a honra e as opiniões de Marx, é preciso declarar que Engels, como se sabe, escreveu esse prefácio sob a pressão direta da fração parlamentar daquele tempo. Era a época em que na Alemanha – após o fim das leis antissocialistas no início dos anos de 1890 – uma forte corrente radical de esquerda se manifestava no interior do





movimento operário alemão, procurando preservar os camaradas da total absorção numa luta puramente parlamentar. Para derrotar os elementos radicais na teoria e submetê-los na prática, para que graças à autoridade dos nossos grandes mestres as massas deixassem de prestar-lhes atenção, Bebel<sup>63</sup> e camaradas (exemplo típico do que já era na época nossa situação: a fração parlamentar decidia, do ponto de vista intelectual e tático, sobre os destinos e tarefas do partido), Bebel e camaradas forçaram Engels, que vivia no exterior e devia confiar nas suas afirmações, a redigir esse prefácio, uma vez que segundo eles era absolutamente necessário salvar o movimento operário alemão dos desvios anarquistas. Desde então essa concepção dominou a conduta da social-democracia alemã até nossa bela experiência de 4 de agosto de 1914. Foi a proclamação do parlamentarismo puro e simples. Engels não chegou a presenciar os resultados, as consequências práticas da utilização do seu prefácio, da sua teoria. Tenho certeza de que quando se conhecem as obras de Marx e Engels, quando se conhece o espírito revolucionário vivo, legítimo, autêntico que se manifesta em seus ensinamentos e em seus escritos, convencemo-nos de que Engels teria sido o primeiro a protestar contra os abusos resultantes do parlamentarismo puro e simples, contra essa corrupção, essa degradação do movimento operário tal como ocorreu na Alemanha décadas antes do dia 4 de agosto – pois 4 de agosto não caiu do céu como se fosse uma guinada inesperada, mas foi uma consequência lógica do que vivemos, dia após dia, ano após ano (*Muito bem!*); Engels e Marx – se estivessem vivos – teriam sido os primeiros a protestar com todas as forças contra isso, a frear brutalmente o veículo para que não caísse no pântano. Mas Engels morreu no mesmo ano em que escreveu seu prefácio. Nós o perdemos em 1895; desde então, infelizmente, a direção teórica passou das mãos de Engels às de um

<sup>63</sup> August Bebel (1840-1913): fundador e presidente do Partido Social-Democrata Alemão (SPD).





Kautsky, e assistimos ao seguinte fenômeno: todo protesto contra o parlamentarismo puro e simples, o protesto vindo da esquerda a cada congresso do partido, sustentado por um grupo maior ou menor de camaradas em luta encarniçada contra a corrupção cujas funestas consequências deviam aparecer a cada um, todos esses protestos foram taxados de anarquismo, anarcossocialismo ou, no mínimo, de antimarxismo. O marxismo oficial devia servir de cobertura para todas as hesitações, para todos os desvios em relação à verdadeira luta de classes revolucionária, para todas as meias-medidas que condenavam a social-democracia alemã e sobretudo o movimento operário, inclusive o movimento sindical, a definhar nos limites e sobre o solo da sociedade capitalista, sem que houvesse a menor aspiração a sacudir a sociedade, a tirá-la dos eixos.

Camaradas, hoje vivemos o momento em que podemos dizer: retornamos a Marx, retornamos à sua bandeira. Ao declararmos hoje no nosso programa que a nossa tarefa imediata não é outra senão – resumida em poucas palavras – fazer do socialismo uma verdade e um fato e destruir radicalmente o capitalismo, pomo-nos no terreno em que Marx e Engels se encontravam em 1848 e cujos princípios nunca abandonaram. Vê-se agora o que é o verdadeiro marxismo e o que era esse sucedâneo de marxismo (*Muito bem!*) que, sob o nome de marxismo oficial, ocupou tanto espaço na social-democracia alemã. [...]

Será que essa guerra, camaradas, deixou alguma outra coisa da sociedade burguesa além de um enorme monte de ruínas? Formalmente o conjunto dos meios de produção e mesmo numerosos instrumentos do poder, quase todos os instrumentos decisivos do poder, encontram-se ainda nas mãos das classes dominantes. Não nos enganemos a esse respeito. Mas o que elas podem fazer com isso, fora tentativas obstinadas de restabelecer a exploração com um banho de sangue, não passa de anarquia. Elas foram tão longe que hoje o dilema enfrentado pela humanidade é: queda na anarquia ou salvação pelo socialismo. Os resultados da guerra mundial





põem as classes burguesas na impossibilidade de encontrar uma saída no terreno da sua dominação de classe e do capitalismo. É assim que podemos verificar a verdade que precisamente Marx e Engels formularam pela primeira vez num grande documento, o *Manifesto Comunista*, como base científica do socialismo: o socialismo se tornará uma necessidade histórica, no mais estrito sentido da palavra que hoje nós vivenciamos. O socialismo tornou-se uma necessidade, não apenas porque o proletariado não está mais disposto a viver nas condições materiais oferecidas pelas classes capitalistas, mas também porque estamos todos ameaçados de desaparecer se o proletariado não cumprir seu dever de classe, realizando o socialismo. (*Calorosa aprovação.*)

Camaradas, essa é a base geral sobre a qual foi elaborado o programa que hoje adotamos oficialmente e de cujo projeto vocês tinham tomado conhecimento na brochura *O que quer a Liga Spartakus?* Ele encontra-se em oposição consciente à separação entre reivindicações imediatas da luta política e econômica, chamadas de reivindicações mínimas, e o objetivo final socialista, como programa máximo. Em oposição consciente a isso, liquidamos hoje os resultados dos últimos 70 anos de desenvolvimento e, sobretudo, o resultado imediato da guerra, dizendo: para nós, agora, não existe programa mínimo nem programa máximo; o socialismo é uma única e mesma coisa – isso é o mínimo que temos que realizar hoje. (*Muito bem!*) [...]

Camaradas, creio poder dizê-lo com orgulho, nosso congresso é o congresso constitutivo do único partido socialista revolucionário do proletariado alemão. Este congresso coincide, por acaso, ou melhor, para falar com precisão, não por acaso, com uma guinada no desenvolvimento da própria revolução alemã. Pode-se dizer que com os acontecimentos dos últimos dias encerrou-se a fase inicial da revolução alemã, que entramos agora num segundo estágio, mais avançado, do desenvolvimento; é dever de todos nós e, ao mesmo tempo, é fonte de um melhor e mais profundo conhecimento





para o futuro fazermos nossa autocrítica, fazermos um exame crítico aprofundado do que realizamos, do que criamos e do que negligenciamos; isso nos permitirá adquirir pontos de apoio para o nosso procedimento futuro. Lancemos um olhar perscrutador sobre a primeira fase da revolução que acabou de se encerrar.

Seu ponto de partida foi o 9 de novembro. O 9 de novembro foi uma revolução cheia de insuficiências e fraquezas. Não é de admirar. Essa revolução chegou após quatro anos de guerra, após quatro anos no decorrer dos quais, graças à educação da social-democracia e dos sindicatos livres, o proletariado alemão revelou uma dose de infâmia e de renegação de suas tarefas socialistas sem igual em nenhum outro país. Se nos pusermos sobre o terreno do desenvolvimento histórico – e é justamente o que fazemos como marxistas e socialistas –, não se pode esperar ver surgir de repente, em 9 de novembro de 1918, uma revolução grandiosa, com consciência de classe e dos fins a atingir, numa Alemanha que ofereceu a terrível imagem do 4 de agosto e dos quatro anos que se seguiram; o que o 9 de novembro nos fez viver foi muito mais o colapso do imperialismo existente do que a vitória de um princípio novo. (*Aprovação.*) Simplesmente havia chegado o momento em que o imperialismo, colosso de pés de barro, apodrecido por dentro, tinha que desabar; e o que se seguiu foi um movimento mais ou menos caótico, sem plano, pouquíssimo consciente, no qual o único vínculo unificador, o único princípio constante, libertador, era resumido na palavra de ordem: formação dos conselhos de operários e soldados. Era a palavra-chave desta revolução que lhe conferiu imediatamente o caráter especial de revolução socialista proletária – apesar das insuficiências e fraquezas do primeiro momento; e quando vierem com calúnias contra os bolcheviques russos, nunca deveremos esquecer de responder: onde aprenderam vocês o abc da atual revolução? Com os russos, com os conselhos de operários e soldados (*Aprovação.*); e aquela gatinha que hoje, à cabeça do “governo socialista”, considera como sua função, de





mãos dadas com o imperialismo inglês, assassinar traiçoeiramente os bolcheviques russos, apoia-se formalmente nos conselhos de operários e soldados e é obrigada a reconhecer que foi a revolução russa a emitir as primeiras palavras de ordem da revolução mundial. Podemos dizer com segurança – e isso resulta por si mesmo de toda a situação: qualquer que seja o país, depois da Alemanha, em que a revolução proletária irrompa, seu primeiro gesto será a formação de conselhos de operários e soldados. (*Muito bem!*)

É justamente nisso que consiste o vínculo que unifica internacionalmente a nossa ação, é a palavra-chave que separa fundamentalmente a nossa revolução de todas as revoluções burguesas anteriores; é bem característico das contradições dialéticas em que esta revolução se move, aliás como todas as revoluções, que em 9 de novembro, quando deu seu primeiro grito, seu grito de nascimento por assim dizer, ela tenha encontrado a fórmula que nos conduzirá ao socialismo: conselhos de operários e soldados – uma fórmula que agrupou todo mundo. A revolução encontrou instintivamente essa fórmula, apesar de 9 de novembro estar situado muito aquém dela. Em virtude das insuficiências, das fraquezas, por falta de iniciativa pessoal e de clareza sobre as tarefas a realizar, ela deixou escapar, somente dois dias após a revolução, a metade dos instrumentos de poder que havia conquistado em 9 de novembro. Isso mostra, por um lado, que a revolução atual está submetida à lei todo-poderosa da necessidade histórica, o que nos garante que alcançaremos nosso objetivo passo a passo, apesar de todas as dificuldades, complicações e fraquezas pessoais; mas, por outro lado, ao confrontarmos essa palavra de ordem clara com as insuficiências da prática à qual estava ligada, é preciso dizer que esses eram justamente os primeiros passos da revolução; ela terá que fazer um esforço poderoso e percorrer um longo caminho para crescer e realizar plenamente suas primeiras palavras de ordem.

Camaradas, a primeira fase, que vai de 9 de novembro até esses últimos dias, é caracterizada por ilusões de todos os lados.





A primeira ilusão do proletariado e dos soldados que fizeram a revolução foi a da unidade sob a bandeira do “socialismo”. Nada pode caracterizar melhor as fraquezas internas da revolução de 9 de novembro do que o seu primeiro resultado: elementos que, duas horas antes da explosão da revolução, estimavam ter por função persegui-la (*Muito bem*), torná-la impossível, chegaram à cabeça do movimento – os Ebert-Scheidemann com Haase!<sup>64</sup> A ideia da união das diferentes correntes socialistas no júbilo geral da unidade era a divisa da revolução de 9 de novembro – uma ilusão que devia vingar-se de forma sangrenta e com a qual deixamos de viver e de sonhar só nos últimos dias; mesma ilusão da parte dos Ebert-Scheidemann e mesmo dos burgueses – de todos os lados. Além disso, uma ilusão da burguesia ao fim desse estágio: ela esperava, na realidade, manter as massas com rédea curta e reprimir a revolução socialista graças à combinação Ebert-Haase, graças ao “governo socialista”; e uma ilusão de governo Ebert-Scheidemann, que esperava poder deter a luta de classes socialista das massas operárias com a ajuda das massas de soldados do *front*. Essas eram as diversas ilusões que explicam também os acontecimentos dos últimos tempos. Todas as ilusões desfizeram-se em nada. Viu-se que a aliança de Haase com Ebert-Scheidemann sob o emblema do “socialismo” não passava, na realidade, de uma folha de parreira sobre uma política puramente contrarrevolucionária; e como em todas as revoluções, pudemos nos curar dessa ilusão. Existe um método revolucionário particular para curar o povo de suas ilusões, mas a cura é paga, infelizmente, com o sangue do povo. Nesta revolução exatamente como em todas as anteriores. [...]

<sup>64</sup> Hugo Haase (1863-1919). Deputado do SPD em 1897, presidente do partido em 1911, presidente da fração social-democrata no *Reichstag* em 1912. Contra o voto dos créditos de guerra em 1914, vota por disciplina. Torna-se, a partir de 1916, porta-voz da minoria centrista. Um dos dirigentes do USPD desde a sua fundação, membro do Conselho dos Comissários do Povo em 1918, morreu assassinado por um nacionalista.





Mas, camaradas, também se desfez a ilusão dos senhores Ebert-Scheidemann que esperavam ser capazes de subjugar duradouramente o proletariado com a ajuda dos soldados do *front*. Com efeito, qual foi o resultado de 6 e de 24 de dezembro? Todos pudemos perceber o profundo desencantamento das massas de soldados e o início de uma tomada de posição crítica em relação a esses mesmos senhores que queriam utilizá-los como bucha de canhão contra o proletariado socialista. Pois a lei do desenvolvimento objetivo e necessário da revolução socialista quer também que as diferentes tropas do movimento operário sejam levadas pouco a pouco, pela sua própria amarga experiência, a saber qual é o bom caminho da revolução. Fez-se vir para Berlim massas novas de soldados que deviam servir como bucha de canhão para reprimir qualquer movimento do proletariado socialista, e assistimos ao seguinte: várias casernas pedindo panfletos da Liga Spartakus. Camaradas, é o fim da primeira fase. As esperanças dos Ebert-Scheidemann de dominarem o proletariado com a ajuda dos soldados retrógrados já estão em grande parte abaladas. O que os espera num futuro próximo é ver propagar-se, mesmo nas casernas, uma concepção revolucionária cada vez mais clara, ver crescer assim o exército do proletariado em luta e enfraquecer-se o campo da contrarrevolução. Mas resulta daí que mais alguém precisava perder as ilusões: a burguesia, a classe dirigente. Se vocês lerem os jornais dos últimos dias, após os eventos de 24 de dezembro, constatarão um som nítido, claro, de decepção e indignação: os servos lá em cima mostraram-se inúteis. (*Muito bem!*)

Esperava-se que Ebert-Scheidemann se mostrassem os homens fortes, capazes de domar a fera. E que fizeram? Organizaram alguns golpes insuficientes dos quais a hidra da revolução, de cabeça erguida, saiu ainda mais resoluto. Portanto, desilusão recíproca de todos os lados! O proletariado perdeu toda ilusão sobre a aliança Ebert-Scheidemann-Haase como governo “socialista”. Ebert-Scheidemann perderam a ilusão de poder subjugar por muito





tempo os proletários de macacão com a ajuda do proletariado em uniforme de soldado; e a burguesia perdeu a ilusão de poder enganar a respeito dos seus objetivos toda a revolução socialista na Alemanha por meio de Ebert, Scheidemann e Haase. Tudo não passa de uma conta negativa, farrapos visíveis de ilusões perdidas. Mas justamente o fato de só terem ficado esses miseráveis farrapos após a primeira fase da revolução constitui para o proletariado o maior dos ganhos; pois não há nada mais nocivo à revolução que as ilusões, nada mais útil que a verdade franca e clara. [...]

Quais são as perspectivas futuras do desenvolvimento após termos passado a primeira fase? Não se trata evidentemente de profetizar, mas de tirar as consequências lógicas do que vivemos até agora e de deduzir daí os caminhos previsíveis do desenvolvimento próximo para assim orientar nossa tática, nosso método de luta. Camaradas, qual a continuação do caminho? Vocês têm um indício seguro, de uma cor pura e inalterada, nas últimas declarações do novo governo Ebert-Scheidemann. Em que direção pode mover-se o curso do “governo socialista” depois que todas as ilusões, como mostrei, desapareceram? Esse governo perde, a cada dia, um pouco mais do seu apoio nas grandes massas do proletariado; atrás dele permanecem apenas, fora a pequena burguesia, restos, pobres restos de proletários, mas ainda não está muito claro por quanto tempo ficarão atrás de Ebert-Scheidemann. Perderão cada vez mais o apoio das massas de soldados, pois os soldados passaram para o caminho da crítica, da autoconsciência; é certo que esse processo caminha lentamente, mas não pode parar antes da completa tomada de consciência socialista. Perderam o crédito perante a burguesia por não terem se mostrado suficientemente fortes. Em que direção portanto pode continuar o seu caminho? Acabarão completamente e bem rápido com a comédia da política socialista; se vocês lerem o novo programa desses senhores, verão que navegam a todo vapor para a segunda fase, a da contrarrevolução aberta; e poderia mesmo dizer, para a restauração das





condições precedentes, anteriores à revolução. Qual é o programa do novo governo? A eleição de um presidente que ocupará uma posição intermediária entre o rei da Inglaterra e o presidente da América (*Muito bem!*), quase um rei Ebert. [...] As circunstâncias obrigarão Ebert-Scheidemann a recorrer à ditadura, com ou sem estado de sítio. Mas resulta disso que justamente o desenvolvimento produzido até hoje, a lógica dos próprios acontecimentos e a violência que pesa sobre os Ebert-Scheidemann levar-nos-ão a viver, na segunda fase da revolução, um conflito bem mais agudo, lutas de classes bem mais encarniçadas (*Muito bem!*), o que não era anteriormente o caso; um conflito bem mais agudo, não somente porque as fases políticas que enumerei até agora levam à retomada da luta entre revolução e contrarrevolução, corpo a corpo, olhos nos olhos, sem ilusões, mas também porque uma nova chama, um novo incêndio, vindo das profundezas, propaga-se cada vez mais para o conjunto: as lutas econômicas.

Camaradas, é bem característico que o primeiro período da revolução, que vai, pode-se dizer, até 1º de dezembro, e que descrevi – e devemos adquirir plena consciência disso – tenha sido ainda uma revolução exclusivamente política; e nisso reside o primitivismo, a insuficiência, as meias-medidas e a inconsciência dessa revolução. Era o primeiro estágio de uma reviravolta cujas tarefas principais situam-se no campo econômico: a transformação radical das relações econômicas. Era ingênua, inconsciente como uma criança que tateia sem saber aonde vai, e tinha ainda, como disse, um caráter puramente político. Só nas últimas semanas é que as greves, de forma inteiramente espontânea, começaram a fazer-se notar. É preciso declarar desde agora: é da própria natureza desta revolução que as greves cresçam necessariamente cada vez mais, que se tornem o centro, o essencial da revolução. (*Muito bem!*) Ao ser uma revolução econômica torna-se uma revolução socialista. Mas a luta pelo socialismo só pode ser levada a cabo pelas massas, num combate corpo a corpo com o capitalismo, em





cada empresa, opondo cada operário a seu patrão. Só assim será uma revolução socialista.

Certamente, por falta de reflexão, tinha-se uma outra ideia da marcha das coisas. Pensava-se que bastava derrubar o antigo governo e substituí-lo por um governo socialista; publicar-se-iam então decretos para instaurar o socialismo. Mais uma vez isso não passava de ilusão. O socialismo não é feito, não pode ser feito por decretos, nem mesmo de um governo socialista por mais perfeito que seja. O socialismo deve ser feito pelas massas, por cada proletário. É onde estão presos aos grilhões do capitalismo que os grilhões devem ser rompidos. Somente isso é socialismo, somente assim o socialismo pode ser feito.

E qual é a forma exterior da luta pelo socialismo? É a greve, e por isso vimos a fase econômica do desenvolvimento avançar para o primeiro plano, agora no segundo momento da revolução. Gostaria de enfatizar aqui o que podemos dizer com orgulho e que ninguém contestará: nós da Liga Spartakus, o Partido Comunista Alemão, somos os únicos em toda a Alemanha a estar ao lado dos trabalhadores em greve e em luta. (*Muito bem!*) Vocês leram e viram em todas as ocasiões como o Partido Independente se comportou em relação às greves. Não havia absolutamente nenhuma diferença entre a posição do *Vorwärts* e a do *Freiheit*.<sup>65</sup> Foi dito: vocês precisam ser laboriosos, socialismo significa trabalhar muito. E diz-se isso enquanto o capital ainda tem as rédeas na mão! Não é assim que se faz socialismo, mas sim combatendo o capitalismo com toda a energia; todos defendem as exigências do capitalismo desde os piores reacionários até o Partido Independente, até o *Freiheit*, exceto apenas nosso Partido Comunista. Por isso, com esta exposição digo que todos aqueles, sem exceção, que não se situam no nosso terreno comunista revolucionário combatem as greves da maneira mais violenta.

<sup>65</sup> *Vorwärts*: órgão central do SPD, publicado em Berlim de 1891 a 1933. Em 1916 passa às mãos dos social-democratas majoritários. *Die Freiheit*: órgão do Partido Social-Democrata Independente (USPD), publicado em Berlim de novembro de 1918 a outubro de 1922.





Daí resulta o seguinte: não somente as greves se estenderão cada vez mais na próxima fase da revolução, como ocuparão o centro, o ponto nevrálgico da revolução, reprimindo as questões puramente políticas. Vocês verão que ocorrerá, na luta econômica, um enorme agravamento da situação. Pois com isso a revolução chega ao ponto em que a burguesia não entende mais a brincadeira. A burguesia pode permitir-se mistificações no plano político, onde a dissimulação ainda é possível, onde pessoas como Ebert-Scheidemann podem ainda apresentar-se sob uma etiqueta socialista, mas não onde aparece o lucro. Ela porá então o governo Ebert-Scheidemann perante a seguinte alternativa: acabar com as greves, suprimir a ameaça de estrangulamento que o movimento grevista faz pesar sobre ela, ou os senhores Ebert-Scheidemann serão postos fora do jogo. Penso também que as medidas políticas tomadas por eles bastarão para pô-los em breve fora do jogo. Ebert-Scheidemann sofrem particularmente por não terem sentido muita confiança da parte da burguesia. A burguesia refletirá antes de cobrir com o manto de arminho a rude figura de *parvenu* de Ebert. Se chegarmos a isso, dir-se-á que, no final das contas, não basta ter sangue nas mãos, mas que é preciso ter sangue azul nas veias (*Muito bem!*); se chegarmos a isso, dir-se-á: se queremos um rei, não precisamos de nenhum arrivista que nem sequer sabe comportar-se como rei. (*Risos*)

Assim, camaradas, os senhores Ebert-Scheidemann estimulam a expansão de um movimento contrarrevolucionário. Mas assim como eles não extinguirão as labaredas que se elevam da luta econômica de classe, seus esforços também não satisfarão a burguesia. Eles afundarão, ou para dar lugar a uma tentativa da contrarrevolução que se concentra para uma luta desesperada em torno do senhor Groener,<sup>66</sup> ou visando estabelecer uma ditadura militar declarada sob Hindenburg, ou eles deverão ceder a outras forças contrarrevolucionárias. [...]

<sup>66</sup> Groener, general monarquista que pôs o Exército à disposição de Ebert, com a condição de este se dispusesse a aniquilar a revolução.





E o que restará ao falido governo Ebert-Scheidemann ou a qualquer outro pretenso governo social-democrata no poder? Eu disse que a massa do proletariado já lhes escapou das mãos, que igualmente os soldados deixaram de ser utilizáveis como bucha de canhão contrarrevolucionária. O que resta pois a esses pobres coitados para salvar a sua situação? Resta-lhes ainda uma chance; e se vocês leram hoje as notícias, camaradas, verão onde estão as últimas reservas que a contrarrevolução alemã enviará contra nós se for preciso bater com força. Vocês todos leram que em Riga as tropas alemãs, de braços dados com os ingleses, marcham já contra os bolcheviques russos. Camaradas, tenho em mãos documentos que nos permitem ter uma visão de conjunto sobre o que se passa atualmente em Riga. A coisa toda provém do Alto Comando do 8º Exército, de comum acordo com o Senhor August Winnig,<sup>67</sup> social-democrata alemão e dirigente sindical. As coisas sempre foram apresentadas como se os pobres Ebert-Scheidemann fossem vítimas da *Entente*. Mas já há semanas, desde o início da revolução, a tática do *Vorwärts* consistia em fazer crer que a *Entente* desejava sinceramente sufocar a revolução na Rússia, e foi assim que a própria *Entente* teve essa ideia. [...]

É contrarrevolução o que se faz aqui. Vocês foram informados, há algum tempo, sobre a formação da “Divisão de Ferro”, destinada expressamente a lutar contra os bolcheviques nos países bálticos.<sup>68</sup> Não era clara a posição do governo Ebert-Scheidemann

<sup>67</sup> August Winnig (1878-1956). Pedreiro qualificado, em 1913 presidente da União dos Operários da Construção Civil. Nomeado em novembro de 1918 plenipotenciário do *Reich* para os países bálticos e comissário do *Reich* para a Prússia ocidental e oriental, tornou-se em 1919 presidente supremo da Prússia oriental. Derrubado em 1920, foi expulso do partido pela participação no *putsch* de Kapp.

<sup>68</sup> Desde meados de novembro de 1918, o Alto-Comando do Exército em Riga, em concordância com o comissário do *Reich* para os países bálticos, August Winnig, iniciou a formação de grupos voluntários contrarrevolucionários, como a “Divisão de Ferro”, com o objetivo de combater os trabalhadores bálticos, finlandeses e poloneses. Na Alemanha, esses corpos francos tornaram-se destacamentos decisivos na guerra civil contra a revolução.





a esse respeito. Vocês sabem agora que foi esse mesmo governo que propôs isso.

Camaradas, ainda uma pequena observação sobre Winnig. Podemos tranquilamente dizer que os dirigentes sindicais alemães – não é nenhum acaso que um dirigente sindical preste tais serviços políticos –, que os dirigentes sindicais alemães e os social-democratas alemães são os maiores e mais infames patifes que o mundo jamais conheceu. (*Aplausos entusiásticos.*) Vocês sabem onde deveria estar essa gente, Winnig, Ebert, Scheidemann? Segundo o código penal alemão, que eles mesmos declararam plenamente válido e segundo o qual aplicam a justiça, o lugar dessa gente é nos trabalhos forçados! (*Gritos entusiásticos e aplausos.*) Pois, de acordo com o código penal alemão, é punido com os trabalhos forçados quem procura recrutar soldados alemães a serviço do exterior. E podemos dizer tranquilamente que temos hoje à cabeça do “governo socialista” não apenas pessoas que são os Judas do movimento socialista, da revolução proletária, mas também celerados que não pertencem a uma sociedade decente. (*Aprovação entusiástica.*) [...]

Camaradas, para retomar o fio da minha exposição: é claro que todas essas máquinas, a formação das divisões de ferro e, sobretudo, o mencionado acordo com o imperialismo alemão nada mais significam que as últimas reservas destinadas a sufocar o movimento socialista alemão; mas a questão crucial, a questão que se relaciona com as perspectivas de paz, está estreitamente ligada a isso. Que vemos nós em todos esses arranjos senão a tentativa de reatizar a guerra? Enquanto na Alemanha esses patifes representam a comédia, fingem não ter mãos a medir para instaurar a paz e pretendem sermos nós os desmancha-prazeres, as pessoas que suscitam o descontentamento da *Entente* e que protelam a paz, preparam-se para reatizar a guerra com suas próprias mãos, a guerra no Leste, à qual se seguirá rapidamente a guerra na Alemanha. Também aqui é a situação que nos leva a entrar num período de conflitos violentos.





Junto com o socialismo e com os interesses da revolução, teremos que defender também os interesses da paz mundial. Isso confirma justamente a tática que nós, espartakistas, sempre fomos os únicos a defender, em qualquer oportunidade, durante os quatro anos da guerra. Paz significa revolução mundial do proletariado! Não há nenhum outro meio para instaurar e garantir realmente a paz senão a vitória do proletariado socialista. (*Aprovação calorosa.*)

Camaradas, que resulta disso para nossa linha tática geral na situação em que nos encontraremos em breve? A primeira consequência a tirar é certamente a esperança de ver cair o governo Ebert-Scheidemann, que seria substituído por um governo declaradamente revolucionário, socialista e proletário. Contudo, gostaria de chamar-lhes a atenção, não para cima, mas para baixo. Não podemos continuar a alimentar, a repetir a ilusão do primeiro período da revolução, do 9 de novembro, como se para fazer a revolução socialista bastasse derrubar o governo capitalista, substituindo-o por outro. Não se pode conduzir a revolução socialista à vitória, a não ser que se proceda da maneira inversa: minando, passo a passo, o governo Ebert-Scheidemann por uma luta de massa do proletariado, social e revolucionária; gostaria de lembrar-lhes aqui uma série de insuficiências da revolução alemã, que não foram superadas com a primeira fase e que mostram com clareza que, infelizmente, ainda não chegamos ao ponto de garantir a vitória do socialismo derrubando o governo. Tentei mostrar-lhes que a revolução de 9 de novembro foi sobretudo uma revolução política, quando precisa tornar-se sobretudo econômica. Mas foi também apenas uma revolução urbana, o campo não foi praticamente tocado. Seria loucura realizar o socialismo sem a agricultura. Do ponto de vista da economia socialista, não se pode de maneira alguma reestruturar a indústria sem amalgamá-la imediatamente com uma agricultura reorganizada segundo os princípios socialistas. A ideia mais importante da ordem econômica socialista consiste em suprimir a oposição e a separação entre a





cidade e o campo. Se adotarmos um ponto de vista socialista, essa separação, essa contradição, essa oposição constitui um fenômeno puramente capitalista que precisa ser rapidamente suprimido. Se quisermos seriamente uma reestruturação socialista, vocês precisam prestar atenção, tanto ao campo quanto à cidade, e, neste ponto, infelizmente, não nos encontramos sequer no começo do começo. Agora precisamos trabalhar seriamente nisso, não apenas porque não podemos socializar sem a agricultura, mas também porque, se tivermos contado as últimas reservas da contrarrevolução contra nós e contra nossos esforços, há ainda uma reserva importante que não contamos, os camponeses. Justamente por não terem sido tocados até agora, permanecem uma reserva para a burguesia contrarrevolucionária. E a primeira coisa que ela fará, quando a chama das greves socialistas lhes chegar aos calcanhares, será mobilizar os camponeses, os partidários fanáticos da propriedade privada. Contra esse ameaçador poder contrarrevolucionário não há outro meio senão levar a luta de classes ao campo, senão mobilizar o proletariado sem terra e o pequeno camponês contra os camponeses ricos. (*Bravo e aplausos*)

Pode-se concluir daí o que nos resta fazer para garantir os pressupostos do sucesso da revolução e, por isso, gostaria de resumir assim nossas próximas tarefas: precisamos sobretudo, no futuro, estender em todas as direções o sistema dos conselhos de operários e soldados, mas principalmente o sistema dos conselhos de operários. O que fizemos em 9 de novembro é apenas um débil começo, e não só isso. Na primeira fase da revolução perdemos mesmo, novamente, grandes instrumentos de poder. Vocês sabem que a contrarrevolução procedeu a uma desmontagem contínua do sistema de conselhos de operários e soldados. No Hesse, os conselhos de operários e soldados foram completamente suprimidos pelo governo contrarrevolucionário; em outros lugares, os instrumentos de poder são-lhes arrancados das mãos. Por isso não devemos apenas estender o sistema de conselhos de operários e soldados,





mas também incorporar os operários agrícolas e os pequenos camponeses a esse sistema. Precisamos tomar o poder, precisamos pôr assim a questão da tomada do poder: o que faz, o que pode fazer, o que deve fazer cada conselho de operários e soldados em toda a Alemanha? (*Bravo!*) É aí que reside o poder; devemos solapar o Estado burguês a partir da base, não separando mais por todo lado os poderes públicos, a legislação e a administração, mas unindo-as, pondo-as nas mãos dos conselhos de operários e soldados.

Camaradas, eis um imenso campo a lavrar. Devemos fazer os preparativos de baixo para cima, devemos dar aos conselhos de operários e soldados tal poder que quando o governo Ebert-Scheidemann ou outro parecido for derrubado isso será apenas o ato final. Assim, a conquista do poder não deve ser feita de uma vez, mas ser progressiva: nós nos introduziremos no Estado burguês até ocuparmos todas as posições, que defenderemos com unhas e dentes. E a luta econômica, na minha opinião e na dos meus amigos mais próximos no partido, deve ser igualmente conduzida pelos conselhos de operários. São também os conselhos de operários que devem dirigir os conflitos econômicos e fazer-lhes tomar vias sempre mais largas. Os conselhos de operários devem ter todo o poder no Estado. É nessa direção que devemos trabalhar nos próximos tempos; se assumirmos essa tarefa, resulta daí que devemos contar com uma colossal exacerbação da luta nos próximos tempos. Pois trata-se de lutar passo a passo, corpo a corpo, em cada Estado, em cada cidade, em cada aldeia, em cada comuna, a fim de transferir para os conselhos de operários e soldados todos os instrumentos do poder que será preciso arrancar, pedaço a pedaço, à burguesia.

Para isso, é preciso primeiro educar nossos camaradas, é preciso educar os proletários. Mesmo onde existem conselhos de operários e soldados, ainda falta a consciência de quais são as funções dos conselhos de operários e soldados. (*Muito bem!*). Precisamos primeiro ensinar às massas que o conselho de operários e soldados deve ser, em todas as direções, a alavanca da maquinaria do Estado,





que ele deve apoderar-se de todos os poderes para fazê-los convergir para o mesmo canal: a transformação socialista. Mesmo as massas operárias, já organizadas nos conselhos de operários e soldados, encontram-se a milhas disso, exceto naturalmente algumas pequenas minorias de proletários, que têm clara consciência de suas tarefas. Isso não constitui uma carência, mas é algo muito normal. É exercendo o poder que a massa deve aprender a exercer o poder. Não há nenhum outro meio de lhe ensinar isso. Felizmente, foi-se o tempo em que se tratava de ensinar o socialismo ao proletariado. Para os marxistas da escola de Kautsky esse tempo parece não ter acabado. Educar as massas proletárias de maneira socialista significa fazer-lhes conferências, distribuir panfletos e brochuras. Não, a escola socialista dos proletários não precisa de nada disso. Eles são educados quando passam à ação. (*Muito bem!*). No princípio era a ação, é aqui a divisa; e a ação consiste em que os conselhos de operários e soldados se sentem chamados a tornar-se o único poder público em todo o *Reich* e aprendem a sê-lo. Só dessa maneira podemos minar o solo, a fim de que se torne maduro para a transformação que deve coroar nossa obra. Eis por que, camaradas, era por um cálculo claro, com uma consciência clara que declaramos ontem, que eu, em particular, disse: “Parem de encarar a luta tão levemente!”. O que foi mal interpretado por alguns camaradas, acreditando que eu os acusava de quererem ficar de braços cruzados a boicotar a Assembleia Nacional. Nem em sonhos isso me ocorreu. Simplesmente eu não podia mais estender-me sobre o assunto; no quadro e no contexto de hoje tenho essa possibilidade. Quero dizer com isso que a história não nos faz a tarefa tão fácil como nas revoluções burguesas, em que bastava derrubar o poder oficial no centro e substituí-lo por alguns homens, ou por algumas dúzias de homens novos. Precisamos trabalhar de baixo para cima, o que corresponde precisamente ao caráter de massa da nossa revolução, cujos objetivos visam aos fundamentos, ao solo da constituição social, o que corresponde ao caráter da atual





revolução proletária; devemos conquistar o poder político não por cima, mas por baixo. O dia 9 de novembro foi a tentativa de abalar os poderes públicos, a dominação de classe, uma tentativa débil, incompleta, inconsciente, caótica. Agora é preciso dirigir, com total consciência, toda a força do proletariado contra os fundamentos da sociedade capitalista. É na base, onde cada patrão se defronta com seus escravos assalariados, na base, onde todos os órgãos executivos da dominação política de classe se defrontam com os objetos dessa dominação, as massas, é lá que devemos arrancar, passo a passo, os instrumentos de poder aos dominantes, pondo-os nas nossas mãos. Tal como o descrevo, o processo parece talvez mais demorado do que se estava inclinado a ver num primeiro momento. Penso que é saudável para nós encararmos com plena clareza todas as dificuldades e complicações desta revolução. Pois espero que, assim como eu, nenhum de vocês deixará a descrição das grandes dificuldades, das tarefas que se acumulam, paralisar seu ardor ou sua energia; ao contrário, quanto maior a tarefa, mais concentraremos todas as nossas forças; e não esquecemos: a revolução sabe realizar sua obra com extraordinária rapidez. Não pretendo profetizar de quanto tempo esse processo precisa. Qual de nós faz a conta, qual de nós se preocupa com que nossa vida mal baste para consegui-lo? Importa somente que saibamos com clareza e precisão o que temos que fazer; e o que temos que fazer, espero tê-lo de algum modo exposto, com minhas poucas forças, em suas grandes linhas.

Ata do Congresso de fundação do  
Partido Comunista Alemão  
(de 30 de dezembro de 1918 a 1° de janeiro de 1919)

